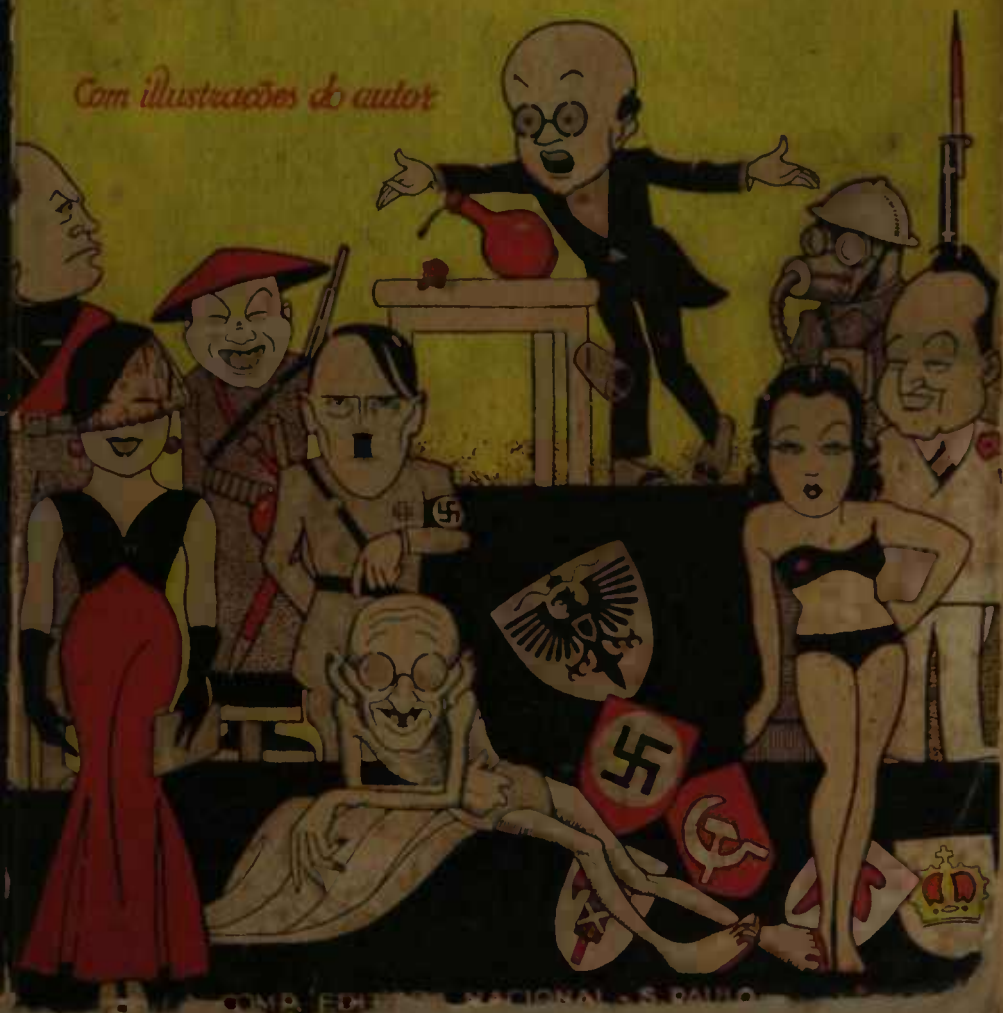


# Assim falou Juca Pato

(Aspectos divertidos de uma confusão dramática)

Com ilustrações do autor





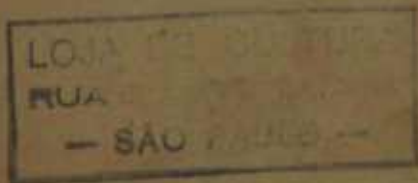
*Para Adalberto  
Rua dos Gusmões, 26 - São Paulo, 22/11/33*

BELMONTE

# ASSIM FALOU JUCA PATO

ASPECTOS DIVERTIDOS DE UMA  
CONFUSÃO DRAMÁTICA

ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR



COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
Rua dos Gusmões, 26 - 28 - 30 São Paulo 1933



## P R E F A C I O

**Q**UANDO um plúmifero publica o seu primeiro livro, não se fórra á praxe de apparecer, tímido e circumflexo, nos humbraes da obra, e balbuciar, com a mais deslavada das hypocrisias, que "dá a lume os seus modestos ensaios" devido exclusivamente "á insistencia dos amigos". Elle, que reconhece a desvalia de tudo quanto escreveu, não pretendia sahir da penumbra em que sempre tem vivido. Os amigos, contudo, não pensaram do mesmo modo. Pediram, rogarão, imploraram... E o autor, que não sabe oppôr uma negativa á insistencia daquelles que o honram com a sua amizade, não pôde furtar-se a tão reiteradas manifestações de sympathia e publicou a obra.

Como se vê, os amigos servem para tudo, principalmente para arcarem com a responsabilidade de quanto trabuço literario anda entulhando os porões das livrarias.

\* \* \*

Todavia, peço licença para fugir á regra e para declarar, com a coragem que me caracteriza, que publico este livro por minha conta e risco, sob a minha integral e exclusiva responsabilidade.

*Prézo muito os meus bons amigos; e por prezal-os assim, não pretendo envolvel-os nesta aventura temeraria, fazendo-os assumir a responsabilidade dos disparates que apenas eu escrevi, em plena lucidez de espirito — não cabendo, portanto, na opinião da critica que tentar absolver-me deste feio delicto, nem sequer a derimente elastica da privação dos sentidos.*

\* \* \*

*Haverá quem extranhe esta declaração. Se eu sei que este livro não vale nada, por que motivo o publico?*

*E' que tenho razões de sobra para isso.*

*O leitor, nas suas continuas incursões pelas paginas dos jornaes, ha de ter observado que o mundo, de quinze annos a esta parte, está literalmente virado pelo avesso. Tudo quanto se faz, aqui e alhures, é exactamente, mathematicamente o inverso daquillo que deveria ser feito. Acontece, ainda, que, neste seculo de inquietude universal, ninguem está satisfeito com o que é, nem feliz com o que tem. Dispensom-me de citar exemplos; estes são tão nítidos e evidentes que sómente os cegos não o vêem — embora os conheçam por ouvir dizer. Os povos que vivem sob o absolutismo, anseiam pela constituição. Os que vivem sob a égide das leis, reclamam a dictadura. Os que vivem no extremismo da esquerda, berram pelo fascismo. Os que estão sob o extremismo da direita, gritam pelo communismo...*

*Entre os povos, é isso o que se vê. E entre os particulares a insatisfação é mais gritante. Se me apresentarem um homem, um só, que esteja satis-*

feito com a sua sorte, eu o levarei á canonisação, porque um sêr dessa ordem deve ser, positivamente, extraterreno.

Ora, enquanto os homens se entrechocam em tão tumultuarias contradicções, os apóstolos, serenamente, evangelizam, procurando chamal-os á razão. Uns, como o Christo, persuadem. Outros, como Saulo, apostropham. Outros, ainda, como Jeremias, choram.

E' evidente, porém, que todos elles se esfalsam inutilmente. Os apóstolos já publicaram, nestes ultimos quinze annos, mais de um milhão de livros, e o mundo continúa cada vez peor. Estamos em pleno caos, atrados na desnorteante confusão que caracteriza o periodo genesisico de um mundo novo. Essa bola de ouro, que rolava no vácuo, rutilandò como um sol, é agora, apenas, uma bóla de lama que enche de nauseas todo o systema planetario. O nobilissimo metal, apodreceu, inexplicavelmente. E é na tentativa allucinante de realisar uma alchimia sensacional, que a humanidade está se espaindo em lutas cyclopicas, á espera de um Moysés que reerga o "bezerro de ouro"...

Mas o Moysés não apparece mais. Apenas, de vez em quando, chega até nós a voz longinqua de Jeovah no "Exodo":

"10 — Agora, pois, deixa que o meu furor se accenda contra elles, e os consuma; e eu te farei uma grande nação".

E a confusão continúa. Continúam os disparates, as contradicções, os despropósitos, enfim, a victoria do avesso.

Ora, enquanto o mundo se virava pelo avesso, eu — que, inexplicavelmente também, virára jornalista — ia, diariamente, escrevinhando chronicas na “Folha da Noite”, e registando os disparates que passavam ao alcance da minha pena. Que esses disparates eram — e continuam sendo, incontaveis, está no facto de eu ter podido escrever, uma chronica todos os dias e ainda me sobrarem assumptos.

São algumas dessas chronicas que se encontram neste livro. Pretendo, reunindo-as em volume, prestar um inestimavel serviço aos historiadores futuros que encontrarão, aqui, narrativas fieis do que foram alguns episodios fugidios da historia do mundo, nestes dias tumultuarios de subversão social, politica, economica, financeira e domestica.

Não são photographias. Nem desenhos. Nem, sequer, caricaturas.

Esboços, apenas. Traços rapidos de pequenos detalhes.

E feitos, como o foram, no tumulto da redacção, para saciar a voracidade implacavel das typos, não têm estylo, nem contextura, nem uniformidade. Talvez, mesmo, sejam confusos e contradictorios.

Mas não os alterei, a não ser num ou noutro cochilo da revisão do jornal, ou nalgum somno meu, mais prolongado. Conservo-os assim, porém, informes e difusos, para que estejam de accordo com a época.

Apenas essa uniformidade se encontrará nestas paginas: a uniformidade na confusão..



*Com a publicação deste livro não pretendo apresentar soluções para os problemas políticos, economicos, sociaes ou financeiros que affligem a humanidade. Não pretendo, com elle, amparar o mundo na sua degradingolada para o abysmo, nem corrigir a sociedade pervertida, nem salvar a civilização periclitante.*

*O leitor encontrará, ás vezes, aqui e alli, num ou noutro topico, num arzinho cathedratico, uma tentativa de insinuação a proposito da solução de tal ou qual problema. Não faça caso. E' effeito do ambiente. A verdade é que este livro não pretende salvar coisa nenhuma.*

*E' a unica qualidade que elle tem.*

B.



**A S S I M F A L O U**



## LITERATURA

**U**M dos mais notáveis escriptores do Brasil, autor de varios livros que o levariam á gloria e á fortuna se fossem escriptos em inglez e publicados em qualquer outra parte do mundo, está ganhando a vida, agora, nesta Paulicéa desempregada, escrevendo romances em folhetins, sob um pseudonymo complicado.

O facto dessa obra ser publicada em prestações e lançada no mercado aos pedaços, a preço de bananas, está perfeitamente de accôrdo com esta época de cambio hibernal, a varios graus abaixo de zero, em que até os phosphoros acabarão se vendendo a prazo, em dez mensalidades.

Acontece, porém, que, para levar a cabo um romance desse genero, deve o escriptor, antes de mais nada, arrancar-lhe todo pensamento, toda idéa, todo estylo — e alagal-o de sangue.

O leitor de folhetins não pede arte — exige tragedias. Não pretende educar-se — quer divertir-se. E divertir-se, para o leitor de folhetins, é apavorar-se com mysterios e arripiar-se com crimes. Quanto mais barbaro e quanto mais inquisitorial fôr um castigo, tanto mais o leitor se diverte e tanto mais o folhetim se vende.

“As aventuras de Lampeão”, “O tenente Galinha”, “O crime da mala” e outras obras-primas no genero são mais disputadas pelos leitores na-

cionaes do que qualquer livro de educação ou cultura. As suas tiragens crescem, dia por dia, as suas edições se esgotam, os escrevinhadores enriquecem e o publico se "diverte".

Ora, todo homem precisa viver. E se esse homem é escriptor, que viva da sua penna. Que faz, então, o literato? Delinea a sua obra na imaginação. Debuxa-a, no cerebro, amolda-a, esculpe-a e, um dia, lança-a num livro. Trabalho extenuante, de mezes ou de annos, espera a consagração e a fortuna.

A consagração vem, pouco depois, porque o escriptor tem amigos nos jornaes. Mas a fortuna foge-lhe em patins, porque, dos mil exemplares que expoz á venda, cem elle offereceu aos conhecidos, cincoenta foram comprados por mais centena de malucos e o resto encalha como um navio do Lloyd.

Não era aquillo que o publico queria!

Que fazer? Descompôr o publico?

Não. Dar-lhe apenas o que elle quer.

E surgem, então, as tragedias em folhetins.

E surgem, tambem, as poesias para serem cantadas com as musicas em voga, em que uma mulher mata o marido e o bardo assassina a grammatica. Poemas assim:

Uma tragedia muito horrivel

Realizou-se outro dia

Na cidade de Campinas

O pae matou a filha.

Com sete covardes facadas  
Lhe cravou no coração  
E a infeliz donzella ensanguentada  
Morreu completamente no chão.

No dia seguinte os garotos apregoam nas ruas:

— “A modinha do pae que matou a filha!”

O povo compra, a policia dorme e o bardo enriquece.

“Esta é a ditosa terra minha amada!”

## ENGORDAR

**N**OTICIARAM as agencias publicitarias de Hollywood que alguns directores cinematograficos, por motivos que só elles e Deus sabem, intimaram algumas “estrellas” a abandonar os regimes a que se submettiam para se conservarem magras, e substituirem-nos por outros afim de engordarem.

Entre as “estrellas” que receberam a estranha ordem, encontra-se Joan Crawford que é, como se sabe, o espelho vivo das nossas elegantes.

Essa noticia, aparentemente futil, tem para nós uma importancia difficil de occultar, principalmente se levarmos em conta que hoje, nestas terras morenas — como, aliás, em todas as terras — ninguem faz nada que não seja aconselhado pelo cinema. E tratando-se, então, de assumptos femininos — moda e belleza, por exemplo — o cinema é que diz a ultima palavra, ainda que o faça em “slang”, não admittindo contradictas, nem objecções.

Ora, as minhas galantes pátricias, de ha uns tempos para cá, têm passado uma vidinha nem sempre invejavel, submettendo-se ás mais estafantes gymnasticas e aos mais assustadores regimes para perderem as lindas curvas que Deus lhes deu. E quem as obriga a isso? Nós? Não, meus amigos... Elles!



Elles, quem?

Os directores cinematographicos. No julgamento das Graças, neste seculo dinamico, os Paris se encontram em Hollywood. São elles que, deante das mulheres de todo o mundo, impõem regras e ditam leis, em assumptos de esthetica e de moda. Geralmente elles são judeus ou allemães, fumam charutos vulcanicos, andam em mangas de camisa, soffrem de neurasthenia e são malcriados. São elles os dictadores da plastica feminina em nossos tempos. Desde o B. O. D., que não é propriamente um bode, mas o "box-office-director" até o "casting-director", não ha pae, nem marido, nem noivo, nem ninguem, capaz de revogar uma ordem dirigida por elles, lá dos cafundós da California, ás mulheres de todo o mundo.

Houve tempo em que esses "ukases" vinham de Paris, da bocca de Worth, de Paquin ou de Doucet. Para obedecel-os, as mulheres se submettiam, com uma commovente resignação, a todos os supplicios, principalmente o de usarem aquelles inconcebiveis "devant-droits" que suspendiam os seios até a garganta e atiravam o estomago para as costas. Agora, porém, a dictadura branca se transferiu para a America, para uma fantasmagorica cidadinha do Oeste americano. E, de vez em quando, apparecem-nos em filmes as ultimas vontades desses homens sensacionaes. Elles não impõem: suggerem. Não exigem: insinuam. Ao fim de uma sessão cinematographica ouve-se, á porta:

- Você viu como a Garbo está magra?
- E' mesmo. A Constance tambem.
- E falando fanhoso, você ouviu?
- Agora é chic!

E fica estabelecido então que, para ser *chic*, é preciso usar um vestido igual ao da Garbo, ser magra como a Constance e falar fanhoso.

— Você leu aqui? (E lá aparece um “picture magazine” qualquer). Quasi todas as “estrelas” da Paramount estão pintando os cabellos de vermelho. As “pound-sterling” estão fóra da moda. Chegou a vez das “red-haired”.

E fica estabelecido também que é preciso avermelhar os cabellos.

Afinal de contas tudo isso serve de passatempo. Até mesmo o regime de fome. Este, porém, parece que vai chegar ao fim. Joan Crawford, no seu ultimo film, já está de posse de algumas curvas interessantes que havia perdido por ordem de seu director. Norma Shearer também. E Marian Marsh, Joan Bennet e dizem que até a Charlotte Greenwood. Nas revistas de Nova York já se encontram annuncios com estes titulos: “Are you flat chested? “Wish you to fat?” Em todos os Institutos de Belleza já se descobriu o “sure way” para cobrir as angulosidades do corpo com curvas provocadoras. Enfim, o cinema exige agora que as mulheres engordem um pouco, que façam gymnastica, que abandonem seus regimes e suas dietas, que se desenvolvam, que comam, que se alimentem.

Numa época de crise como esta? Pezames aos paes de familia.

## A BONDAD E

**L**I algures, não me lembro quando, nem onde, uma historia que vou tentar resumir aqui.

Num cinema. Apagam-se as luzes. Os projectores estendem na treva uma faixa de luz e, na tela, movem-se as personagens de um drama.

Um filme sentimental, ingenuo e simples, de uma simplicidade toda domestica, sem lances heroicos, nem scenographias espaventosas. Uma historia feita mais para o coração, do que para a vista ou para o cerebro.

A historia sentimental vae-se desenrolando, lenta mas firme, com seus lances commoventes e suas scenas dolorosas quando, lá pela quinta parte, o filme se descolla. Num apice, abrem-se as luzes. E, dois espectadores que, juntos, se haviam sentado nas primeiras filas, encaram-se. E um delles, vendo que o outro, rapidamente, com um dedo tremulo, tenta afastar uma lagrima indiscreta de entre os cilios, sorrindo pergunta-lhe:

— Que é isso, homem! Você está chorando?

E o outro, rubro e confuso, balbucia:

— Eu? Não. Porque?

— Você está com os olhos alagados de lagrimas!

— Ah! mas não é choro, não. Tinha graça, eu chorar no cinema! Isso me acontece sempre que me sento nas primeiras filas. A intensidade

da luz faz-me mal desta distancia... Eu chorar. Era só o que faltava! E, ainda mais, por causa de uma fita! Ora!

Entretanto, esse homem sabia que estava mentindo, porque, com effeito as scenas do filme o commoveram tanto que as lagrimas lhe vieram aos olhos. Mas mentiu, negou com firmeza a sua commoção, como se as suas lagrimas tivessem o direito de se escoarem por um phenomeno physiologico irreprimivel, mas não por motivos sentimentaes.

Em summa, esse homem envergonhava-se de ter-se commovido ante uma scena emocional, envergonhava-se de ter um coração sensível, envergonhava-se por ter sentido, profundamente, a desgraça alheia!

Tinha vergonha de ser bom!

\*  
\* \* \*

### Vergonha de ser bom!

Esse facto é o indice de uma época. Ninguém, neste seculo de ambições desenfreiadas e irreprimiveis, tem mais a "coragem" de ser bom. Ha, evidentemente, os que não o são, aquelles que, a dar-se credito no Velho Testamento, descendem de Caim. Mas ha os que o são e que, vendo-se em minoria entre legiões de maus, fazem o possivel para adormecer o coração porque este organo romantico, num tempo destes, só serve para atrapalhar. Todo o mundo trata de escondel-o e nem mesmo nas declarações de amor elle apparece mais!

Um homem bom, hoje, é apontado a dedo como um sêr extraterreno ou anachronico. Não

ha quem o leve a sério. Quando algum delles passa e ha alguem que pergunte quem elle é, responde-se logo:

-- E' Fulano de Tal.

E accrescenta-se, piedosamente:

— Um bom homem, coitado!

O "coitado" é sempre indispensavel, quando se refere a um homem bom. Por que? Sei lá: O factó existe e eu o exponho, sem lhe adduzir mais commentarios.

\*

Essas observações vieram-se á penna agora, quando li nos jornaes que vae realizar-se em São Paulo a "Semana da Bondade".

Ora, a bondade é um sentimento innato no homem. Ou elle é bom ou é mau. Se é bom, elle o é o anno inteiro, a vida toda. Se é mau, não ha "semana" que o modifique para melhor.

A "Semana da Bondade", coitudo vem servir para documentar a minha these: ha por ahi, nesse turbilhão mundano, muita gente boa fazendo força para parecer má, e muitas dellas completamente esquecidas do que seja bondade. E a "semana" vem servir-lhes de lembrete. Durante uma semana a Bondade estenderá suas azas protectoras sobre São Paulo.

Mas só durante uma semana. No oitavo dia voltaremos ao "statuo quo", isto é, voltaremos a ser homens do nosso tempo, procurando comermos-nos mutuamente...

.. Homini lupus.

## A CIDADE E OS CAMPOS

CADA vez que se fala em filme italiano, vem-nos logo á memoria um dramalhão assustador, com Emilios Chiones mal encarados, galans gesticulantes, Francescas Bertinis descabeladas e, como ponto final da calamidade, uma “vendetta” sanguinolenta que elimina de uma vez todo o elenco da fita.

Habituaados, como estamos, a essas excellentes senhoras americanas que “sophisticateds”, surgem diante de nós com meneios lubricos ou, como dizem os chronistas especializados, “very lustfuls” ao lado de “idle-boys” de bigodinho, não podemos admittir mais que Francescas de olheiras funebres venham nos amargar a noite com seus descabellamentos lyricos, despetalando malmequeres aos pés de um marquez pansudo da Calabria.

Hontem, entretanto, eu vi um filme italiano. Não sei como me encontrei diante da tēla. Sei que vi o filme e sahi assombrado.

Nem “primas-donas” sentimentaes, nem condes gesticulantes, nem adulterios, nem “vendettas”.

Apenas um filme com uma these. Parece nada. E é tudo.

These que faz lembrar, vagamente, a “Cidade e as Serras” do Eça, levada a effeito por um director que ainda vae acabar em Hollywood.

Eis a razão por que hoje se fala de uma coisa séria, como é o cinema, nesta meia columna dedicada, habitualmente, ás coisas frívolas, como a lei marcial, o voto secreto, a dictadura, a constituinte, etc.

O exodo dos campos, com a consequente invasão das cidades, o abandono da "terra-mater" pelas galas artificiosas da urbe, é o problema que está enchendo o mundo de cabellos brancos, nesta éra industrializada e materialista.

Ha quem, para resolver esse problema, lance mão de recursos poeticos e cante aos ouvidos das multidões, como Vergilio, ou como o filme, as delicias da vida do campo, o encanto das paisagens, o murmurio dos regatos, o trinar dos passaros.

Essas odes, porém, não encontram éco na alma inquieta dos homens. O scenario bucolico, tão lindamente pintado pelos sonhadores, desmancha-se como nevoa, e todo o mundo vae ficando por aqui mesmo, pelos cabarés e pelos riques, vivendo de "médiás", ou de brisas, mas, em todo caso, vivendo.

E a vida nas cidades vae se tornando cada vez mais aspera. As legiões dos "sem trabalho" crescem dia por dia. Ha miseria. Ha fome. E lá longe, entretanto, a "terra mater" a acenar, a chamar, a offerecer o seio uberrimo á multidão dos famintos. Uns cáem, succumbidos, entre o esplendor da urbe fascinadora. Outros suicidam-se á porta dos palacios. Outros ainda...

Outros ainda querem voltar, mas...

— O sr. comprehende. Eu queria ir, mas a vida aqui é tão boa...

— Boa?!

— Então! A gente pede esmola e vae jogar no "bicho". P'ra que fazer força, não acha?

## OS NOSSOS AMIGOS

**O** RAPAZ, tendo atravessado o “hall”, entrou na sala e sentou-se deante de mim. Mirei-o, de alto a baixo. Cabelleira descuidada, barba crescida, collarinho esfiapado, roupa de côr indefinida, botas sovadas... Nas mãos, um chapéo no fio, constellado de nodoas, e no rosto uma expressão de infinito desanimo.

— A’s suas ordens.

Ergueu os olhos e fitou-me de frente:

— O sr. não me conhece pessoalmente. Mas deve conhecer-me de nome. Isso, agora, porém não interessa. O que interessa ao meu caso, é saber-se que eu sou, agora, apenas um mulambo do que fui.

— E o sr. foi...

— Um rapaz de grande talento e de enorme, grandissima, gigantesca, cyclopica honestidade. Sim! Não me olhe com esses olhos assombrados! O sr. naturalmente está me tomando por louco! Desculpo-o porque, ás vezes, até eu fico admirado de ser honesto. Mas não é da minha honestidade que eu quero falar-lhe. E’ apenas sobre um erro grave em que costumam incidir os nossos amigos.

— Ahn!...

— Sim! Porque nós temos amigos!

— Nós, quem?



— Nós todos. Eu, o sr., os nossos vizinhos... Todo o mundo, enfim. E' verdade ou não é?

— E', sim.

— Pois, então? O que acontece, é que os nossos amigos e admiradores... Porque nós também temos admiradores! E' ou não é?

— E', sim...

— Pois o que acontece, é que os nossos amigos e admiradores nunca têm o senso da opportunidade. O sr. não acha?

— Não compreendi bem.

— Oh! senhor! Estou lhe dizendo que os nossos amigos não têm o senso da oportunidade, isto é, apparecem sempre fóra de tempo, como os carabineiros de Offenbach. Aliás, não o fazem por mal, mas apenas por distracção ou falta de tempo. O sr. quer que eu exemplifique a minha asserção? Vou exemplificar-a. Nem eu vim aqui para outra cousa.

— Pois, não.

— Imagine o sr. que eu já ganhei muito dinheiro! Sim. Publiquei muitos livros, metti-me em empresas commerciaes, aluguei um apartamento de luxo, comprei uma "baratinha" .. Eu era, enfim, um rapaz da moda. Quando publiquei o meu primeiro livro, e todo o mundo o comprou, e eu ganhei uma porção de dinheiro, os meus amigos e admiradores cotizaram-se e offereceram-me um banquete. Foi uma comezaina succulenta, regada a vinhos caros! Quando eu embarquei para o Rio, uma vez, no "Cruzeiro", os meus amigos offereceram-me um chá. Quando eu voltei do Rio, esses excellentes camaradas serviram-me um "aperitivo dansante". Ao meu segundo livro, novo banquete! Quando eu fui nomeado para um

cargo público, um almoço! Quanto mais eu subia, quanto mais eu ganhava, mais eu comia! O sr. acha que eu tinha necessidade de comer tanto?

— Parece-me que...

— Já sei! O sr. vae dizer que a comida era apenas uma exteriorização do regosijo dos meus amigos, não é isso?

— Exactamente.

— Pois eu tambem penso assim. Mas é ahi que está tudo errado!

O estranho rapaz levantou-se, ergueu da testa a cabelleira rebelde, endireitou com dignidade o collarinho sujo e, chegando-se a mim, exclamou, tresandando a alcool:

— Está tudo errado! Pois se eu tinha dinheiro para me banquetear dez vezes por dia, se o quizesse, para que haviam os meus amigos de me banquetear uma vez por semana?

— Porque o senhor, naturalmente, tinha talento, apparecia em effigie nos jornaes, ganhava muito dinheiro...

— Estou de accordo. Mas, prosigamos. De repente, por uma dessas pilherias do destino, eu levei um trambolhão!

— Opa! Onde?!

— Na vida. Não sei como, fracassei! Tendo sido durante muito tempo um "mão larga", fiquei reduzido a nada, a ossos de minhoca! Absolutamente honesto, sem vicios, levei o tombo! E aqui estou, como me vê, com o "physique du rôle" para aproveitar o ultimo decreto sobre a mendicancia. Mas isso não me entristece, nem me espanta. Sabe do que é que fico tiririca?

— Não sei, não,

— E' que eu não almoço nem janto ha tres dias e os meus amigos não apparecem para offercer-me um banquete! Ora, fize-me francamente: não acha que agora é que seria a occasião oportuna para elles me banquetarem?

— Sim. O senhor tem razão.

— Pois, meu caro! Nem um almoço, nem uma "média". Que tal? Isso não lhe dá assumpto para uma chronica?

— E' muito triste.

— Triste? Porque? Basta pôr um titulo humoristico que a chronica fica engraçada. Um titulo assim, por exemplo: "OS AMIGOS DO GRANDE HOMEM".

## CARTAS DE AMOR

**H**A muitas pessoas de bôa fé que suppõem estarem as cartas de amor fóra de uso.

Para que, perguntam ellas, se escreverem cartas á namorada, se o cinema e o telephone as substituem com vantagens consideraveis? Seria possivel, nestes tempos scientificos e apressados, neste seculo essencialmente telephonico, a existencia de uma sôror Mariana, derramando seus queixumes de amor num papel de linho constellado de lagrimas?

Meus amigos! Tudo é possivel neste mundo — como sentenciava o conselheiro Accacio. Quem ama e quer ser correspondido, não escolhe meios para chegar ao fim. Escreve cartas, cartões, bilhetes, e; ás vezes, até testamentos. E é de ver-se, nesses momentos graves, como o apaixonado capricha na calligraphia e floreira o phraseado. O famoso “desde o primeiro momento em que te vi” não morreu. Ainda ha quem o colloque no inicio da carta, logo abaixo do “gentil senhorita” e ainda haverá, daqui a cem ou duzentos annos, quem lance mão da phrase-sé-de-Braga.

Conheci um rapaz que, possuidor de uma letra horrenda, escrevia cartas de amor que pareciam receitas. E, para sanar o mal, para que a “ingrata” comprehendesse o seu grande amor, deu



Beijos de cinema...

de escrever-lhe cartas a machina, “com toda a estima e consideração”.

Outro lançava mão do “Secretario dos Amantes”. Este livro é um verdadeiro receituário de amor. Consta de uma vastíssima collecção de cartas amorosas, adequadas a todas as situações e applicaveis a todas as phases de um amor completo, desde o tal “primeiro momento em que te vi”, até o rompimento, ou o noivado. E cada carta é acompanhada da respectiva resposta da mulher. Esse admiravel rapaz, copiava as cartas do livro, numa letrinha torturada e enviava-as á namorada. E ella, ardendo em paixão, com o coração palpitante e a alma em extase, sentava-se á mesa, copiava as respostas do livro e mandava-as ao Romeu. E andaram assim, até concluirem o livro. Feito o que, elle foi á casa della, pediu-lhe a mão e casaram-se. Não conheço casal mais feliz que esse.

E’ muito commum apparecerem-nos amigos com esta phrase:

— Eu preciso escrever uma carta a uma pequena mas... você compreende.. é preciso pôr umas phrases bonitas e eu não sei.

Que fazer? Não ha outro remedio senão tirar-se o amigo desse embarço. E escreve-se a carta, sentimental, gongórica, nephelibata. Eu já commetti esse peccado varias vezes e já fiz declarações tremendas de um tremendo amor a moças que eu nunca vi mais gordas. Essas Roxanes que me perdoem a confissão tardia. Fil-o, porém, para evitar que esses meus amigos fossem excessivos e inconsequentes na exteriorização epistolar dos seus amores fataes; porque o homem que se apaixonou não raciocina ou, como diria Medeiros

e Albuquerque, o homem que raciocina não se apaixona. Principalmente escrevendo cartas, um rapaz em estado de febre sentimental, procura apenas phrases que impressionem, sem querer saber se ellas exprimem a verdade ou não. Eu sei de um que, em cada carta que mandava á namorada, escrevia invariavelmente esta linda phrase oitocentista: "Por ti, meu amor, serei capaz de conquistar o mundo!"

E não se casou com ella. Namorou-a quasi seis annos e teve que cedel-a a outro porque não foi capaz de arranjar um emprego.

## OS CÃES QUE UIVAM

**A**S leis, ou se as fazem bem, nitidas, claras, insophismaveis, ou não se as fazem.

Uma letra que falte, uma virgula descollocada, uma palavra desamparada, bastam para que uma lei se annulle. Dizem que as leis, como as virgens, foram feitas para serem violadas. Se assim acontece com as leis claras, que será das leis obscuras?

Pensei nessas coisas lendo um "acto" da Prefeitura de Porto Ferreira, a proposito dos cães municipaes e dos seus respectivos uivos, ganidos e ladridos.

Porto Ferreira é uma cidade que possui cães. Não será, possivelmente, uma Constantinopla, onde os cachorros fazem o "footing", calmamente, pelas ruas mais centraes, em matilhas despreoccupadas, mas é, a se inferir do "acto" prefetural, uma cidade em que os cães ladram e uivam constantemente. O que, pois, tem abalado os nervos da prefeitura local, não são os cães, mas apenas as vozes dos cães.

O cão, como se sabe, é um animal que não canta. Não é um sabiá, um rouxinol ou uma cotovia. O som que o cão emite não é, portanto, embalador e suave como um gorgeio de sabiá ou uma sonata de Beethoven. Seja de um podengo, um mastim ou um fraldiqueiro, a voz canina não



é das mais repousantes para o espirito humano e, emittida á noite, quando os homens sérios se aninham entre os lençóes, póde causar insomnias nos que tentam dormir e pregar sustos nos que tentam furtar.

E' natural, pois, que se procure evitar ou, pelo menos, attenuar o ruido que provém do torneio vocal em que se empenham, á noite, os cães de uma cidade, desde os molossos que vigiam quintaes, até os totós que se assustam nos quartos.

O mais pratico, nesse caso, seria conseguir-se dos cães, um "modus-vivendi" que os obrigasse a dormir á noite, ao envez de dormir de dia. Mas a classe é rebelde. Dahi a interferencia dos poderes publicos.

Foi assim em Porto Ferreira. O prefeito local, disposto a regulamentar o barulho nocturno da cidade, e não tendo cabarés para fechar, nem radios para fazer calar, achou de bom aviso fazer publicar o seguinte "acto" que tomou o numero 33:

"Os donos de cães na cidade são obrigados a providenciar no sentido de não ser o socego publico perturbado por esses animaes (os cães) com latidos e uivos prolongados. O infractor", etc.

Ora, como é facil de se perceber, a simples publicação desse "acto" meritorio não bastou para que os cachorros se calassem. Os latidos e os uivos continuám. Mas as multas, apesar disso, ainda não foram pagas porque os donos de cães têm allegado, e com toda razão, que os latidos e os uivos da sua canzoada não são prolongados.

Com effeito. Que é um uivo prolongado?

A resposta é difficil. As pessoas entendidas nas subtilizas das escalas diatonicas e chromati-

cas, allegam que essa escala é, nos animaes, menos extensa do que nos homens. E, entre os cães, essa escala é muito variavel, em extensão e em timbre. Ha cães que uivam conio barytonos e ha outros que ululam como sopranos. Os cães-barytonos têm o uivo menos extenso que o fraldiqueiro-soprano ou o pekinez-contralto. O cão de fila, por conseguinte, uiva grosso como um “basso-cantante” e seu uivo é mais curto que o do lulú; este uiva como “mezzo-soprano” e seus “agudos” são mais extensos. Dahi a confusão que o acto prefeitoral está causando. Os cães não se calam e os seus donos allegam que os seus uivos são normaes. Uns são mais extensos do que outros, devindo apenas á especialissima conformação da larynge e da glotte das varias especies caninas. Não ha, pois, nós uivos, o menor abuso, nem o mais leve intuito de transgredir a lei.

E a coisa está nesse pé.

Todavia, ha um remedio: é arranjar-se uma Lei de Imprensa, isto é, uma Lei de Uivos que tape a bocca desses cães. Se, ainda assim, os cães recalcitrarem — Fernando de Noronha nelles!

## OS LOUCOS

**M**UITA gente ficou hontem estarecida com um caso exquisito que os jornaes noticia-ram. E houve quem dissesse que, se esse drama fosse escripto por um literato, ninguem o levaria a sério, tal a inverosimilhança com que a Vida o creou.

Eu peço licença para discordar dessas pessoas e para considerar a tragedia "inedita" como uma occorrença muito commum no noticiario dos jornaes. O que lhe deu essa apparencia extraordinaria foi apenas a collocação falsa de um adjectivo. Senão vejamos:

Manoel Ramos, de 19 annos de idade, apaixonou-se pela joven Ignez Morias, de 14 annos e completamente louca. Os paes da moça, como é natural, trataram de pôr um ponto final no romance lyrico do rapaz e segregaram a demente. Isso augmentou a paixão de Manoel Ramos que, embora soubesse que a sua eleita era doida varrida, queria casar-se com ella a todo transe. Vendo, porém, a moça indifferente e a familia della a hostilizar-o, desapareceu de casa e, no dia seguinte, foi encontrado morto, enforcado numna arvore.

Eis o drama.

Absurdo? Impossivel? Assombroso?

Não. Apenas um drama commum, um desses "fait divers" de que os jornaes vêm cheios todos os dias. O que o torna espantoso, inverosimel

mesmo, é apenas o seguinte: a Vida, apesar de tudo, não é uma estylista. Erra como qualquer literato suburbano. Bastou que ella collocasse mal um adjectivo para que sua historia se tornasse incrivel e, por consequencia, de má cotação nos meios intellectuaes. Uma historia, por mais "inventada" que seja, por mais fantastica que pareça, precisa ter, antes de tudo, a apparencia do possivel, do realizavel. E a historia do Manoel Ramos não tem essa apparencia.

Por que?

Apenas, como já disse, por causa de um adjectivo — mal empregado — coisa desculpavel nesta época de falta de trabalho.

Lendo-se a historia sabe-se de duas coisas immediatamente: que a moça era louca e que o rapaz não o era. E ahi, justamente, foi que a vida se enganou.

Porque motivo a moça era louca? Porque os psychiatras o affirmaram? Mas isso apenas não é bastante. A moça, deante da paixão do Manoel, mostrou-se indifferente. Ora, mostrar-se alguem indifferente deante de uma paixão complicada como a do Manoel, não é loucura. E' excesso de juizo.

E elle? Pensaria como eu? Teria elle certeza de que a mulher dos seus sonhos não era insana? Não. Tanto não tinha que se suicidou.

Por conseguinte, o louco era elle e não ella.

Aliás, é um costume velho que nós temos, supôr que as pessoas de muito juizo são malucas e que nós, os malucos, é que somos muito ajuizados.

Um dia, visitando o Juquery, perguntei a um dos hospedes do manicomio se se sentia bem, ali dentro.

O homem, antes de me responder, perguntou-me:

— Como vae a vida lá fóra?

— Horrivel! Crimes, peculatos, fallencias, traições, deslealdades, miseria, fome..

— E o sr. não acha que é uma loucura um homem sacrificar-se tanto? Trabalhar e não ser pago? Amar e ser enganado? Dedicar-se a um amigo e ser trahido? E trabalhando sempre?! Não é uma loucura?

— Quem sabe?

— Meu caro! Arranje um attestado de loucura e venha veranear aqui dentro, até a crise passar. Bôa casa, bôa comida, bôa cama, bons ares, bons amigos... E tudo de graça, cavalheiro! Tudo gratis! Venha p'ra aqui, esperar melhores dias. Eu, como o senhor vê, fumando espero...

Desde esse dia eu me convenci de que não ha ninguem mais doido varrido do que um homem de juizo.

## LADRÕES...

**S**E, entre os meus escassos leitores, houver, por acaso, alguma leitora impressionavel, peço-lhe que não se assuste. Não falarei de ladrões mal encarados e mal humorados, que assustam os sêres pacatos á meia noite, com navalhões, cacetes e revólveres. Deixo esta fauna perigosa a cargo dos repórteres policiaes.

Falemos, apenas, dos humoristas.

Sim, leitor. Dos humoristas, porque os ha tambem entre essa classe séria e respeitavel. Se na vida não ha gatunos galantes como Raffles, ha-os innumerados, com a verve de Mark Twain.

A policia, comtudo, não faz distincção entre uns e outros, e persegue-os com a mesma tenacidade, castigando-os do mesmo modo. E' um erro. Entre um ladrão "fulastra" que, depois de roubar, préga sustos tremendos na pobre victima, exhibindo uma pistola fatal ou um navalhão temeroso, e um gatuno bem humorado que põe epilogo no seu "trabalho" com o "mot de la fin" de um bilhetinho ironico, não devia haver egualdade de punição. Um honrado cidadão que, altas horas da noite, vê que foi roubado e encontra, pelo soalho da casa, gazúas e navalhas, póde estar certo de que não dormirá mais nessa noite, nem nas noites seguintes. Mas uma victima que, espoliada por um pirata alegre, encontra, apenas, um bilhetinho sem nenhuma orthographia mas com muito espi-

rito, esse, depois de rir, dormirá como um justo, ou como um homem que não foi roubado.

E' recente o caso de um humorista desses que, numa das ruas da cidade, "limpou" um gallinheiro, um verdadeiro harem, onde um velho gallo, como um Salomão, pompeava ao lado de oitenta gallinhas de raça e franguinhas encantadoras. O rapinante surripiou as "odaliscas", deixando o "sultão" de crista no alto do poleiro, carpindo a sua viuvez. E, pela manhã, quando o dono do gallinheiro desceu ao quintal, encontrou o "Salomão" com este cartaz ao pescoço:

"Ha uma hora que estou triste e só..."

Esse larapio deve ser discipulo de outro que appareceu em Minas, uma vez. Numa cidade do sul desse Estado havia uma igreja consagrada a Santo Antonio dos Pobres. E dentro, no altarmór, uma imagem desse thaumaturgo, em tamanho natural, com um "resplendor" de ouro puro, á cabeça. Uma noite o rapinante forçou a porta, entrou na Igreja e.

Pela manhã, a cidade soube do desaparecimento do "resplendor" de ouro do Santo Antonio dos Pobres. O ladrão levava-o. Mas, á cabeça do santo, deixou o seu chapéo esburacado, com este bilhetinho e este proverbio: "Quem é pobre não tem luxo"

Ladrões como esses, que dão prejuizos, mas que deixam um sorriso como consolo, nós sempre achamos interessantes e divertidos.

Mas é claro, achamol-os interessantes e divertidos quando roubam... os outros.

## A ASTRONAUTICA

**U**M velho sonho de Julio Verne, as viagens inter-planetarias, ainda não deixou o cerebro dos homens.

Se alguém percorresse todo o mundo, escarafunchando os seus mais reconditos lugares, haveria de encontrar, em cada paiz, pelo menos dois sujeitos mergulhados em profundas cogitações e em complicadissimas experiencias para descobrirem, ou o moto-contínuo ou um foguete capaz de dar um pulo á Lua.

O moto-contínuo foi durante longo tempo, o mais torturante sonho dos cavalheiros imaginosos. Empolgou de tal modo a attenção desses visionarios, tão duramente lhes poz á prova a imaginação es-caldada, que os seus nomes obscuros, impossibilitados de se inscreverem no livro de ouro da gloria, se contentaram em figurar no livro de entrada do Juquery.

Isso, comtudo, não quer dizer que as experiencias tenham cessado. Devem existir, neste momento, por ahi afóra, legiões de sonhadores reincidindo em torturantes pesquisas para descobrir o moto-contínuo. Mas o que está se avolumando, dia a dia, é o numero dos que pretendem ir á Lua, a Marte ou a qualquer outro planeta, habitado ou não.



Ha alguns mezes atraz noticiou-se a “sensacional descoberta” de um professor francez: um aparelho capaz de conduzir cinco pessoas á Lua e que seria impulsionado por uma especie de canhão. O professor chegou mesmo a fazer uma experiencia, collocando um gato dentro da astronave e impellindo-a para o vacuo, numa explosão violenta. A coisa sumiu-se no espaço, o inventor foi muito cumprimentado e, interrogado pelos jornaes, annunciou que iria dar inicio á construcção de aparelhos maiores, afim de alcançar a Lua, onde pretenderia descer.

Não sei se o emerito professor já terminou esse trabalho e se ainda conserva a mesma disposição para empreender essa viagem sideral. Em todo o caso, não seria ocioso fazer-se-lhe uma pergunta: no caso da sua astronave alcançar a Lua, e no caso do sr. professor desembarcar lá — como se arranjaria para voltar á Terra? A nós teigos em questões astronomicas e astronauticas que estamos aqui na terra com a cabeça levantada a espiar o “astro dos namorados”, a façanha pareceria muito simples: bastaria o professor, lá de cima, despenhar-se no espaço e vir cahir na terra, sobre uma réde previamente armada. Mas dizem os entendidos que a Lua não está lá em cima; a Terra é que está por cima da Lua, porque devido á pressão atmospherica que deve envolver a pallida Selene dos poetas, o professor ficaria de cabeça para baixo em relação á Terra, ficando a Terra, por conseguinte, por cima da cabeça do professor. E, nesse caso, o professor teria de despenhar-se para cima — façanha absolutamente difficil que elle, não tendo previsto, não poderia realizar. E estaria condemnado a viver na Lua (ou morrer na

Lua) se não arranjasse tempo e material para construir outro foguete que o mandasse de volta para a Terra.

Ainda agora está um official do Exercito hespanhol, tenente-coronel Julio Herrero, realizando experiencias para enviar a Marte um foguete com correspondencias da Terra. Os marcianos receberiam, assim, dentro de um pequeno volume, um mappa da Terra, um mappa de Marte, um esquema do systema planetario, figuras coloridas representando seres humanos, casas, plantas, pontes, navios, aeroplanos, dirigiveis, enfim, demonstrações graphicas do progresso terrestre. Ao fim de quatro mezes de viagem, esse projectil chegaria a Marte. E, ao fim, de outros quatro mezes, ou talvez menos, a Terra receberia a resposta...

Isso, porém, será apenas uma experiencia para façanha maior, porque o que se pretende é enviar um projectil áquellas paragens, conduzindo cinco passageiros. Como, porém, os explosivos existentes actualmente, não permitiriam que o projectil, descendo num planeta, pudesse depois voltar, o que se vae fazer agora é apenas uma viagem em redor da Lua. Durante essa trajectoria, porém, seria estudada convenientemente a melhor maneira de se descer num planeta qualquer — pois é isso o que, em verdade, interessa o homem.

Será realizado esse sonho? O homem conseguirá transpôr o vacuo e ir installar-se num planeta alheio?

Eu creio que sim. E' verdadeiramente sobrehumano o esforço que se faz nesse sentido.

No dia em que tal facto se der, no dia em que os terrestres conseguirem ir a Marte com a mesma facilidade de quem vae á Europa, podem ficar

certos de que em pouco tempo, a Terra ficará despovoada. Não haverá ninguém que não tome um foguete, como quem toma um bonde, e não vá, com armas e bagagens, em busca de outros ares.

Isto por aqui está tão ruim, a Terra está de tal forma desmoralizada, que nós todos preferiríamos ir para qualquer parte — até mesmo para o Sol — em lugar de ficarmos por aqui, neste mundo sub-lunar que é, em verdade, um mundo de lunáticos..

## MAGRAS E GORDAS

**A**S mulheres, ultimamente, arranjam um extraordinario passa-tempo: fazer regimes para emmagrecer.

Não sei quem foi que espalhou o boato de que “as mulheres” para serem bellas, têm que ser magras”. O facto é que o boato tomou conta do Brasil e não ha, hoje, nenhum lar onde não se encontre uma joven praticando exercicios tremendos ou submettendo-se a arrazadoras dietas, para emmagrecer “mais um pouquinho”.

Quando se abriram os rinqes em São Paulo, os seus proprietarios tiveram a idéa genial de espalhar “urbi e orbi”, que “a patinação emmagrece”. Foi tiro e quéda. Os rinqes, acanhados a principio, tiveram que submetter-se a reformas, porque nunca se viu no mundo tanta mulher com vontade de patinar. Era um verdadeiro delirio patinatorio. E’ claro que ninguem emmagreceu por via das oito rodinhas deslisantes. Ouvi, a esse respeito, certa vez, um dialogo curiosissimo que deajo registrar aqui.

Duas mocinhas encontraram-se á porta de um rinque. Uma entrando e outra sahindo.

— Ah! Lucia! Que horror! Você me garantiu que isso emmagrecia e...

— Você não diminuiu “nem um pouco”?

— Qual! Pesei-me hoje; aumentei cem grammas!

NEM ELIAS ESCAPAM...



A mulher ideal, segundo a concepção da ditadura italiana e segundo a imposição da ditadura de Hollywood.

— Mas. você tem patinado todos os dias?

— Todos os dias!

— E... tem almoçado e jantado?

— De certo!

— Pois ahí está! Assim não é possível mesmo! Siga este conselho: patine todos os dias.

— Mas eu patino!

— Espere! Patine, não almoce, não jante, não ceie, tome unicamente chá com torradas, durma apenas quatro horas por noite e você vae ver como emmagrece. A patinação é bom p'ra emmagrecer, mas é preciso ajudar.

E os regimes dieteticos entraram na moda. As que pesam 60 kilos querem pêsar 50. As que pesam 50 contentam-se com 45. Outras acham que precisam perder cem grammas. E começa o regime da fome. Moças fortes, de hombros redondos e quadris planturosos, possuidoras de uma carnadura macia e sã, entregam-se aos jejuns tremendos, aos "regimes espartanos" e, ao cabo de poucos mezes, transformam-se em verdadeiras "stegomias", sem hombros, sem seios, sem quadris — havendo muitas que mais parecem homens vestidos de mulher e outras que não parecem coisa nenhuma, porque são verdadeiros postes ambulantes. A linha curva, que era a mais alta expressão da beleza feminina, está cedendo lugar a angulosidades allucinantes, de tal fórmula que ha certas moças que, quando se despem, devem ser admiraveis tratados de osteologia.

Os regimes dieteticos são citados e recitados nas ruas e nos salões, com tão reiterada insistencia que Dartel, Mathieu, Banting, Ebstein e outros especialistas no genero, são tão conhecidos pelas candidatas a esqueleto como Barrymore, Charles Farrell ou Clive Brook.

Ha, todavia, compensações. Numa época de crise intensa como a que atravessamos, em que um chefe de familia pratica as mais incriveis acrobacias para arranjar dinheiro com que pagar as contas da venda, do açougue e da padaria, o regime de fome a que as mulheres se submettem com tão mystica decisão, vem alliviar muitos cavalheiros illustres de apavorantes aperturas no fim do mez. Conheço um honrado cavalheiro, pae de seis filhas encantadoras, que é o maior propagandista das modas actuaes. E' uma delicia ouvil-o discorrer sobre as "toilettes" modernas e exaltar a belleza esthetica de Joan Crawford que, com seu corpo de soldado de infantaria e suas pernas de jogador de futebol, é um dos modelos do bello sexo da minha terra.

Entretanto, o que o enche de tão jovial entusiasmo, não é a moda em sí, nem os perigos pathologicos da obesidade, nem a esthesia dos angulos e das linhas rectas. O que ha é apenas isto:

Um dia, as seis filhas desse notavel cavalheiro resolveram fazer o que todas as suas amiguinhas estavam fazendo: emmagrecer. E entraram, resolutamente, no regime dietetico: sal de frutas pela manhã, um rosbife magro e umas ervinhas na hora do almoço, chá sem assucar na hora do lanche, legumes e frutas ao jantar. Mais nada, a não ser marchas a pé.

No fim do mez observou-se uma satisfação geral na familia. As seis moçoilas começaram a emmagrecer e o honrado pae de familia, recebendo as contas do açougue, da venda, da padaria e da leiteria, notou que havia feito uma economia de quatrocentos mil réis!

Elle, hoje, não quer outra vida...

## REQUERIMENTO

*Ao sr. Chefe de Policia de Nictheroy*

Exmo. Sr.

**O** ABAIXO assignado, cidadão brasileiro, maior, vaccinado, amigo da dictadura e profundo admirador de todos os próceres revolucionarios, achando-se, portanto, em pleno gozo dos seus direitos politicos, pede licença, venia e permissão para dirigir-lhe a seguinte exposição:

Fui procurado, ha dois dias, por uma commissão de conceituados cachorros da nossa praça, dois "lulús" e dois "fox terriers" que, apresentando-me um recorte de jornal, me pediram que o lesse, num dos seus paragraphos. O recorte continha as instrucções baixadas por V. S. a respeito das praias balnearias da capital fluminense e nellas, entre outras prohibições, v. s. declarava, no 6.o item: "Só é permittido o banho de cães e outros animaes, de 11 ás 16 horas nos dias uteis, e de 13 ás 15 horas nos domingos e feriados".

Ora, exmo. sr. Chefe de Policia, a honrada commissão canina que me procurou e me delegou poderes para servir de interprete deante de v. s., não pôde, em absoluto, concordar com a exigencia descabida e arbitraria com que v. s. está ameaçando os indefezos cães da leal cidade de Nictheroy que se acham, agora, devido áquellas instruc-



ções, cogidos na sua liberdade physica e impedidos de tomar o seu banho á hora que bem lhes aprouver.

Disse que o acto de v. s. é arbitrario e exorbitante. Passarei a proval-o.

E' doutrina assente entre os maiores juriscultos que o mar tem a qualidade de coisa commun ("res communis omnium"), não podendo, portanto, ser propriedade de ninguem. Desde que, em épocas remotas, se derrubou a these medieval do "mare clausum", ficou claro, nos textos juridicos, que o Estado póde, "jure civili", apropriar-se, e exercer soberania, sobre uma parte do mar, em casos de exigencias de navegação ou de repressão a piratarias. Isso, quanto ao mar alto. Quanto, porém, á parte marginal, os textos romanos fazem concessões de direito privativo apenas em dois casos: quanto ao direito de pesca ("locationes piscatus") e quando o proprietario marginal execute obras em que se faz mistér o aproveitamento do mar ("jus proprium").

Ora, exmo. sr. Chefe de Policia, nenhum desses é o nosso caso. Logo, a policia não tem, sobre o mar das praias de Nictheroy, direito privativo, podendo, apenas, exercer sobre elle, "protectionem" e "jurisdictionem".

Dir-me-á v. s. que é isso exactamente o que a policia está praticando... Responder-lhe-ei, todavia, que v. s., ainda assim, continúa exorbitando, pois, como v. s. não deve ignorar, por tratar-se de doutrina assente e irrefuctavel, "a toda obrigação corresponde um direito".

Ora, o Estado, que exige obrigações dos cachorros, concede-lhes, porventura, direitos?

Não. Tanto não os concede que, quando qualquer pessoa, physica ou juridica, se encontra completamente desamparada e perseguida, assegura que leva uma "vida de cachorro". Com isto, dá-se a entender, clara e insophismavelmente, que o Estado não ampara os cachorros, nem lhes concede direitos; ao contrario, persegue-os implacavelmente, com "carrocinhas" em que se aboletam soldados de armas embaladas, dando, assim, ao seu acto de exterminio, um apparatus bellico absolutamente assustador! E quando um cachorrinho, por acaso, é colhido por um bonde da Light, os seus parentes têm o direito de propôr uma acção de indemnização? Não têm. O Estado não se preocupa com elles a não ser para laçal-os nas ruas ou nos jardins, leval-os para o Deposito Publico e lá conserval-os como refens por dois ou tres dias, exigindo de seus donos, para a sua liberdade, a quantia de setenta mil réis, sem o que os desgraçados serão mortos, ou melhor, matados summariamente, sem appello nem agravo.

Vê, pois, o exmo. sr. Chefe de Policia de Nicttheroy que ha nisso tudo apenas uma violencia a que os honrados cachorros fluminenses não podem submitter-se. Se "a toda obrigação corresponde um direito", como quer o Estado impôr aquella sem conceder este? Se os cachorros não têm nem sequer o direito de locomoção — porque a carrocinha os apanha fatalmente — como quer exigir delles a obrigação de tomarem seus banhos de mar em horas determinadas?

A commissão canina que me procurou está disposta a reagir energicamente contra o acto arbitrario de v. s. arrogando-se um direito privativo ("proprium jus") de uma coisa que, como o

mar, pertence a todo o mundo, quero dizer, é "res communis omnium". E, sr. Chefe de Policia, posso adiantar-lhe que a classe canina está organizando uma "frente unica", na qual entrarão lúlus, podengos, mastins, filas, mollossos, "terriers", policias, "colliers", dinamarquezes, "pekinois", "bull-dogs" "vira-latas", etc., com o firme proposito de irem ás praias de Nictheroy e tomarem banho a hora em que entenderem fazel-o, dispostos a reagir nipponicamente contra qualquer tentativa de repressão.

Eis ahi, sr. Chefe de Policia, o pensamento da commissão canina que me procurou. Se eu, simples interprete, pudesse dar-lhe um conselho, dir-lhe-ia apenas: revogue o seu acto injusto. Se, contudo, v. s. persistir em mantel-o, só me cabe dizer-lhe: ponha as suas pernas no seguro, porque v. s. nada poderá fazer contra essa avalanche cachorril; nem, sequer, prendel-a.

Porque — lá diz a sabedoria popular -- cadeia não foi feita p'ra cachorro.

## O NOSSO HYMNO

**D**EPOIS de inaugurada a Republica novissima, falou-se muito em introduzir modificações no Hymno Nacional, isto é, apenas na musica.

Não sei se, com as atrapalhações oriundas da discussão em torno da Constituinte, houve alguém que ainda pensasse em musica, num momento de tão flagrante desharmonia. E' de suppor, contudo, que, exactamente como tantas outras coisas de interesse immediato, a reforma do Hymno ficou para mais tarde.

Não sou dos que acham necessaria qualquer alteração no bello hymno. Como não entendo de musica — aliás, eu não entendo de coisa nenhuma — acho que o hymno está muito bem como está. E, se é, com effeito, de absoluta e inadiavel necessidade alteral-o, peço venia, licença e permissão para requerer uma reforma completa, não na musica, mas simplesmente nos versos do "nó suino".

Essa letra, que vem levantando protestos de vez em quando, é um verdadeiro angú literario, entupido de tão descabellados disparates que muita gente suppõe que o seu autor seja eu.

Mas não sou. Eu costumo escrever disparates em prosa. Em verso, nunca. E o hymno é metrificado, com as competentes rimas, bem arranjadi-

nhas para não transbordarem da musica. Mas tem coisas assim, logo no início:

“Ouviram do Ipiranga ás margens placidas  
De um povo heroico o brado retumbante”.

Como se vê, o hymno começa com uma indelicadeza. “Heróe cobrado” é perversidade. Nunca se cobram heróes, principalmente em época de moratoria. E, principalmente ainda, não se executa uma cobrança “retumbante”, vangloriando-se desse acto feio com estes versos:

“E o sol da liberdade, em raios fulgidos,  
Brilhou no céu da Patria nesse instante”.

Que se cobre o heróe, vá lá! Mas que, por isso, o sol da liberdade brilhe no céu da Patria em raios fulgidos — é demais! Não ha heróe que resista! Logo abaixo, exclama o “nó suino”:

“Se o penhor dessa egualdade  
Consequimos conquistar com braço forte. ”

Seja tudo pelo amor de Deus! Quando nós todos andamos fazendo força para conquistar uma independencia financeira, vem o hymno assegurar-nos que, com braço forte, nós consequimos conquistar um penhor .. Já é abusar do direito de indiscreção! Nem todas as verdades se dizem, mesmo contando..

Pouco depois, noutra estrophe, fala-nos o hymno num “raio vivido” que desce á terra cada vez que o “Cruzeiro resplandece”. E, em seguida, exclama:

“Gigante pela propria natureza”...

Coisa que não se sabe ao certo o que significa, se foi a natureza que tornou o Brasil gigante, se foi o Brasil que nasceu gigante naturalmente, ou se... Vá lá a gente decifrar palavras cruzadas.. Foi a angustia de resolver esse problema que, certamente, obrigou o poeta a exclamar:

“Dos filhos deste sólo és mãe gentil”.

Exquisito. Um “gigante, impávido, colosso”, que se transforma subitamente em “mãe gentil”, é de fazer a gente perder a cabeça! Aparvalhado ante esse extraordinario caso physiologico, e doido para dar uma solução ao phenomenal gigante que é mãe gentil, o hymno berra:

“Deitado eternamente em berço esplên-  
[dido. ”

E’ por isso que o Brasil não vae adiante. Deixaram-no deitado no berço, eternamente..

## O SAMBA

**U**MA das mais transbordantes provas da minha inqualificavel ignorancia, está em que eu prefiro um samba de Sinhô a um “estudo” de Paderewsky. Sou capaz de ouvir, imperturbavelmente um trovador suburbano gemer, ao violão, os seus malaventurados amores com a “ingrata” que fugiu, mas não tenho coragem sufficiente para aturar o vozeirão tremebundo de um barytono pansudo a remoer a aria da “vecchia zimarra”. Entre um “andante molto vivace” e “O teu cabello não néga” eu apesar de não ser cabelleireiro, fico com a marchinha capillar.

O samba nacional, simples e primitivista, virgem de complicações technicas, liberto de cadeias culturaes, não se perde em circumloquios rebarbativos para dizer ao que vem, nem se vale de academicismos para attingir a sua finalidade. Chega em mangas de camisa, com um pouco de alegria nos labios e um pouco de emoção nos olhos e, espalhando em torno o seu rythmo saltitante, ao mesmo tempo sensual e ingenuo, terno e desdenhoso, ironico e sombrio, distrae o nosso espirito, libertando-o das complicadas cogitações economicas e metaphysicas com que os tempos que passam tão fundamente o martyrizam.

Gosto do samba. Principalmente das letras que o acompanham e que lhe dão um colorido tão

vivo, na sua pitoresca philosophia de salão de barbeiro ou nas suas satyras politicas e sociaes, ingenuas mas incisivas, rapidas mas percucientes, fixando, num verso fugido, a photographia moral de uma sociedade, como aquelle:

“mas ella não sabe que eu sou “quelque  
[chose”  
que tenho diploma e que sou bacharel”.

Porque, ser bacharel nestas terras juridicas, é ser mais do que “quelque chose”, apesar do protesto dos tenentes.

Outras vezes o samba se enternece. E, emquanto os violões soluçam, em “marcações” maguadas, o trovador chora a malvadez da “ingrata” que fugiu do “chateau” com um motorneiro seductor, mas que ha de voltar,

“à luz plangente  
do alvidente  
luar”.

O samba, quando se enternece, não respeita nada deste mundo — nem do outro. E’ por isso que, quando o luar é “alvidente”, a sua luz tem que ser “plangente”. Mas esse estado d’alma dura pouco. O samba, esquecido da ingrata, volta ao seu estado normal, favellesco e rebelde:

“Eu tava na roda do samba  
Quando a policia chegô:  
— Vamo acabá co’esse samba, que seu de-  
[legado mandô!”



Mas o samba não obedece; acompanha o movimento nacional de indisciplina e não se intimida mais com a policia:

“Vamo aguentá co’este samba  
Que o samba é de arrelia !  
E quem não tivé coragem  
Que appelle p’ra correria !”

Assim é o samba: ora piegas ou ciumento, terno ou ameaçador — ora decidido, rebelde, indisciplinado.

Ultimamente, porém, levado não se sabe por que estranhas influencias, o samba virou patriota, mas um patriota “sui generis” que, quando está nos braços da amada, se esquece do seu amor para falar do “nosso progresso”.

“Progresso! Nasceste da nossa liberdade  
Patriota de verdade  
Sou brasileiro de facto:  
Por esta terra me mato”.

O samba, quando vira patriota, faz dessas coisas incríveis! Todo o mundo é capaz de morrer pela patria, defendendo-a. O samba, porém, não morre; mata-se. E, nos braços langues da amada, mirando os seus “olhos fataes” e sentindo o cheiro sensual daquella carne peccaminosa, o samba patriota, com o pensamento longe, exclama:

“Precisamos, meu bem, defender nossa bandeira!”

Um caso doloroso, esse!

Não é atôa que as ingratas costumam fugir com motorneiros de bigodões fataes !

## LOIRAS OU MORENAS?

**Q**UEM quer que já tenha assistido a uma das maravilhas do seculo que são os jornaes cinematographicos sonoros e falados, ha-de ter visto, algumas vezes, legiões de moças que, nas praias de Miami ou Atlantic City, ficam horas a fio torrando-se ao sol.

Heliotherapia ?

Ha quem supponha ser isso mesmo. O tratamento physiologico pela radiação solar, que não é nenhuma novidade, poderia ser mesmo uma das paixões das americanas.

Isso, comtudo, não é bem exacto.

A's "maiden" e "ladies" americanas esses recursos therapeuticos não interessam muito, mesmo porque ellas não necessitam delles. O que ha, em verdade, na torração praiana, não é uma complicada questão medicinal, mas um caso de legitima defesa.

Por que ?

Desde o momento em que o cinema norteamericano começou a falar o castelhano e a Norte America foi invadida por multidões de "señoritas" mexicanas, as loirissimas filhas de Tio Sam começaram a notar que seus noivos, namorados e maridos, se viram de um momento para outro, singularmente attrahidos pela côr morena das fascinantes filhas dos "mayas" e "aztecas".

PARA AGRADAR A TODOS...



A mulher ideal: loira de um lado e morena de outro..

Ora, como é natural, houve da parte das “pound-sterling” e “red-haireds” americanas um clamoroso movimento de defesa, que transbordou até para a imprensa, a literatura e o cinema, chegando a produzir artigos, romances e filmes em que se assegurava, com absoluta convicção, que “os homens preferiam as loiras”.

A verdade, todavia, era bem outra. Os homens, pelo menos os homens americanos, continuavam preferindo as morenas, deixando de lado suas loiríssimas patricias.

Surgiram, nessa grave conjuntura, os Institutos de Belleza com um remedio: abluções de agua iodada. Todo o mundo se atirou á novidade. Mas o remedio não deu resultado pratico porque as pelles brancas não se transformavam em pelles morenas; ficavam desesperadamente amarellas !

Foi então que alguém — um genio, positivamente ! — se lembrou da heliotherapia, não como recurso therapeutico, mas como o unico meio de se defender, pela dermochromia feminina, o coração das mulheres e a integridade da raça.

E a Norte America, graças a esse recurso genial, foi se enchendo de morenas, desde a “sun-kissed”, que é a moreninha clara, até a “tanned-skin”, que é o morenão côr de jambo.

Mas, como o leitor já deve ter claramente percebido, essa coloração não é total. Expostas ao sol, não inteiramente despidas como seria logico, mas em “maillots”, uma parte do corpo dessas desesperadas senhoras fica morena, para os devidos efeitos nas ruas e praias, e outra parte, justamente a mais importante, continu’a intransigentemente branca, alvissima, lyrial !

Ha, assim, homens que se casam com morenas e, no dia seguinte, recorrem ao divorcio, alegando que foram victimas de um conto do vigario, porque a esposa é morena apenas pela metade, coisa que lhe fere profundamente os sentimentos estheticos.

E a grave questão está nesse pé. Como acabará ?

No dia em que as americanas conseguirem ser totalmente morenas, os seus patricios ficarão satisfeitos ?

Creio que não. Nesse dia elles voltarão a suspirar pelas loiras...

Porque nós, os homens, somos absolutamente incontentaveis.

Graças a Deus...

## DO MINISTERIO A' ACADEMIA

**A** O mesmo tempo em que o industrial sr. Francisco Matarazzo embarca para a Italia, aonde vae representar o Brasil na Feira Internacional do Livro, o ministro Francisco Campos **a**iddata-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Incoherencia? Não. Tudo isso está dentro da logica e do bom senso e nem sei como possa haver cidadãos mal humorados capazes de estranhar os dois factos normalissimos.

Ninguém melhor indicado que o conhecido industrial para representar o Brasil numa feira de livros, pois, sendo s. exa. notoriamente conhecido como um notavel homem de letras. promissorias, allia a essa qualidade a de ser tambem um bibliophilo dos mais acatados por dedicar-se, ha longos annos, ao manuseio diuturno dos livros mais uteis que se conhecem: o "Razão", o "Borrador", o "Contas Correntes" e o "Diario". S. exa. não distinguirá, talvez, uma pagina de Ruy de um poema de Bilac, mas ninguem mais apto a discorrer "ex-cathedra", sobre as subtilezas emotivas de um "Deve Haver", mesmo quando não haja...

Quanto ao sr. Francisco Campos, ha varias razões para que s. exa. venha a ingressar na Academia de Letras. Uma dellas é o facto singularmente notavel do sr. ministro da Educação não

ter publicado nenhum livro. Mas nas vespéras de candidatar-se á Academia, s. exa. suppriu essa falta publicando, numa revista carioca, uma abundante poesia lyrica.

Dir-se-á que uma poesia apenas é muito pouco. Não é. Nós sabemos muito bem que centenas de poetas se celebrizaram apenas com um soneto e, em muitos casos, apenas com um verso.

Ora, a poesia do sr. Chico Campos vale por um livro. Póde até valer por dois livros. Ella occupa duas vastas paginas da revista e, para provar a sua exuberancia poetica, o bardo do Ministro da Saude Publica não se limitou a fazer decasyllabos ou alexandrinos — coisas banalissimas que qualquer bardo suburbano pratica todos os dias, com o auxilio dos dedos tamborilantes. O sr. Chico Campos é tão inspirado, os versos brotam na sua alma tão espontaneamente, com tão inédita exuberancia, que o novel bardo realizou o seu poema com versos de quinze e vinte syllas havendo mesmo um que bateu o "record" mundial de resistencia, pois conta nada menos de trinta e duas syllabas resfolegantes.

A notavel obra poetica do sr. Chico Campos chama-se "Ellas passavam por mim claras e felizes".

"Ellas" quem? Não se sabe. Talvez fossem mocinhas á sahida da Escola Normal ou...

Não. Não podia ser isso, porque o poeta nos assegura que:

"passavam como que voando", "com seu rumor no fundo da alma", "envolvidas de sol e resonancia".

Seriam aviadoras? Tambem não, porque:

“ellas passavam trazendo nas mãos cestos de flores e de frutos”.

Seriam, então, floristas ou quitandeiras? Creemos que não. Umas e outras se vestem com modestia, e “ellas”.

“arrastavam o brocado de ouro dos seus mantos recamados das horas claras e felizes”.

E’ difficil saber-se onde foi o poeta encontrar essas excellentes senhoras que se dão á originalidade de recamar seus mantos com horas, em lugar de recamal-os com lantejoulas. Na avenida Rio Branco? Não, porque:

“ellas passavam sobre as arvores e as casas, derramando os seus cestos de frutos e de flores”.

Apezar dellas derramarem tantas fructas, o poeta não se lembrou de abrir uma quitanda. Preferiu ficar contemplando as extravagantes senhoras.

“Ellas” passavam “cheias de silencios”, deixando uma esteira de rumores”, por cima das casas”. Mas o poeta queria “reter o rio do tempo que as levava” e, de repente, ellas derramavam as cestas nos telhados e lá se iam, sem as flores e sem as frutas. Para onde? O poeta não nol-o explica. Sabe-se apenas, que, ao anoitecer, “ellas iam brincar” não em suas casas nem na rua mas, com uma reprovavel imprudencia que devia ter alarmado a fina sensibilidade do poeta, iam brincar “sobre os abysmos dos espaços”.

Mas não morreram. Continuaram passando, “tristes e silenciosas” e, apesar de terem derramado as flores em cima dos telhados, o poeta nos conta que:

“ellas passavam e enchiam o lago do meu olhar de lotus, de lyrios, de violetas e de rosas”.



Apesar, porém, de estar com os olhos transformados em jardim, o poeta ainda conseguia, através dos seus olhos vel-as passar. Mas, como estava cheio "de lyrios", o poeta poz-se a delirar... E, para conseguir uma rima para "felizes", exclamou, numa phrase que ninguem compreendeu:

" .não lhes passava sombra de receio  
de marcarem a rosa do seu corpo do desejo  
[humano as negras cicatrizes.

Ouvindo isto, ellas desappareceram, ficando apenas uma dellas, dansando no olhar do poeta.

E acabou a poesia.

Como se vê, se o sr. Chico Campos não tem um livro que o leve á Gloria, tem um poema que o levará á Academia e tem, principalmente, a Legião Mineira, que é uma das maiores obras literarias destes ultimos tempos...

## UM HOMEM SENSACIONAL

**F**UI apresentado, hontem, a um dos mais extraordinarios sêres deste mundo, a um individuo que vive neste tumultuario seculo XX uma vida tão paradoxal e tão incrível que, por alguns momentos, suppuz encontrar-me deante de um fantasma.

Essa “coisa” anormal, conversando commigo, logo após ao “muito prazer em conhecê-lo”, disse-me, a certa altura, com a maior naturalidade, a maior desfaçatez e a maior pouca vergonha desta vida :

— Pois, eu cavalheiro, nunca vou a cinemas!

Olhei o extraordinario individuo! Estava calmo, natural, imperturbavel. Sussurrei, gaguejante:

— O sr. disse. que...

— que nunca vou a cinemas.

Tornei a olhar o filmophobo, de alto a baixo, procurando encontrar nelle alguma coisa anormal, do outro mundo ou doutro seculo. Nada. Era, por fóra, um homem como outro qualquer. Mas por dentro... Como seria esse individuo por dentro? Teria estomago? No lugar dos seus pulmões não existiria qualquer outra coisa? E no seu cerebro? Ah! no seu cerebro! Haveria cerebello ou fitas de gorgorão?

— Então o sr. não sabe o que é um cinema?

O DRAMA PSYCHO-PHYSICO.



... do homem que teve medo de perder-se...

— Perdão! Sei. Já fui umas duas ou tres vezes mas...

— Ah! já foi! E não voltou!

Homem duplamente sensacional! Positivamente escandaloso! Não sei como conceber a existencia de um sêr humano, numa terra civilizada, vivendo agitadaamente esta vida de problemas immediatos e de incommensuraveis ambições intellectuaes; não posso, num seculo deste, em que o homem quer estar, simultaneamente, nos quatro cantos do mundo, admittir a existencia de um sujeito que não procura vêr os filmes que os cinemas exhibem, isto é, que não tem a preocupação de saber qual é a ultima moda de "toilettes"; qual o novo esporte creado em Londres ou em Nova York; quaes foram os mais importantes acontecimentos politicos do mundo na ultima semana; qual é a ultima criação da sciencia; como estão agindo os "bootleggers", os "racketeers" e os "gangsters" americanos; de que forma Hittler discursa ás suas legiões; qual o timbre da voz de Mussolini; qual é a ultima canção em voga em Nova York; que estará se passando nas ruas do Cairo, do Sião, de Zurich, de Nankin, de Shangai, de Nova York, Londres, Pariz, Berlim... Nunca me passou pela idéa a supposição esdruxula de que pudesse existir um vago cidadão que tivesse horror a essas maravilhas do seculo que são os jornaes falados, os "travelstalks", os "talkar-toons", e as proprias comedias, os proprios dramas! Que se fechasse, tão absurdamente, dentro de si proprio, como se o mundo terminasse em Pirituba ou na Quarta Parada, e não se estendesse por cinco continentes que o cinema traz até nós, aos poucos, em scenas e sons, tão nitidamente e

tão authenticamente que, muitas vezes, pensamos estar no "deck" de um paquete ou na cabine de um expresso, em lugar de estarmos numa sala de exhibição de filmes.

Entretanto, esse sêr inconcebível existia. Mais ainda; existia e estava deante de mim! Não pude, por mais tempo, reprimir uma pergunta:

— Diga-me, tavalheiro. Por que o sr. não vae a cinemas ?

— Oh! a cinematographia é uma escola de perdição e de crime !

— Hein!? O sr. quer insinuar que eu sou um perdido e um criminoso.

— Oh! não! Isso não!

— Mas, meu amigo! Eu frequento cinemas ha vinte annos e ainda não me perdi! O sr. é de opinião que Nero gostava de cinema?

— Não sci...

— E Messalina? Quantas fitas ella viu ?

— Sim... De facto..

— E o Antonio Silvino ? E o "Lampeão"? E todos os bandidos, e todos os degenerados, de todos os tempos, desde a criação do mundo até 1900? Desde Caim até o Ditinho Dente de Ouro? Desde a mulher adúltera da Biblia até a ultima adúltera do seculo dezenove? E eu? O sr. acha que eu já matei alguém ?

— Oh! não !

— Pois matei! Acabo de matar o sr.. na cabeça !

## O P O V O

**Q**UE é o Povo?

Já uma vez eu fiz aqui, com a devida solemnidade, essa dolorosa interrogação. E eu mesmo não soube responder-me.

Entretanto, seria interessante saber-se o que é essa entidade abstracta, metaphorica, omnimoda e omnipresente, porque não ha, sob a face do sol, palavra que mais se use e da qual, com maior insistencia, se abuse.

Um politico — os politicos são os donos dessa palavra — um politico governista, quando abre os braços e a bocca, em tropos oratorios de alto estylo, affirma sempre, com a mais serena convicção, que elle fala em nome do Povo. Outro politico, este opposicionista, tambem se esguêla em orações fulminantes e assegura com a mais positiva das certezas, que fala em nome do Povo. Outro politico, nem governista nem opposicionista, que resolve falar, fala sempre em nome do Povo. Não ha politico, de paletó ou de farda, que não seja o “lidimo interprete das aspirações populares”.

Com os jornaes dá-se o mesmo phenomeno. Todos elles são interpretes do povo; affirmam-n’o sempre cada qual com maior enthusiasmo. Entretanto, por mais popular que seja um jornal, representará elle, de facto, a opinião do povo ?

Para se responder a essa pergunta seria necessario responder-se áquella que eu fiz ali em cima: que é o povo ?

Suppõe-se que o povo seja o conjuncto de todas as classes de uma sociedade. Nesse caso, deante de tão varias pessoas componentes e de tão heterogeneas classes, como poderia um jornal reflectir integralmente, a opinião do povo ?

Parece difficil. Mas é simples. Ha, em Nova York, um jornal que é um dos maiores diarios do mundo: o "Daily News". Esse jornal procura resolver o problema de uma fórma absolutamente "sui-generis". Elle possui uma secção diaria que se chama "The inquiring photographer" (o perguntador photographo). Todos os dias esse prestimoso reporter deixa a redacção e vae postar-se em qualquer ponto da cidade. Ahi, vae agarrando alguns transeuntes, faz-lhes uma pergunta sobre qualquer assumpto de actualidade, anota a resposta, photographa o entrevistado e, dahi a uma hora volta á redacção. Na redacção, o secretario selecciona as seis melhores respostas e publica-as, ao lado da careta do respondedor. E este, vendose publicado, nada mais tem a fazer senão ir á redacção e receber 5 dollares, que é quanto o "Daily News" paga a esses collaboradores eventuaes.

Ha nessa secção perguntas de todos os generos. Por exemplo:

"Os longos discursos dos candidatos á presidencia influiram em seu espirito levando-o a votar, por isso, neste ou naquelle?"

Esta pergunta foi feita a varias pessoas na Sheridan Square e tiveram suas respostas publicadas: uma senhorita, miss Florence C. Flood; um corretor, sr. E. A. Smith; uma dactylographa, miss

Hilda Huberman; um sargento de policia, William Comcy; um carpinteiro, Lewis Ritchie e um superintendente de estrada de ferro. Todos elles, em poucas palavras, deram a sua "abalizada opinião" sobre o caso.

Uma outra pergunta curiosa foi esta: "Na sua opinião, o pedido de demissão do prefeito Walker equivale a uma confissão de delicto"?

Semelhante pergunta, feita no Brasil, numa praça publica, seria uma tarefa perdida porque, de cem pessoas interrogadas a respeito das culpas de um prefeito pirata, talvez nem quatro pessoas soubessem responder. Em Nova York, porém, todos responderam, desde um engenheiro até um agente de negocios. Uns acharam que a demissão de Walker não era uma confissão de que elle tivesse culpa no cartorio. Outros porém, bateram o pé e affirmaram que Walker, resignando o cargo, confessava suas culpas.

Como se vê, não ha maneira mais pratica de um jornal reflectir a opinião publica a proposito de qualquer assumpto, ou mesmo sem proposito nenhum, como por exemplo, uma pergunta que foi feita ha pouco tempo nesse jornal: "O homem deve auxiliar a esposa a lavar os pratos?"

A pergunta parecerá a nós, uma simples piheria. Mas se vocês vissem com que seriedade os cidadãos americanos a responderam.



## OS CIVILIZADOS

**O**S jornaes de hoje deram curso a uma noticia muito interessante, a proposito da chegada ao Rio, de seis indios da tribu Xeren.

Esses indios partiram de sua aldeia, nas divissas de Goyaz com o Maranhão em abril do anno passado, com destino á capital goyana, afim de pedirem recursos para sua gente. Em caminho, encontraram um individuo que prometteu leval-os ao Rio, em troca de pequenos serviços. Os selvicolas, commovidos ante a philantropia do estranho cidadão, accederam de bom grado, certos de que um homem que vive em contacto com a Civilização é um homem em quem se póde confiar.

E confiaram nelle. O sujeito, agindo com aquella alta intelligencia que caracteriza o "homo sapiens" e dando amostra de sua requintada civilização, agiu como costumam agir os homens civilizados deante de homens rudes e ingenuos: explorou-os. Agarrou nos ingenuos selvicolas e andou com elles, por villarejos e cidades, exhibindo-os a outros homens igualmente civilizados como quem exhibe gorillas, e guardando, nas profundidades dos bolsos ávidos, o dinheiro das ferias. E' evidente, é claro, é natural, que os incolos desavisados não viram jamais um nickel das receitas fartas das exhibições estranhas. O homem civilizado, aliás, fez questão de ser integralmente

civilizado: certo de que os bugres, cegos pela ignorancia e pela bôa fé, não lhe pediriam contas do dinheiro — mesmo porque o dinheiro é, para elles, objecto ignorado — o cidadão-empresario começou despindo os ingenuos. Exhibir indios en-farpellados em roupas de gente branca não é espectáculo dos mais attrahentes, uma vez que o que caracteriza um indio é justamente a nudez, mais ou menos integral. E vae dahi, despiu os bugres. Despiu-os e andou com elles, daqui para ali, de cidade em cidade, cortando o vasto territorio goyano em todos os sentidos e amealhando, com engenho e arte, uma farta pecunia garantidora de um futuro gostoso.

Feito o que, o homem civilizado arrumou suas malas, poz o chapéo catita na cabeça sábia, envergou seu lindo sobretudo e deu, elegantemente, o fóra, deixando os incolas nús com as mãos no bolso. Depennados, apenas com um cocár de pennas, os pobres diabos tiveram que esperar que alguém tivesse pena delles e os enviasse para o Rio.

O caso é interessante, porque vem pôr á mostra as vantagens da Civilização. Um homem civilizado vale por seis selvagens, como se vê. Antigamente, em tempos que já vão longe, era de praxe os indios comerem os brancos, ao som de inubias festivas. Hoje, com o progresso, um homem civilizado reduz seis selvagens á expressão mais simples, e só não os come porque não quer. As pessoas que desejam, para a humanidade, a volta ao primitivismo, devem attentar nesse caso symptomatico e colher, delle, as lições que elle nos offerece. Não barbarisemos os civilizados, mas civilizemos os barbaros.

Esses seis indios, por exemplo, que acabaram de entrar em contacto com a Civilização, não devem voltar ao seu primitivismo pré-historico. Devemos polil-os, educal-os, despojal-os da sua crosta de ingenuidade e de bôa fé e transformal-os em homens civilizados. Façamos isso que, dentro de pouco tempo, para o bem da patria e da humanidade, elles deixarão de ser seis animaes simplorios e ingenuos, para se transformarem em seis refinadissimos piratas.

E a Civilização sorrirá, agradecida...

## O CHAPÉO NA CABEÇA

**E**U TENHO um amigo profundamente implícante e inconveniente. Viajou muito. Correu paizes civilizados e palmilhou regiões semi-barbaras. E, com o direito que essas longas travessias lhe outorgaram para falar mal de uma porção de coisas de que nós todos falamos bem, esse azedo cavalheiro, quando começa a discretear sobre usos e costumes, é espantoso e desabusado.

Ha dias, por exemplo, quando subiamos os andares de um arranha-céu, engaiolados num elevador, o meu amigo Zenobio teve oportunidade de tecer considerações inconvenientes a proposito do que elle chamou “a macaquice nacional”

Quando entrámos para esse ascensor, entraram comnosco dois rapazes de grande oculos, um cidadão de grandes bigódes e uma senhorita de grandes olhos. Mal essa fascinante donzella pisou no elevador, os tres homens, instinctivamente, machinalmente, como impulsionados por um machinismo invisivel, ergueram os braços e tiraram os chapéos. Os tres homens e eu. O meu amigo, porém, com uma imperturbabilidade desnorteante, olhou para os grandes olhos da moçoila, cedeu-lhe passagem, mas não arredou, do alto de sua cabeça, o seu vasto chapéu marron.

Sentiu-se, em torno, nos olhos despeitados da moça e nos olhares fuzilantes dos cavalheiros, um ambiente de indisfarçável hostilidade contra o meu excellente amigo e o seu detestavel chapéu.

Timido e sussurrante, segredei-lhe:

— Tire o chapéu!

Pasmo e boquiaberto, elle interrogou-me.

— Por que ?

Olhei em torno. E expliquei:

— Por causa da senhorita.

— Mas, perdão. Eu não conheço essa senhora. Não a cumprimentei. Nunca lhe falei.

— Mas é que.. por uma questão de bom tom...

— Já sei. Vocês aprenderam esse “bom tom” no cinema. Nos Estados Unidos, uma das coisas mais communs na vida das cidades são essas scenas de elevador. Geralmente, todas as pessoas que tomam um elevador se conhecem, pelo menos de vista. Seja nos predios dos grandes escriptorios ou apartamentos, toda aquella gente se conhece. Justifica-se, pois, perfeitamente, que os homens se descubram dante de suas conhecidas. Mas nós aqui não conhecemos ninguem. Matronas mal encaradas que entram num elevador, provocam logo um deschapelamento geral. Ora, meu caro, isso não é bom-tom, é macaquice. Se se trata de respeito ao bello sexo, homenagem ás damas, ou qualquer coisa parecida, não se justifica que esses mesmos cavalheiros se conservem de chapéu na cabeça, deante das senhoras que ficam ao seu lado nos bondes ou nos omnibus. Você acha natural que um homem seja bem educado no elevador, e mal educado no bonde? O bonde é um “elevador” que anda em sentido horizontal e o “ele-

vador” é um bonde que anda em sentido **vertical**. Você acha que uma simples questão de marcha horizontal ou marcha ascencional possa influir na educação de um homem? Eu não acho.

— Nem eu.

— Pois, então, ponha o chapéu na cabeça.

Puz o chapéu na cabeça. A mocinha fuzilou-me com um olhar terrível. Os cavalheiros bem penteados alvejaram-me com olhares chispantes de indignação. O exemplo cinematographico denunciava catastrophe. Mas o elevador parou. Saímos todos.

E eu escapei de ser lynchado.

## O "SNR. REDACTOR"

**C**REIO que não ha, no mundo, classe mais pitoresca que a dos jornalistas.

O jornalista, principalmente no Brasil ou, melhor, unicamente no Brasil, é um ser absolutamente anormal e cuja psychologia ainda está para ser estudada convenientemente.

E' claro que não me refiro aos "industriaes do jornalismo", a esses interessantes cidadãos que fazem do seu jornal um meio de vida como alguns outros. Falo do jornalista-jornalista, daquele que, na opinião nunca assaz louvada do conselheiro Accacio, exerce o seu "metier" como um sacerdocio.

Essa especie de jornalista merece uma referencia especial nestas columnas graves. Ella constitue, innegavelmente, a maioria da classe.

O jornalista, no Brasil, é um pobre diabo cheio de deveres e vasio de direitos. Exige-se-lhe tudo e, em compensação, não se lhe dá nada, além da vida torva com que o destino o brinda e da má cara com que a sociedade o olha, de soslaio.

Em qualquer parte do mundo, o jornalista é, em via de regra, um homem viajado, porque as companhias maritimas, ferroviarias e aereas lhe fazem concessões especialissimas no preço das passagens; elle póde assim, conhecer, senão o

mundo, pelo menos a sua terra e falar della, debater os seus problemas e cuidar das suas necessidades, com inteiro conhecimento de causa. No Brasil, não. O jornalista brasileiro mal conhece a sua cidade porque, geralmente, não tem dinheiro para o bonde. Uma "viagem" a Santo Amaro é, para o reporter paulista, uma verdadeira façanha. E uma excursão a Santos ou a Campinas, feita por conta do jornalista, põe em sério risco a sua economia domestica e enche de apreensões a proprietaria da casa onde elle mora. E as companhias de estrada de ferro ou as empresas de transportes maritimos só não lhe augmentam a passagem nos seus trens e nos seus navios, porque não sabem ao certo quando é que o jornalista vae viajar.

Entretanto, não ha ninguem mais abnegado e mais feroz na defesa dos interesses alheios... O jornalista, no Brasil, só sabe cuidar dos problemas dos outros, em absoluto detrimento dos seus.

São incontaveis as campanhas em que elle se empenha, visando a melhoria de condição de todas as classes sociaes. De todas, menos da sua...

Abram, por exemplo, qualquer jornal. Ahi encontrarão campanhas violentas, insistentes, incansaveis, em beneficio disto ou daquillo. Nessas occasiões, o jornalista brasileiro é medonho: enfrenta tudo, esgrime, avança, apanha, dá, mette-se em complicações diabolicas, mas depois...

— Você está vendo? exclama elle mais tarde, brandindo um jornal. Custou, mas venci !

— Venceu o que ?

— Esta campanha em pról dos senhorios. Os proprietarios de casa estão satisfeitos em todas



as suas aspirações, graças a mim! Ah! meu caro! Custou, mas venci!

— E que foi que você ganhou?

— Eu? Ganhei essa victoria moral.

Elle é assim, absurdo e romantico. Ganhou uma "victoria moral" mas, no dia em que precisar de uma casa para morar, o senhorio exigirá delle três mezes de aluguel adiantados, além de dois fiadores idoneos e de um contrato asphyxiante!

— Sim, meu caro senhor! Precisamos que o sr. arranje tres mezes adiantados e dois fiadores idoneos.

— Isso é difficil! Eu posso arranjar um idoneo mas o outro tem que ser Possidonio.

— Não serve. Passe bem.

— Mas lembre-se que fui eu que defendi a causa dos senhorios no meu jornal!

— Eu não lhe pedi nada! Passe muito bem!

Outras vezes, enfrenta poderosos, em campanhas terriveis, defendendo humildes. E' perseguido. Acaba despejado da baiúca em que mora. E, ás vezes, quando se dirige aos penates, a pé, alta madrugada, é agarrado a uma esquina e leva uma surra heroica, sem saber de quem e nem por que. Isso, todavia, não impede que, no dia seguinte, exhiba o olho pisado e o braço na ti-poia, com justo orgulho.

— Éstão vendo? Agrediram-me, hontem, nias não me intimidam! Vou proseguir na defesa dos fracos!

Elle se compadece de todas as fraquezas, menos da sua. Torna a apanhar. Volta a insistir. Os poderosos conseguem arrancal-o do emprego. Elle, que auxiliou todo o mundo, não encontra

quem lhe dê um tecto. Emmagrece. Definha. E, um dia, num leito humilde, num quarto infecto, morre tuberculoso. O seu enterro, acompanha-o apenas a velha mãe que, á beira do tunulo, derrama uma lagrima amarga, sincera, angustiada.

E' o unico premio que elle tem...

## **ASPECTOS DA CONFUSÃO NACIONAL**



## O NOVO TRIBUNAL (1931)

**A** REVOLUÇÃO, se não tem sido fértil em realizações, não é por falta de idéas. Si se puzessem em pratica todos os planos salvadores que, depois de 1930, têm surgido diluvianamente no Brasil, nós navegariamos hoje em mar de rosas.

Ainda agora, surge uma nova idéa. Posta em execução, não tenhamos duvidas, o Norte passará a perna ao Sul.

Porque, infelizmente, a inovação salvadora só será applicada nos Estados que se estendem da Bahia para cima.

E' assim que, cada Estado desses, irá possuir, de agora em diante, installado na sua capital, um Tribunal de Reclamações.

A idéa, em si, não é nova. O jornalismo tem se servido della nas suas secções de queixas, onde o povo, sempre que o quizer, poderá desabafar-se á vontade. E' uma das secções mais populares dos jornaes e, por isso mesmo, a mais inoffensiva: não faz mal ao povo, que a escreve, nem aos poderes constituidos, que não a lêm. O que faz a sua inutilidade, pois, é apenas o facto de haver um intermediario, o jornal, entre o publico e o governo.

Agora, porém, as queixas se encaminharão directamente, do appellante para o appellado, sem os onus decorrentes do facto de haver, entre ambos, interposta entidade que, por qualquer razão, não merecia o credito governamental.

O Tribunal se comporá, segundo declarações do major Juarez Tavora, de um juiz, um militar e um politico revolucionario. A santissima trindade, a que não faltará, com suas luzes inspiradoras, o “espírito revolucionario”, é quem vae resolver todas as queixas e reclamações do povo nortista.

Assim, por exemplo, se o cidadão Fulano tem um vizinho que toca flauta a noite toda, perturbando-lhe a placidez do somno, correrá incontinenti ao Tribunal e protestará contra o tubo importuno. Os tres juizes reunir-se-ão, estudarão o caso de melomania nocturna, a influencia dos sustentidos e bemóes nos espiritos somnolentos, e resolverão: ou obrigar o flautista a adaptar uma surdina ao seu instrumento, ou a calar-se de vez, trocando a flauta por um instrumento menos ruidoso — um berimbáu, por exemplo.

Se o sr. Sicrano não encontrar, nunca, um lugar num bonde, para viajar sentado, corre ao Tribunal. O triumvirato estuda o caso e resolve: ou a Companhia de bondes colloca um banco de sobressalente para o sr. Sicrano, ou o sr. Sicrano será intimado a tomar um auto-omnibus, se fôr possível, ou uma carroça, se fôr preciso.

E assim por deante. Se a decisão não agradar ao queixoso, elle poderá recorrer ao chefe do Governo Provisorio. Se o Tribunal, por acaso, decidir que o flautista adapte uma surdina na sua flauta e o cidadão Fulano não concordar com a solução, appellará para o sr. Getulio Vargas. O hon-

rado dictador encerrar-se-á no seu gabinete, a portas bem fechadas, e estudará o caso. Primeiro, procurará saber se uma pessoa que dorme poderá ouvir uma flauta que toca. Concluirá que não. E resolverá, então, com satisfação geral, que o flautista toque a sua flauta, sómente depois que o cidadão Fulano estiver ferrado no somno.

Como os leitores vêem, não ha nada mais simples, nem mais pratico.

A principio o Tribunal chamar-se-á "de Reclamações". Depois "Tribunal de Queixas". Mais tarde "Commissão de Desabafos". Um anno depois será "Junta de Estrillos".

Depois... Depois assumirá a presidencia da Junta um bispô qualquer.

O povo, então, irá queixar-se a elle...

## UM ENTENDIDO

**I**STO ocorreu nos dias dramaticos da famosa recomposição ministerial do governo provisório. Ministros que sóbem e que, no dia seguinte, tombam. Conferencias, “pourparlers”, entrevistas, conciliabulos, negociações... E, principalmente, boatos. Boatos pequenos, medios e graúdos, boatões apavorantes. Todavia, apesar das conferencias a portas fechadissimas e dos reides em aeroplanos, ninguem quer ser ministro!

Foi quando, certo dia, eu entrei num café, sentei-me e...

— Pois, sim senhor! A vida é esta!

Ergui os olhos cansados e fixei-os, com tédio, na cara desanimada do meu eventual companheiro de mesa, no Café tumultuoso. Elle passou as costas da mão pelo bigode esfiapado e resmoneou, ageitando-se na cadeira:

— Que é que o sr. acha disso tudo?

— Disso o que? Do café?

— Não! O sr. não me comprehendeu. Disso tudo ahi fóra. Da politica.

— Ah! Mas eu não entendo de politica.

— Como não? Isso é modestia. Todos nós entendemos de politica, na medida das nossas intelligencias. O sr. não acha que tudo isso vae acabar mal?

— Por que?



— Oh! O sr. então não está ao par dos acontecimentos? A situação é de excepcional gravidade! E' de uma terrível gravidade!

E o cavalheiro magro, ficando os cotovellos na mesa, encarou-me de frente, esperando o meu sobresalto. Vendo-me calmo, voltou á posição primitiva e sentenciou gravemente:

— Maus dias estão reservados á nossa cara patria, cavalheiro! Pessimos dias! O futuro é um ponto de interrogação, negro e fatal!

— O futuro de quem?

— Oh! senhor! Estou lhe dizendo: o futuro da patria. Nós, em dolorosas lévas, marchamos de olhos vendados, para um abysmo de trevas!

— Bonito verso!

— Perdão! Isso não é verso, meu senhor! E' a expressão da verdade. Nem eu sou homem que faça versos, em periodos cyclonicos como o que atravessamos! Num momento destes, eu sou um homem prompto a dar a minha vida pela patria!

— Mas a patria não está em perigo...

— Como não? O paiz está politicamente esfacelado. O senhor ainda não notou isso?

— Confesso que...

— Já sei! O nosso mal é esse: ninguem sabe nada. Só se sabe o que os jornaes contam — e isso é um modo intelligente da gente se atascar na ignorancia mais completa. O senhor lê jornaes?

— A's vezes, por desfastio...

O facundo cidadão fez um gesto de asco e bradou:

— Que horror! Os jornaes contam o que todo o mundo já sabe. As unicas novidades que trazem são os annuncios de cinema. No mais...

E fez um gesto largo, como quem afasta de si coisas insupportaveis. Depois, tendo endireitado no alto da grenha o chapéo desabado, de côr indefinivel, chamou o garçon:

— Pssiu! Uma média!

Voltou-se para mim:

— Pois é o que lhe digo, meu caro senhor! Estamos sobre um vulcão! Mas isso não é nada!

Encarou-me de novo, olhou precavidamente para os lados e, debruçando-se sobre a mesa, susurrou-me ao ouvido:

— Isso ainda não é nada!

Voltou á cadeira, esperando uma interrogação minha. Para satisfazel-o, affectei assombro e perguntei-lhe:

— Por que? Ha alguma coisa de grave?

Elle curvou-se de novo sobre a mesa e exclamou no meu ouvido:

— Nem queira saber!

Sentou-se outra vez e repetiu, de olhos esbugalhados:

— Nem queira saber, meu caro senhor e amigo!

E, em voz baixa, como numa confissão gravissima:

— O marechal Deodoro pediu demissão!

— Hein? Que marechal Deodoro?!

— O proclamador da Republica, ora essa! E sabe porque? Por causa de uma briga com o padre Feijó! O sr. viu essa noticia nalgum jornal?

— Não.

— Pois ahi está! E por que os jornaes não noticiaram isso? Não sabe? Porque no dia em que D. Pedro II chegou do Sul em avião, o gabi-

nete Saraiva embarcou para o Norte no submarino PRAR. Ahi está! E agora?

Encarou-me de novo. Eu balbuciei, assustado:

— Agora. Bem, até logo.

— Espere! O sr. está pensando que eu sou louco? Ora, essa! Aliás, o sr. não é o primeiro. Mas, meu amigo, eu apenas exponho factos. E digo-lhe mais. (Levantou-se, veio até junto de mim, collou os labios na minha orelha e sussurrou):

— Digo-lhe mais: se o sr. não me arranjar quinhentão ahi, eu não tenho um nickel para pagar a média..

Dei-lhe cinco tostões e disparei.

## CINEMA E CENSURA

**A**S pessoas que gostam de cinema, no Brasil, isto é, noventa e nove por cento da população brasileira, devem estar neste momento, de olhos arregalados e cabelo em pé, a fitar escancaradamente a dictadura, na ansia afflictiva de tentar saber para onde ella nos quer levar.

Depois de varios actos discricionariamente in-criveis, em que a dictadura fez uns ensaios economicos e "nacionalistas", taxando, super-taxando e tarifando os "talkies" com um furor quasi anthropophágico, resolveu ella, finalmentê, federalizar a censura cinematographica, isto é, atirar o sentimento artistico de quarenta milhões de brasileiros ás garras dictatoriaes de cinco medallhões cariocas: um archeólogo, um policia, um juiz e dois professores de qualquer coisa.

Não sei, ninguem sabe, pessoa alguma jámais saberá se esse ajuntamento de hecterogeneas notabilidades pretende estabelecer um dogma para a moral e um estatuto para a Arte, ou se pretende, agindo individualmente, exigir que os filmes estrangeiros interessem, antes de mais nada, aos archeólogos, aos delegados, aos juizes e aos professores.

Que concepção tem um archeólogo da moral?

Que idéa faz um delegado de policia do que seja Arte?

**Em que consiste, para um juiz, a Belleza?**

Eu acho perfeitamente possível Joan Crawford em trajes de banho, e Marian Marsh em "combinação", bancarem, ou desbancarem Phrynéa, e obrigarem o juiz carioca a agir como seus longínquos collegas do Areópago atheniense. Mas o delegado? E os professores? E o archeólogo? Não haverá dentro delles um Xenócrates pudibundo e lôrpa que os instigue a tesourar a pellicula no melhor da festa, sob o desmoralizado pretexto de "salvaguardar a moral publica"?

E os beijos? Quantos segundos deve durar um beijo para estar de accôrdo com os canones? E as "toilettes"? Devem ser curtas ou compridas? "Decolletées" ou fechadas? Qual será a opinião do sr. archeólogo sobre a ultima criação de Patou? O sr. juiz irá julgar uma scena de arte de Frank Borzage com o mesmo criterio com que, no forum, julga um "grilleiro" ou um passador de notas falsas? O sr. delegado irá opinar sobre a arte magnifica de Walter Huston com a mesma displiscencia com que interroga um ladrão de gallinhas? O sr. director do Museu Nacional vae julgar o "sex-appeal" de Marléne Dietrich e a belleza satanica de Clara Bow com o mesmo espirito com que analisa uma cadeirinha do tempo de D. João VI ou um tóco do mastro da caravella de Colombo? O casal de pedagogos pretenderá impôr u'a moral de cartilha a quarenta milhões de brasileiros com a mesma autoridade com que dá uma lição de arithmetica a quarenta garotos?

Seja tudo pelo amor de Deus!

Esta chronica está crivada de interrogações, porque eu não sei, porque ninguem sabe, aonde iremos parar nesta furia tragicomica de se arran-

car dinheiro ao povo e de se obrigar um juiz a sáhir do seu Juizo, um archeólogo a deixár o seu Museu, um policial a desertar a sua Delegacia e dois professores a abandonarem suas Escolas para virem fazer, numa sala escura, deante de uma tela illuminada, os mesmos disparates que faria o sr. Serrador, por exemplo, na direcção de um museu ou de uma escola de arte culinaria.

Num paiz que possui a desanimadora extensão territorial do Brasil, toda centralização é contraproducente e uma das coisas que não devem, porque não podem ser centralizadas, é justamente a censura de filmes; Muitas scenas podem passar no Rio como moraes e serem horriavelmente inmoraes em Minas, Goyaz, ou Matto Grosso. A moral varia de Estado para Estado e, até mesmo de individuo para individuo. (Este conceito, que parece ser do conselheiro Accacio, é meu. “Mea culpa.. ”)

Mas, além desse pitoresco “Tribunal de Correição Cinematographica” ou “Junta das Sancções Moralizadoras” ha, no decreto pyramidal, esta coisinha notavel: os cinematographistas serão obrigados a pagar 300 réis por metro de filme censurado, e por copia. Isto quer dizer que um filme commum, de nove partes, vae pagar 540 mil réis por copia, ou sejam, no caso de haver tres copias, 1:620\$000 réis!

E para onde irá todo esse dinheiro? O decreto nos affirma, vagamente, aereamente como de costume, que essa verba será destinada á... educação popular.

Pois a “educação popular” que vá esperando...

## LIVRE - CAMBIO E ETC.

**O** movimento em pról do livre cambismo vem tomando, nestes ultimos dias, na Inglaterra, aspectos impressionantes, pois o velho Partido Liberal, certo de que os males de ordem economica e financeira que affligem hoje o Reino Unido, provêm principalmente da politica proteccionista posta em pratica pelos ultimos governos, resolveu reorganizar as suas hostes dispersas para cuidar do immediato restabelecimento da liberdade de commercio.

Foi sob esse regime, aliás, que a Inglaterra — como ha poucos dias accentuou Lord Snowden — conseguiu arrecadar a maior receita que qualquer paiz do universo poderia alcançar e “apresentar aos olhos do mundo uma posição financeira e orçamentaria mais segura que a de qualquer paiz proteccionista”. E foi esse regime que, após a violenta crise de 1857, conseguiu livrar a Inglaterra, e varios outros paizes, de um sensacional enterro de primeira classe...

Que os liberaes inglezes — dispersos desde que se esboroou a União Nacional — conseguirão o seu objectivo, parece estar fóra de duvida sabendo-se, principalmente, que o actual gabinete chefiado por Macdonald conseguiu o apoio de todos os partidos em pról desse movimento que, segundo frizou sir Heribert Samuel, ministro do

Interior, “será um movimento altamente salutar para a economia mundial”, pois “virá facilitar immediatamente o commercio internacional e melhorar as condições economicas de todos os paizes” Assim, pois, não é temerario prever-se que o tradicional Partido Liberal venha a occupar o lugar proeminente que sempre occupou e sob cuja bandeira a Inglaterra se fez, economica e financeiramente, a “nação-standard” do universo.

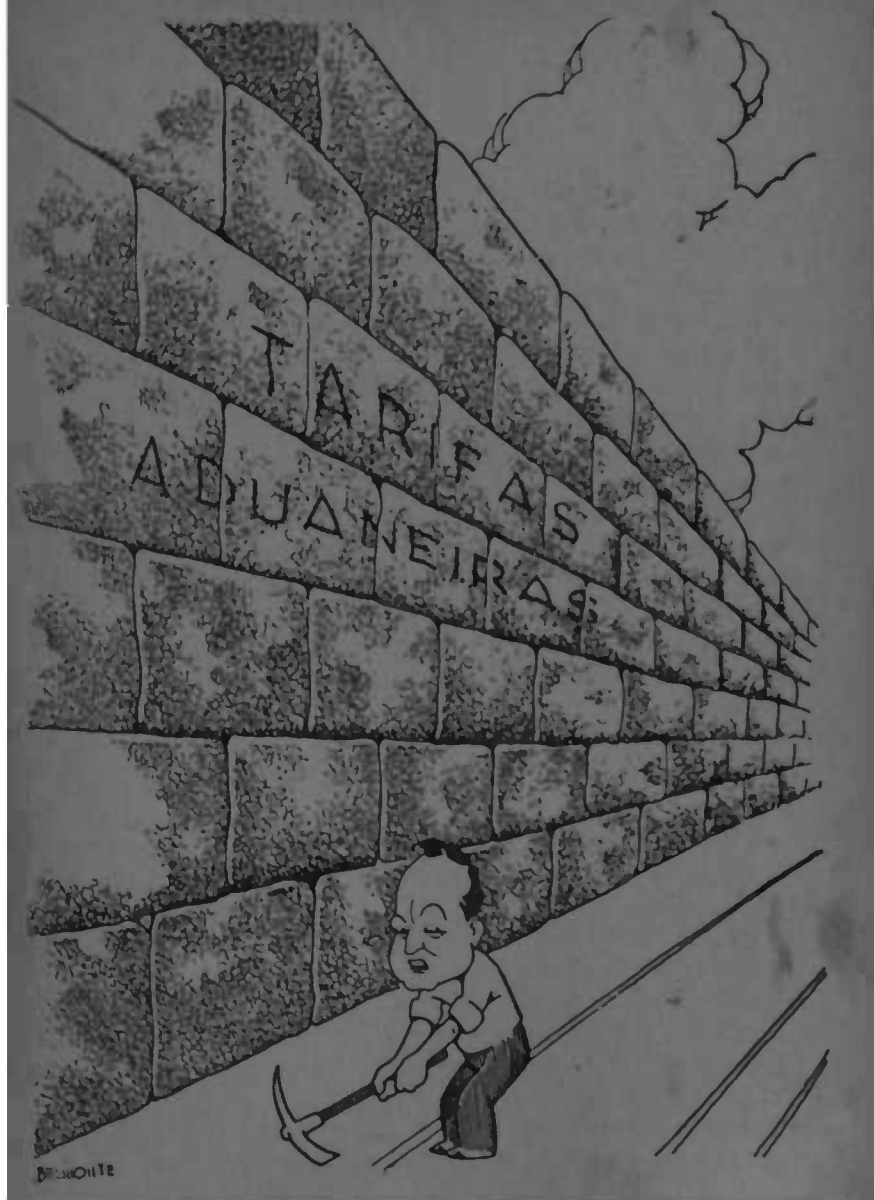
Estaria, ahi, como vêem, uma excellente occasião para o sr. Getulio Vargas cumprir uma de suas risonhas promessas e tratar de fazer uma revisão geral nas nossas inconcebiveis tarifas aduaneiras... Mas, no Brasil, é sempre perigoso implorar-se coisas desse jaez. Quando, nestas terras complicadas, se fala em dismantelar as barreiras alfandegarias que estão nos reduzindo á expressão mais simples, apparecem uns cavalheiros mysteriosos bradando com desespero que “falar em livre cambismo é defender os interesses estrangeiros...”

E’ claro que ninguem os leva a sério.

Isto é: ninguem, não. O governo provisório acredita nelles, mais do que nos factos concretos que o mundo exhibe. As provas temol-as ahi, todos os dias, com o “delirio tarifario” que atacou a Republica Nova. E, como consequencias desse delirio, ahi estão as nossas exportações reduzidas a pouco mais de zero e os contrabandos passando formidaveis “contos do vigario” nas alfandegas... Ainda ha poucos dias, descobriu-se uma fabulosa “moamba” por via da qual o Thesouro Nacional levou um “tiro” de quasi dois mil contos! Ora, os senhores acreditam que, num paiz que tem as “costas largas” do Brasil, seja esse o unico con-



A TAREFA DA TARIFA



**Getulio:** — Ha tres annos que estou assim...

trabando existente? Numa terra desta, com uma costa infinita, quasi inteiramente despolicuada, os contrabandistas sempre encontram geito de empurrar o "paco" no fisco, passando por cima de todas as barreiras alfandegarias e mandando o proteccionismo pentear macacos.

Pois, meus amigos nem assim o governo se emenda! Crêa taxas e impostos com uma fertilidade verdadeiramente tropical e onera os artigos estrangeiros, de tal fórma, que o resultado será fatal: acabaremos liquidando toda a nossa exportação e ficando tão isolados do mundo como a Groenlandia ou a Lua..

Entretanto, emquanto o governo taxa machinismos que não podemos fabricar, remedios que não sabemos manipular ou livros que não conseguimos escrever, tornando essas coisas cada vez mais inacessiveis e levantando represalias por toda a parte, emquanto o governo enfrenta nipponicamente, afugentando-os, os capitaes estrangeiros — age mussulmanamente deante de coisas que exigem mais nipponismo...

Chama-se a isso, sob a Republica Nova, fazer nacionalismo!

Por que? Segredos da Natura...

Mas, pergunta-se agora por toda a parte, o governo já se lembrou algum dia, vagamente que fosse, de crear uma taxa para esses "famosos" exploradores e "scientistas" que vivem se embrenhando nos nossos sertões?

Não. Elles aqui chegam, embarafustam pela selva a dentro como se estivessem na casa da exma. sogra, carregam com os nossos nunca assaz louvados thesouros e vão para suas terras, tempos depois, dar entrevistas ou escrever livros so-

bre esta Africa americana — “the wild country”, “le pays de la mussurana”, “la tierra de la cascavel”, “der javaréwelt”, “il paese delle hotocudos”, etc. etc.

Ora, já que o governo está disposto a agir com nacionalismo -- vá lá! — guerreando ferozmente a entrada de productos dos outros e impedindo a sahida dos nossos, por que extranhos motivos foi esquecer-se da unica coisa de que devia lembrar-se? Tomo, pois, a liberdade de aconselhal-o a mandar pintar umas taboletas e levantar umas bilheterias á entrada do nosso sertão e cobrar impostos de todos os “cientistas” que venham procurar Fawcett e desmoralizar o Brasil. Essas taboletas pódem ter estes dizeres:

“Entrada: 100 mil libras”.

“Improprio para menores e senhoritas”.

“Estão suspensas as entradas de favor”.

Dentro de alguns annos o Brasil estaria millionario...

## “DESERTO DE IDÉAS...”

**O**S outubristas são, como se sabe, profundamente nacionalistas, pois não cessam de reclamar, nas suas entrevistas e nos seus manifestos, “uma solução brasileira para os problemas brasileiros”.

Embora a formula seja vaga e nebulosa pois ninguém nos diz qual será a preconizada solução”, ella não deixa, comtudo, de ser respeitosa — pois é uma formula de se lhe tirar o chapéo.

Respeitemol-a, pois, mas permittamo-nos a liberdade de indagar: que é que os bravos revolucionarios entendem por nacionalismo? Dizem os lexicos que, por nacionalismo, se entendem as preferencias determinadas pelo que é proprio á nação á qual se pertence ou, em certos casos, a reivindicação politica das nacionalidades opprimidas.

A revolução que ahi está traçando normas á nação, entende, aliás acertadamente, que é urgente protegerem-se os coisas nacionaes, por meio de um combate cerrado ás coisas estrangeiras; mas entende, tambem, que é preciso combater as coisas estrangeiras mesmo quando não existam similares nacionaes, o que, positivamente, é querer levar muito longe a mania de originalidade.

Assim, pois, tendo entrado a agir no campo economico com essa furia arrazadora, resolveu ingressar tambem no campo politico e dar a tal “so-

lução brasileira para os problemas brasileiros”.

E aqui ficamos nós todos, durante dezeseete mezes, com clarões de esperança nos olhos, a esperar a famosa “solução brasileira”

Os dias escoavam-se, semanas passavam, mezes corriam, e a “solução brasileira” não apparecia. Vagamente, por entre a nebulosidade desnorteante que envolve a dictadura, percebia-se, uma vez ou outra, que nos empurravam para a “esquerda”, principalmente quando guerreavam o Direito. Isso porém, era praticado com dubiedades e vacillações desconcertantes, num jogo “sui generis” em que a nação representava o papel de bola de borracha em campo de futebol, numa “partida amistosa” em que só jogassem a extrema direita e a extrema esquerda de um clube de principiantes.

De repente, falou-se em fascismo.

Houve um abrir de boccas estupefactas. Fascismo para que? Ora, ora... Para trazer ao povo a tal “solução brasileira”.

Fascismo nacional, então?

Oh! não. Fascismo “nos moldes italianos”.

Houve quem visse no caso estranho uma contradição sensacional. Mas, eu já disse uma vez: sob a Republica nova não ha contradições. Ha apenas novidades. E uma dellas, entre milhares, foi justamente essa de se arranjar, para os problemas brasileiros, uma “solução brasileira” com o fascismo “nos moldes italianos”.

Só isso?

Não, meus amigos, não. Ainda ha mais alguma coisa e esta vem a ser que a tal “solução brasileira” por intermedio de um fascismo “nos

moldes italianos” deve ser praticada “de accôrdo com as idéas de Shmoler, pertilhadas por Ziegler”.

Como vê o paciente leitor que está acompanhando estas notas graves, vamos marchar, se é que já não estamos marchando, para um “nacionalismo” apoiado nas idéas de Mussolini, empurrado pela philosophia de Shmoler e amparado pelas theorias parasitarias de Ziegler. Ainda uma vez o Brasil dá um solenne quináu na Europa e obriga-a a estatelar-se, em curvaturas, deante de nós todos, na fórma do costume. Os “problemas brasileiros” terão, pois, uma “solução brasileira”, isto é, a unica solução que costumam ter os nossos problemas: emprestimo.

No tempo da republica velha, para se dar solução aos taes problemas, nós pediamos dinheiro emprestado. Agora, porém, sob a republica nova, nós pedimos idéas, porque não ha quem nos empreste dinheiro.

Hontem, os nossos deuses eram Rotschild e Schroeder. Hoje, são Shmoler, Ziegler e Mussolini.

Até ha um anno e meio atraz, nós tinhamos idéas, mas não tinhamos dinheiro. Hoje, nós não temos idéas mas, em compensação, tambem não temos dinheiro.

## NACIONALISMO

**H**A varios dias já, escrevendo a proposito da epidemia de tarifas alfandegarias que está assolando o mundo, neste momento solenne de solennissimas trapalhadas, bordei uns comentarios sobre a febre de nacionalismo que dá causa áquella epidemia.

Os povos hoje, não se sabe exactamente porque, resolveram nacionalizar-se, isto é, fechar-se em copas dentro de seus muros e cortarem relações commerciaes e amistosas com os vizinhos. Idéa absolutamente estapafurdia, neste seculo do aeroplano, do radio e da televisão, ella, comtudo, tem parecido boa, porque não ha quem veja o menor inconveniente de pô-la em pratica. A Europa inteira apanhou a idéa pelos cabellos, com um enthusiasmo que eu até agora não consegui comprehender e lá se encontram essas terras decrépitas a fecharem a porta da rua com toda a cautela, embora haja algumas que batam os portões, com estrondo, nas assustadas fuças do vizinho.

O pavor do escoamento de ouro para terras estranhas é o que, principalmente, está levando as nações civilizadas a tomar essa attitude fradesca; não sei (eu, positivamente, não sei nada) qual é o interesse superior que dicta semelhante "politica", pois esse ouro, abarrotando bancos, não impede que os povos andem comendo o pão que o diabo

amassou; na França, por exemplo — para citar apenas um caso — não ha mais espaço, em lugar nenhum, para esconder o “vil metal”, mas ha, em compensação, alguns milhões de “sem trabalho” nas ruas, pedindo pão.

Acontece, porém, que não ha pão. O que ha são canhões, aeroplanos, dirigiveis... coisas que não enchem a barriga mas que assustam os vizinhos. Isso quer dizer que, depois de varios seculos de civilização, a humanidade chegou á situação perfeitamente asinina de não saber o que fazer com os canhões que entopem os quarteis e com desempregados que entulham as ruas. Então, appella-se para a guerra, exigem-se conflagrações — para dar trabalho ás armas inuteis e aos homens sem emprego. Considera-se a solução magnifica porque, com ellas, se resolvem os dois problemas de uma só vez.

Mas como chegar-se a uma conflagração?

Os meios para isso são infinitos. Um delles é a “guerra branca”, isto é, o “super-nacionalismo” que, levantando por toda parte barreiras alfandegarias e legiões de xenophobos, colloca as nações mais amigas, frente á frente, como inimigas, emaranhadas todas numa animosidade commercial que, lentamente, vae escorregando para o terreno politico. E quando se chega a este ponto, de nada vale o latinorio do “si vis pacis cole justitiam”: lá se vae tudo quando Martha fiou.

Ha muita gente bem intencionada que procura, não só explicar, mas resolver tudo isso, manipulando formidolosos pasteis philosophicos e politicos, temperados com salsas fascistas e pimentas communistas. E surgem Congressos de Paz e Conferencias de Desarmamento, para pedirem,



através de soporíferos tropos oratorios, que se multipliquem os cogumelos diplomaticos e se reduzam as armas das nações. Mas não se sabe de ninguém que reclame, que exija o “desarmamento dos espiritos”. Duas nações espiritualmente amigas, embora armadas até os fios do cabello, nunca lutarão. Mas duas nações inimigas, embora não possuem nem uma “gillete” como arma, acabarão brigando a soccos e bofetões.

Ora, quando eu escrevi que o excesso de nacionalismo é um erro capaz de levar o mundo a um épico “sururú”, não faltou quem se arrepelesse ante o “disparate” e me xingasse de impatriota, de ignorante e de papagaio.

Entretanto, na Encyclica papal, dada á publicidade ha poucos dias, o chefe da igreja catholica se deteve nas mesmas considerações, estudando os males que a epidemia de nacionalismo póde causar á humanidade, como optimo aperitivo que é para as futuras guerras. E o papa, meus caros, é o papa — como dizia o meu amigo Felisbino Firmeza. Póde não ser um santo mas é, innegavelmente, um homem que estuda e que observa. Não estará, talvez, “dentro das realidades do momento”, como dizem por ahi, mas, por estar fóra dellas é que mais panoramicamente póde observá-las e mais profundamente comprehendê-las.

Eu tenho sido uma voz isolada, nestas bandas, a clamar contra o super-nacionalismo. E, por isso mesmo, os meus adversarios, nesse terreno, são incontaveis como as estrellas no céu e os malucos na terra.

Mas, já agora, não os temo. Para me liquidarem elles precisarão primeiro passar por cima do cadaver de Pio XI.

## A VEZ DAS MULHERES

**U**M paiz que, depois de declarar guerra á al-  
phabetização, creando a taxa escolar, decla-  
ra guerra á hygiene, inventando as taxas  
sobre “perfumarias”, é um paiz fadado ao mais  
glorioso destino entre os povos ignorantes e sujos.

Estamos todos de pezames, na fórmula do cos-  
tume: a gente elegante, por causa dos perfumes;  
a gente limpa, por causa dos sabonetes; a gente  
operária, por causa das fabricas que ameaçam fe-  
char-se.

As mulheres, principalmente, têm agora mais  
uma forte razão para se unirem e formarem uma  
espantosa frente unica em defesa do seu sacratis-  
simo direito de serem bellas. Emquanto a dictadu-  
ra andou por ahi dando pontapés trêmebundos no  
sexo forte, ellas se mantiveram alheias á desordem  
porque o homem, sendo forte, podia defender-se  
como quizesse. Agora, porém, o caso assumiu um  
aspecto immensamente grave porque o governo  
provisorio entrou, de bengalão em punho e chapéo  
na cabeça, no elegante “boudoir” das damas, para  
implicar com aquellas infinitas futilidades que,  
graças a Deus, são as melhores coisas da vida,  
porque são a materia prima com que se fazem as  
mulheres bellas. E, se numa mulher não se bate  
nem com uma flôr, numa dama encantadora não  
se bate nem com uma petala de rosa.

REALIDADE BRASILEIRA...



... no reino da fantasia.

Entretanto, lá vae o governo provisorio, imprudentemente, mexer em vespeira, invadindo os toucadores femininos, na sua insaciavel fome de taxas, sem se lembrar de que, com esse acto insolito, está creando um problema infinitamente mais grave que o dos "sem-trabalho": o problema apavorante das mulheres feias e dos homens sujos!

O humilde articulista, mas grande patriota, que subscreve estas mal traçadas linhas com toda a estima e consideração, tem apresentado, aqui, varias modalidades de taxas e impostos. Mas não chegou ao extremo de reclamar taxas para artigos que o homem creou com o intuito de corrigir a natureza e de que a mulher se utilizou para conquistar o homem!

Eu admitto, desculpo até, que o governo tenha enchido de taxas artigos inuteis como sabões, sabonetes, pastas dentrificias, liquidos desodorantes, etc. A gente pôde perfeitamente tomar banho e esfregar o corpo com sabugo de milho, caco de telha ou pedaço de tijolo. Pôde-se tambem limpar os dentes com pó de carvão, cinza de charuto, sarro de pito, calíça de parede, ou teia de aranha. No fim dá certo. Enquanto o governo não taxar os sabugos de milho, os çacos de telhas, os sarros de pito, a gente vae se arrançando como pôde e a respeito de perfume, nestes dias de verão e de suor, um galho de arruda, á moda nortista, faz o mesmo effeito que uma essencia de Lubin ou um perfume de Caron.

O que se não comprehende é que, neste seculo essencialmente sexual, em que o cinema nos entope a vista e o cerebro com as mais bellas mulheres do mundo, mulheres cuja belleza sahiu dos "beauty stores" mas que, por isso mesmo, são mais satanicas porque são bellézas que variam todas as

semanas, como as toilettes, venha um projecto unha-de-fome decretar que a belleza é attributo exclusivo das millionarias, fazendo subir, a preços prohibitivos, os "rouges", cosmeticos, "rim-mels", "crayons", "tabletes", depilatorios e outras invenções geniaes que produzem a unica coisa que presta neste mundo imprestavel: a mulher bonita.

Não! O governo desta vez vae crear um "caso" mais complicado que o "caso" de São Paulo. Se o sr. Oswaldo Aranha leu algumas poesias passadistas, cantando a cabocla do sertão que tem nas faces o "rubor dos pecegos" e nos labios "o sabor dos morangos", que traz nos cabellos o "perfume das selvas" e no corpo "o cheiro das manhãs cheias de sol", não acredite, porque tudo isso é apenas literatura. "Labios de morango" e "cabellos com perfume das selvas" são muito interessantes nos sonetos hippicos dos bardos suburbanos. Na realidade não existe isso, principalmente no sertão. E nas cidades, onde todo o mundo tem na cabeça mulheres como Joan Crawford, Elissa Landi, Normia Shearer, Marléne, Greta Garbo, isto é, mulheres feitas de cosmeticos, tabletes, depilatorios e crayons, póde-se lá admittir que existam cidadãs que lambuzem a cabelleira com oleo de mamonna e que tragam no seio um galhinho de arruda? Que tenham a cara cheia de espinhas e as sobranceilhas cheias de oleo de babosa? Que se lavem com sabugo de milho e se perfumem com patchuli?

O caso é grave! Recue o governo, enquanto é tempo! O sr. Getulio Vargas precisa convocar o seu ministerio e advertil-o:

— Façamos a revolução, antes que a mulher a faça!

## THEORIA E PRATICA

**U**MA das muitas coisas que existem na vida para complicar a já complicadissima existencia do homem, é aquillo a que se conventionou chamar de “theoria”.

A theoria é uma das mais bellas creações da imaginação humana, não só pelo que ella representa de esforço especulativo do raciocinio, como por ser tambem a materia prima com que se constróem os alicerces dessas lindas inutilidades mentaes que se chamam “castellos no ar”.

No Brasil, terra de imaginosos e de visionarios impenitentes, os theoristas formam legiões que discutem e resolvem os mais intrincados problemas; onde quer que penetremos — nos meios politicos, financeiros, artisticos ou militares — velos-emos sempre, simplistas ou redundantes, apon-tando caminhos, armando planos, removendo impecilhos, destruindo obstaculos e solucionando os mais graves problemas... theoreticamente. Com a imaginação apenas, esses sêres sobrenaturaes dão remedio a todos os males das sociedades, sem se lembrarem, porém, de que nem todas as theorias resistem ao menor contacto com a pratica.

A Alliança Liberal era assim, visionaria, simplista, imaginosa... Antes da revolução de 30 ella era capaz de salvar o Brasil, de salvar a America, de salvar o mundo das garras do despotismo.

Alliancistas illustres alinhavam lindas theorias para levar o cambio a 27, para salvar a lavoura, a industria, o commercio, o povo.. Os planos eram gigantescos e infalliveis. As imaginações ferviam, incandescidas, e as theorias liberaes ecoavam pelo Brasil, de leste a oeste, de norte a sul, como as vozes dos prophetas biblicos nas terras escravizadas da Judéa.

De repente, houve o estouro que nós sabemos.

Chegára o momento de se tirar a prova dos nove e de saber-se até que ponto os castellos aereos da Alliança poderiam resistir a um embate sério com a realidade.

E o que se viu, o que se está vendo, é apenas isto: o governo "dansando com lagrimas nos olhos" por haver constatado, "pallido de espanto", como o poeta, que uma coisa é a theoria e outra é a pratica.

Foi, pois, com justificado prazer que constatei não estar isolado nesse modo de julgar a inutilidade das theorias quando estas se erguem sem o menor ponto de apoio com a vida pratica. A vibrante polemista sra. Chiquinha Dell'Oso compartilha da minha opinião, como acabo de vêr no seu ultimo "communicado" publicado nos jornaes de ante-hontem e de que transcrevo aqui um trecho, "ipsis literis":

*"Das escolas, da Universidade sahe-se depois de ter aprendido a estudar, isto é, depois de ter aprendido a theoria. Os guarda-livros, os medicos, os advogados, os engenheiros depois de serem formados, a pratica, a devem fazer a gasto delles e com que tirocinio e quantos suores para poder sublevar-se!*

*A que serve a pratica? Serve para fazer com mais perfeição e com mais ligeireza a arte aprendida theoreticamente. A pratica portanto, é a parte material; é como a mão a respeito da intelligencia; a theoria dicta as regras e a mão praticamente executa-as. Precisa, portanto, uma theoria com regras perfeitas e facéis para podel-as ensinar a pol-as em pratica das alumnas. De um ensinamento pratico e caseiro 'salva-se quem pódel'”*

Ahi está. Se os liberaes tivessem frequentado a famosa Academia da sra. Chiquinha, a estas horas não estariam mettidos no apuro tremendo em que se encontram...



## PROGRAMMAS

**O** RA, como nós iamos dizendo, o sr. Getulio Vargas assegurou-nos, no seu ultimo manifesto, que a Revolução não tem programma. E não o tem, por uma razão muito séria: os programmas que até hoje se fizeram nunca foram realizados. E, como a Revolução não quer prometter para não cumprir, prefere, muito simplesmente, e muito judiciosamente tambem, não prometter coisa alguma, para que mais tarde, quando se dê um balanço na sua obra e se encontrar um zero, ou alguns milhares de zeros, ella possa defender-se apresentando as suas promessas que tambem não passavam de zeros porque, em verdade, ella não promettera coisa alguma.

E está certo o sr. Getulio. Afinal de contas qual é a utilidade dos programmas? S. Exa. sabe muito bem, por experiencia propria, que a realização dos programmas depende de varias circumstancias abstractas, inconsuteis, estractosphericas, absolutamente imprevistas e irremoviveis; quando s. exa. leu o seu lindo programma liberal, ha dois annos, na esplanada do Castello, sabia perfeitamente que não poderia realizal-o nunca, porque estava começando a ventar e a tempestade approximava-se, em nuvens negras que se amontoavam nos quatro cantos do horizonte — se é que o horizonte tem cantos. Todavia, leu-o. E nós todos

que não somos autoridades em assumptos de alta psychologia politica e que ignoramos, como sempre, os passos de magica que se realizam atraz dos bastidores, embarcámos no programma e seguimos para a Democracia.

Todavia, no meio do caminho, o bonde, isto é, o programma, entrou num desvio. E lá vamos nós agora para...

Para onde? Ninguem o sabe. Nem o proprio motorneiro. Isso, comtudo, não impede que o bonde prosiga, embora muita gente vá saltando pelo caminho!

Tal é, em synthese mal ajambrada, a historia dolorosa do programma liberal. Se elle existiu e não pôde ser cumprido, para que iria agora o sr. Getulio cuidar de elaborar um outro?

Um outro... Mas existe o programma do Clube 3 de Outubro, laboriosamente redigido pelos sociologos e economistas da extrema esquerda, não se sabe bem para que — uma vez que o sr. Getulio nos declara, com inabalavel convicção, que o governo não precisa de programma. Entretanto, isso não impede que o Clube 3 de Outubro prohiba por todos os modos, a realização dos programmas alheios, o que tem levado o paiz a alar-mar-se, ingenuamente, com o rumo incerto que toma a nacionalidade, na sua marcha sombria para o Desconhecido. Todavia, se perguntardes ao governo provisorio por que motivo elle vive escapulindo dos programmas que varios partidos lhe apresentam, ouvireis em resposta que “a revolução ainda não levou avante as reformas que se propoz realizar”. Achareis, certamente, que semelhante resposta pecca por contradicção gritante, pois vos parece que uma série de reformas pre-

estabelecidas nada mais é do que programma a realizar. E, se um governo tem uma lista de reformas, forçosamente terá uma programma. Enganae-vos, porém. Por que, não sei. O que sei é que nós todos, que vivemos nas galerias, nunca temos razão, nem mesmo quando os governos nos asseguram que não têm um plano de acção administrativa e politica, e, ao mesmo tempo, nos garantem que precisam realizar varias reformas administrativas e politicas. Observae, porém, que essas reformas não se realizam e dareis razão ao sr. Getulio que, honradamente, nos fala sobre a inexistencia de um programma. Isso implicaria na inexistencia das reformas?

Essa minha explicação deve ter resultado uma perfeita e completa trapalhada, porque, afinal, eu não consegui explicar coisa alguma e acabei fazendo uma interrogação a que não sei responder.

Em synthese: fiz uma embrulhada completa, apenas para dizer que a revolução, não tendo programma a cumprir, não tem reformas a realizar. Mas, como o governo nos assegura que precisa realizar uma série de reformas, conclue-se que tem um programma. Entretanto o sr. Getulio nos afirma que não tem programma. E não tem reformas? Tem. Então tem programma! Não tem. Mas se...

Leitor amigo: desisto de explicar. Afinal de contas eu sou chronista e não charadista.

## AINDA OS PROGRAMMAS

**C**ONTINUEMOS a falar sobre programmas.

Afinal, de vez em quando, é preciso que estas chronicas graves se estiquem por dois ou tres dias, tratando do mesmo assumpto. Isso dá a esta secção o aspecto de romance em folhetins — o que é de real vantagem para nós todos, para o publico que não me lê e para mim que tenho a illusão de ser muito lido.

Esse exordio, que ahí está, era absolutamente desnecessario; escrevi-o, comtudo, para encher espaço, pois as tiras de papel aqui estão, deante de mim, assustadoramente brancas e eu, que preciso encher-as com idéas espremidas do meu desventurado cerebro, não tenho outro recurso senão dizer coisas inuteis e innocuas — que são, aliás, as unicas coisas aproveitaveis nesta vida de universal insatisfação.

E o que acontece com o chronista, acontece com os governos — ou com os candidatos a governo. O povo, quando os elege, ou quando se ensaia para elegal-os, exige desses infelizes cidadãos que apresentem o "seu programma". Em politica dá-se o mesmo que em sociedade: quem vae ao cinema, tem o cuidado de ir, antes, ao porteiro, e pedir o programma. Se este lhe agrada o cidadão entra; se não lhe agrada, procura outro cinema com programma differente.

Ora, desde que o povo exige dos candidatos a governo um programma em que se alinhem planos de acção consistentes em risonhas promessas, nada mais natural que esses candidatos procurem elaborar um programma fascinante, capaz de arrastar, empós si, multidões entusiasticas que o levem ao poder. Então, os candidatos correm á gaveta de sua secretaria, onde estão catalogados os mais bellos "logares-communs" politicos e, executando um paciente trabalho de "puzzle", constroem um programma completo, absolutamente novo, mas onde, aqui e alli, se deparam as lindas phrases sahidas da providencial gaveta: "soberania do povo", "direitos postergados", "reintegração da nacionalidade no regime da Lei", "os sagrados direitos das massas proletarias", "moralidade administrativa", "probidade pessoal", "combate sem treguas aos defraudadores do regime", "patriotismo", "abnegação", "desinteresse" e outras abstracções sonoras sobre as quaes se assentam as nações civilizadas.

E' claro, porém, que, assim que se encontram de posse do poder, esses excellentes cidadãos enfiam o espectacular programma na gaveta e vão administrando como Deus é servido, de accôrdo com as circumstancias, pois ninguém pôde exigir de um mortal o dom divino de realizar milagres.

Por que, então, se não podia realizal-o, o candidato elaborou um programma e apresentou-o ao povo?

Apenas por isto: porque o povo exigiu um programma e o candidato não podia apresentar-se ao eleitorado, de olhos baixos, ruborizado de pejo, para declarar que queria ser eleito apenas para receber um subsidio razoavel e ver-se livre de cer-

tos credores impenitentes... Um candidato que tal fizesse acabaria lapidado. Entretanto, se eu fosse eleitor, votaria num candidato assim, que não possuísse programma, nem idéas, mas que fosse, pelo menos, bastante sensato para não prometter o que não pudesse cumprir e sufficientemente leal para não dizer o que não estivesse pensando.

É, se além de eleitor, eu fosse um dia candidato a qualquer coisa — “quod Deo avertat!” — eu apresentaria um programma concebido assim:

“AO ELEITORADO — Se eu fôr eleito para o cargo que pleiteio, prometto ser sensato e ter juízo. Só”.

Tenho certeza de que, após a leitura de tão judicioso documento, não haveria um eleitor, um só, que não me arrazasse a cacetadas.

## OS "ISMOS" NACIONAES

**O** SR. Getulio Vargas, no seu recente manifesto dirigido á nação, teve a amabilidade de informar-nos que, com effeito, a revolução não tem programma. Havia um, mais ou menos interessante, que nos foi apresentado ás vespervas do "salto no escuro" (vide Góes Monteiro, "Entrevista 844.ª, Primeira Série, edição de 1931); mas esse programma, como se constatou depois, "não consultava ás nossas realidades", razão por que, vistos e estudados os autos, se achou de melhor alvitre archival-o, "ab eternum", na gaveta destinada ás coisas que atrapalham.

Aliás, o destino de todos os programmas neste paiz essencialmente logomachico, é justamente esse: "não consultarem ás nossas realidades". Por mysteriosas razões, dessas que descem do além, não se conseguiu descobrir um programma que viesse ao encontro das aspirações nacionaes. Por muito bons que elles sejam, fica-lhes sempre faltando alguma coisa. E essa "alguma coisa" é que nos traz nesta agitação constante, porque não ha ninguem capaz de explicar o que seja ella. É um rabinho que fica fóra para atrapalhar.

Então, vae-se espiar, na casa dos vizinhos. Bate-se ás portas da Russia, da Allemanha, da Italia, da Inglaterra e ha mesmo quem suba ás janellas da India e do Japão, na ansia de vêr co-

mo é que elles se arranjam na solução dos seus problemas domesticos. Assim que se devassam, esses lares, com olhos avidos, volta-se para cá, disparadamente, e corre-se a explicar ao publico o que é aquella "coisa" que, ha tanto tempo nos falta. Os que espiaram pelo buraco da fechadura da Italia, asseguram-nos que precisamos apenas de uma coisa: fascismo. Os que encostaram os olhos esbugalhados nas vidraça da Rússia beram que não! que o que nos falta é o communismo! Os outros discordam porque, tendo trepado a outras janellas ou devassado outros buracos de fechadura, uivam contra esses dispauterios e afirmam, juram por todos os santos, que a salvação da patria está no socialismo moderado, ou no radicalismo absoluto, ou no social-nacionalismo, ou no republicanismo-socialista, ou no socialismo-republicano, ou...

Que sei eu? Formam-se partidos, grupos, correntes, legiões, clubes, ajuntamentos, sociedades, uniões para, cada qual com maior convicção, tentar impôr aos restantes a "alguma coisa" que está faltando. E surgem programmas, manifestos, artigos, discursos, entrevistas de todos os lados, em todos os estylos em todos os tons, alguns com muita grammatica e poucas idéas, outros com pouca grammatica e sem idéa nenhuma, sendo que, em muitos delles, por maior que seja o dom intellectivo do leitor, não se encontra nem uma coisa nem outra.

Afinal, a unica coisa que se nota em tudo isso é o mesmo que se observa em companhias theatraes: a vontade de ser "estrella". Isso, no theatro, é communissimo (não vá o revisor confundir com communismo!). A actriz Fulana, quando consegue



um pequeno successo, abandona a companhia em que trabalha em papeis secundarios, e vae fundar a "sua" companhia. E, geralmente vae acabar no porão.

Ora, se antigamente nós nos impressionavamos com a situação em que viviamos por falta de idéas, é forçoso convir que, hoje, nós estamos desesperados porque temos idéas de mais! O "deserto de idéas" do sr. Oswaldo Aranha não tem razão de ser, porque nós estamos positivamente, dentro de um formigueiro de idéas. Cada cabeça, aqui tem toneladas de idéas, promptas para serem postas em pratica. Dentro dellas ha fascismo, communismo, socialismo, sovietismo, nacionalismo, radicalismo, presidencialismo, parlamentarismo, indifferentismo... Essas coisas todas, atropeladas, entraram nos nossos cerebros, installaram-se lá dentro com tanto enthusiasmo e com tanto rumor que espavoriu e afugentou o unico hospede que, ha muito tempo, morava lá dentro: o juizo.

E' elle que está fazendo falta agora...

## “VERBA, NON RES...”

**D**E um discurso patriótico:

Em seguida tomou a palavra o illustre líder revolucionario sr. F. que declarou: “Precisamos educar o povo, meus senhores! Um dos grandes males do Brasil está na falta de cultura das classes médias e na falta de instrucção das classes inferiores! Eduquemos o povo, por todos os meios ao nosso alcance, pela palavra, pelo livro, pelo radío. ”

Ora, para educar o povo pelo livro e pelo radío é de mistér, antes de mais nada, pôr o livro e o radío ao alcance do povo. Resolveu-se, então, realizar essa “africa”.

E, dias depois, o governo tomou o radío e crivou-o de impostos. Quem quizer, agora, adquirir um aparelho receptor para educar-se, precisa, antes de tudo, fazer uma “fêzinha” no “bicho” é acertar num milhar invertido e controvertido. Se não o conseguir, ficará sem radío e sem educação.

Mas, reflectindo bem, para que é que o povo quer educação?

Educação é objecto de luxo, da mais absoluta superfluidade. E, lá diz o dictado: “quem é pobre não tem luxo”. Tem lixo.

De outro discurso patriótico:

“Entretanto, que vemos nós? O povo mergulhado na maior ignorancia, dentro da mais horripilante insalubridade! Quarenta annos de regime carcomido, só serviram para arrebatár ás massas os mais rudimentares principios de hygiene, de tal fórma que, no “hinterland” brasileiro, o povo desconhece até o que seja um sabonete. Nós estamos na obrigação de dar hygiene ao povo!”

Muito bem! Bravos!

E resolveu-se, então, dar hygiene ás populações que se acham atoladas na mais torva insalubridade.

Organizou-se uma coisa complicada, assistida por eminentes sociologos e economistas e resolveu-se, por unanimidade de votos, considerar o sabonete como “artigo de luxo” e cobril-o de sellos, elevando o seu preço ao dobro. Assim, vendo que o povo não comprava um sabonete por dois mil réis, decretou-se que elle agora comprará o mesmo sabonete por quatro.

“Esta é a ditosa patria minha amada...”

• •

De mais outro discurso, igualmente patriótico :

“Olhae o nosso caboclo! Minado de doenças, roido pela verminose, Jéca Tatú é uma victima da politicalha sordida que degradou o paiz! Precisamos salvá-o! Temos que arrancá-lo á insalubridade e á miseria! E' preciso fazer delle um homem util á sua familia e á sua patria! Pobre Jéca Tatú, pobre irmão meu, banido em sua propria terra, sem recurso de qualquer especie, comple-

tamente ignorante do que seja hygiene, mal vestido e mal alimentado..." etc. etc. etc.

Ficou assentado então, que era urgente socorrer-se o Jéca, e ministrar-se-lhe instrucções hygienicas, pondo ao seu alcance tudo quanto pudesse contribuir para civilizal-o.

E, após acaloradas discussões, resolveu-se considerar os dentifricios como "artigo de luxo", de modo que uma pasta dental, que custava 1 mil réis, passe a custar 2 ou 3.

Bravos! Se Jéca Tatú não tem dentes, para que diabo elle quer pasta dentifricia? Para pôr no cabello?

\* \* \*

Os discursos patrioticos continuam. Os impostos tambem. A falta de instrucção egualmente. A falta de hygiene, idem. Etc. Etc. Etc.

## MINHA PLATAFORMA

**T**ENHO observado, não sem alguma surpresa, que o meu nome ainda não appareceu na extensa lista de pessoas illustres que estão sendo votadas para occuparem a interventoria paulista!

E' um erro grave em que estão incidindo, imprudentemente, os meus bons conterraneos. Se é verdade que eu não ajudei a fazer a revolução de 1930, disparando tiros, cortando fios telephonicos, derrubando postes telegraphicos ou cantando o hymno a João Pessoa nas fuças temerosas do sr. Washington, não é menos verdade que eu sou tão patriota quanto o sr. Rodolpho Miranda. Entretanto, enquanto o bravo capitão tem mais de dez votos, eu não tenho nenhum!

Ora, creio que os meus patricios estão fazendo de mim um juizo absolutamente injusto, suppondo que eu não esteja ao par dos graves problemas da publica administração, nem que não saiba assignar um despacho, lavrar um decreto ou equilibrar uma cartola na cabeça, em dias de grande gala. E' um engano.

E é para desfazel-o, que venho apresentar a minha plataforma de governo, caso os meus prezados conterraneos queiram me honrar com seus votos. Assim, pois, certo de que serei o eleito das

multidões, prometto realizar o seguinte programma até o anno em que se convocar a Constituinte:

1.º) Creação de mais sete secretarias: da Alimentação Publica; da Guerra; da Paz; da Injustiça; do Carnaval; dos Esportes; das Diversões Publicas.

A Secretaria da Alimentação Publica zelará pelo estomago do povo, organizando "menus" diarios e aconselhando regimes dieteticos. A Secretaria da Guerra dará instrucção ao povo, mediante outra taxa de outros 2 mil réis. A Secretaria da Injustiça desfará tudo quanto fôr feito pela Secretaria da Justiça, para eu fazer as vezes de Minerva e julgar em definitivo, sendo-me adjudicada, nessas occasiões, uma ajuda de custo. A Secretaria do Carnaval cuidará de promover um Carnaval por mez. A Secretaria dos Esportes tratará do aperfeiçoamento da raça, incrementando o futebol, o box, a patinação e o golphinho. E a Secretaria da Diversão Publica dispensa explicações.

Isso, porém, é apenas a parte objectiva das grandiosas innovações. A parte subjectiva, que é a principal, consistirá nisto: o meu benemerito governo poderá distribuir empregos a todos os opposicionistas que me surgirem pela frente porque, além dessas secretarias de sobresalente, eu me proponho a crear, tambem, cento e cincoenta departamentos annexos e desconnexos, cada um delles com cincoenta ou sessenta vagas á inteira disposição dos descontentes, com ordenados nunca inferiores a um conto de réis.

2.º) Instituição da "burrice obrigatoria", com a criação da taxa de dez mil réis cobravel de todas as crianças que queiram matricular-se

OUTUBRO DE 1930



Um aspecto da batalha de Itararé, "a maior da America do Sul".

nas escolas. Com o producto dessa taxa pagar-se-ão os funcionarios da Secretaria da Alimentação Publica.

3.º) Cobrança de 2 mil réis de cada pessoa que deseje transitar pelos viaductos do Chá ou de Sta. Ephigenia. Nas passagens de ida e volta ao Triangulo (ou vice-versa) far-se-á uma redução de 10 por cento. O producto será applicado nas folhas de pagamento dos funcionarios da Secretaria da Guerra.

4.º) Elevação do imposto de Caridade, de 15 para 50 por cento. Como os mil e tantos contos annuaes dessa taxa são actualmente insufficientes para abrigar e sustentar os mendigos que foram soltos na cidade, a elevação se impõe porque, com o producto, o meu benemerito governo poderá pagar os funcionarios da Secretaria da Injustiça.

5.º) Creação da "taxa musical", com a cobrança de 2 mil réis de todas as pessoas maiores ou menores, masculinas ou femininas, que desejem assobiar na rua ou cantar nos banheiros. Para pagamento dos funcionarios da Secretaria da Paz.

6.º) Instituição do "imposto de commodismo", cobrando-se 300 réis de todas as pessoas que queiram viajar sentadas nos "camarões da "Light". (Para fazer face ás despesas da Secretaria dos Esportes).

7.º) Creação do "imposto de mendicancia", exigindo-se vinte mil réis por dia de todo mendigo idoneo, indecentemente trajado, que queira recorrer á caridade publica e particular. (Para pagamento dos funcionarios da Secretaria de Diversão Publica).



Eis, em linhas rapidas, uma rapida synthese do extraordinario programma que realizarei logo que assumo o meu posto de sacrificio na interventoria paulista. Governarei com todas as correntes e afastarei todos os concorrentes. Terei o apoio de todos os partidos, porque darei empregos a todos os "quebrados" e a Patria, agradecida, levantará um monumento em que se perpetuará a minha panoramica visao de estadista moderno de matiz authenticamente revolucionario.

## SUBSIDIÓS PARA A HISTORIA

**A** FINAL de contas é preciso, ás vezes, concordar em que a revolução tem sido interessante e, se não nos dá a Constituinte, offerece-nos, todavia, compensações agradaveis. Uma dellas é a abundancia, ou melhor, a super-abundancia de phrases celebres para a Historia.

Como se sabe, os historiadores não se contentam unicamente com datas e factos graves. Ao lado de uns e outros, é necessario que se registem as phrases decisivas dos homens celebres — o que empresta a essa coisa pesada e aggressiva que é a historia de um povo, um aspecto jovial de novella de capa e espada.

A Historia do Brasil possui, como todas as outras, as suas phrases sonoras desde o “como é para o bem de todos e felicidade da nação, diga ao povo que fico”, prònciada por aquelle galã da “Fox” que se chamou D. Pedro I, até o “o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever” do barbaçudo Barroso, grande almirante brasileiro de Traz-os-Montes.

Os historiadores embandeiraram-se em arco quando apanham uma phrase dessas para o competente registo historico. E’ que ellas, na sua concisão de proverbio, fixam caracteres, definem homens e synthetizam episodios celebres.

A revolução brasileira, nesse aspecto literário e psychologico, não desapontará os historiadores futuros e se os puzer embaraçados, será unicamente pela fertilidade das phrases e consequentemente difficuldade da escolha.

Essa difficuldade, comtudo, será apenas relativa, porque dependerá unicamente de um ligeiro trabalho de systematização. Esse trabalho deverá ser feito dividindo-se as phrases celebres do momento em tres grupos:

- a) as phrases concisas;
- b) as phrases metaphoricas;
- c) as phrases parabolicas.

Divididas em tres sectores distinctos, facil sera ordenal-as todas.

Assim, para a primeira categoria, irão as expressões curtas, claras, transparentes, incisivas. Essa categoria, aliás, póde subdividir-se em duas classes: as phrases zoologicas e as parodicas.

Por exemplo: no rol das phrases zoologicas serão arroladas as seguintes:

I — “Virei amarrar o meu “pingo” pampeiro no obelisco da Avenida” (Flores da Cunha).

II -- “Se não atravessarem cachorros na cancha ganharemos de ponta a ponta (Neves da Fountoura).

III — “Já que montei no burro, hei de aguentar-lhe o trote até o fim” (Oswaldo Aranha).

IV — “A revolução é como um pareo que, após uma falsa sahida, vae ser reiniciado” (J. Alberto).

No grupo das parodicas, pódem entrar estas duas:

I — “Como é para felicidade da revolução, fico”. (Phrase com que o sr. Pedro Ernesto parodiou Pedro I).

II — “Não pedi, não peço e não pedirei\* de-missão”. (Phrase com que o mesmo sr. Pedro Ernesto parodiou o “aqui é meu lugar!” de Rodrigues Alves).

O segundo grupo (phrases metaphoricas) ainda não representa apreciavel seara. Basta dizer que o seu cultor é apenas um: o commandante Protogenes Guimarães. Isso, comtudo, não impede que esse género de rhetorica venha a ser diffundido convenientemente dando azo a que appareçam novos metaphoricos para regosijo da patria em geral e dos historiadores em particular. E' um genero um tanto difficil, que requer, da parte de seus cultores, estudos especializados de astronomia e meteorologia e consequente applicação a factos politicos e sociaes do momento. Nesse grupo pôdem entrar as seguintes metaphoras meteorologicas:

I — “Tempo bom (dictadura firme). Nebulosidade no sul (confusões gaúchas), ventos de sudeste (estrillos paulistas).

II — “Tempo instavel (?), rajadas (?), tu-fões (?!), raios, trovões, furacões (?!!!!), depois, céu claro, brisas fagueiras (uff!)”

O terceiro grupo (phrases parabolicas) pôde constituir um capítulo á parte na Historia do Brasil de hoje. Esta, em certos trechos, de futuro, poderá parecer-se um pouco com os evangelhos de S. Lucas, S. Marcos ou S. Matheus e assim como no Novo Testamento se encontram as parabolias do “thesouro escondido”, do “grão de mostarda e do fermento”, do sementeiro, dos lavradores malva-

dos, etc. na Historia brasileira os nossos descendentes encontrarão a "Parabola dos Barris", a "Parabola dos chinezes", a "Parabola da batalha do Marne" e outras igualmente pitorescas, mas igualmente transparentes e contundentes, devidas todas ao espirito "evangelico" do general Góes Monteiro.

Como se vê, os historiadores futuros terão muito com que divertir-se. A Historia do Brasil, daqui a uns vinte annos vae ser uma delicia!

Até eu sou capaz de reentrar para o Grupo Escolar só para aprendel-a de novo.

## UM GRANDE PARTIDO

**R**ESPONDENDO á carta de uma gentil leitora, ha dias, tive a imprudencia de affirmar que o mal da humanidade, hoje, reside principalmente na abundancia de idéas e na superabundancia de partidos, o que fez suppôr, a muita gente, que sou um sujeitinho implicante, inimigo de todos os partidos.

Isso, comtudo, não é verdade. Não sou inimigo do partido, mas, sim, dos partidos. Ha um proverbio latino que, com ares dogmaticos, nos assegura: "quod abundat non nocet". Entretanto, nós sabemos muito bem que os proverbios latinos já passaram de moda e que o excessivo é, quasi sempre, prejudicial. E' essa uma das razões ponderosas por que nunca pertenci a nenhum partido — pois elles são tantos que eu, até hoje, me conservei vacillante na escolha de um.

Até hoje. De hoje em deante, porém, não me conservarei sózinho, pois pretendo ingressar no partido mais sério e mais idealista que já se fundou no Brasil.

Minas, a Minas activa e tradicional das idéas alevantadas, teve a honra de ser berço dessa maravilhosa agremiação partidaria. E eu, que não posso vêr uma bandeira dessas sem me acolher, destemeroso, á sua sombra benefica, vou

ter a honra de, se m'ò permittirem, ingressar nas fileiras ousadas dessa ousada gente.

O partido a que me refiro com toda estima e consideração é o Partido Situacionista.

Não sei ainda quaes são os objectivos mediatos dessa destemerosa organização. Sei apenas que ella se fundou e existe — e existirá — para estar sempre “ao lado do governo”

De qual governo?

Não sei. Não importa saber. O que é importante, o que o recommenda immediatamente á admiração dos homens sensatos é que o novo e já victorioso partido estará sempre ao lado do governo.

Ora, o governo, por circumstancias facilmente comprehensíveis pelo leitor intelligente, não pôde estar sempre ao lado do povo. E' preciso, pois, que o povo — que não conhece aquellas “circumstancias comprehensíveis”, etc. — esteia ao lado do governo. E estar ao lado do governo é, pelo menos, evitar uma longa série de aborrecimentos, como ser acoimado de descontente, mashorqueiro, carcomido e acabar na prisão ou no exillio.

Como se vê, as vantagens não são poucas. Poder-se-ia accrescentar, ainda, esta, que não é pequena: evitar-nos o trabalho de pensar na patria, nos destinos do paiz e na prosperidade do novo. O governo pensa nisso tudo. E nós nos dispensamos de pensar. E de protestar. E de lutar.

Por essas e outras razões que me abstenho de citar porque o leitor as conhece de sobra, considero o Partido Situacionista, de Minas, a organização mais séria e mais sabia de quantas se têm fundado no mundo, nestes ultimos cem annos.

“Estar com o governo” é a mais bella synthese de programma politico que, até hoje, surgiu na face da terra. Seja esse governo fascista, communita, parlamentarista, monarchista, ou qualquer coisa parecida, não ha nada melhor do que estar um homem ao lado d'elle, bem encolhidinho, bem aconchegadinho, gozando aquella maciez tepida e repousante que é inherente a todos os governos.

Mesmo em caso de revolução, quando esse governo fôr violentamente despejado, e os seus auxiliares e amigos violentamente expulsos, o Partido Situacionista levantar-se-á do aconchego, bocejará um pouco, e voltará para o seu lugarzinho gostoso ao lado do novo governo...

Uma delicia! Com um partido assim, o paiz está fadado a grandes destinos. Eu vou adherir immediatamente. Não importa que o governo não esteja commigo. Basta que eu esteja com o governo...



## O CENTRO

**O** PARTIDO Republicano Mineiro, após a revolução de 30, resolveu chamar-se **Legião Mineira**. E assim se conservou por algum tempo.

Aconteceu, porém, que, como legionarios, os austeros e gravibundos politicos das alterosas, inclusive o "Varão de Plutarcho", eram obrigados a usar uma pifia camisa kaki, como se fossem operarios sem importancia, coisa que os desgostou profundamente. Mas, como não era possivel livrarem-se da camisa, sem se livrarem do nome cabuloso da Legião, resolveu-se, aliás com muita sabedoria, arranjar um nome differente. E foi ahi que appareceu o Partido Nacional-Socialista Ou Social Nacionalista, não estou certo..

Com o advento do novo nome, começaram os sagazes politicos a desfazer-se da camisa kaki, quando alguém observou, com muita finura, que Nacional-Socialista (ou Social Nacionalista) era o nome do partido de Hitler, o creador da camisa. E não ficaria bem apropriarem-se do titulo racista e jogarem fóra a camisa, tambem racista. Ou se perfilhavam ambos, ou nenhum.

A observação era razoavel e concludente. Não cabiam objecções de qualquer ordem. E, resolveu-se, então, ainda uma vez, dar nova denominação ao agrupamento partidario. Estudaram-

se prós e contras, observou-se com cuidado a situação geral do paiz e concluiu-se que, devido ás condições atmosphericas e meteorologicas, o Partido passaria a chamar-se "Partido Situacionista", com o objectivo implicito e categorico de apoiar, não o governo, mas os governos..

Foi nessa altura que eu, mesmo sem ser mineiro, adheri com unhas e dentes. Agarrei, pelo unico fio de cabello, a opportunidade de ser "amigo incondicional" dessa coisa maravilhosa que se chama governo.

De repente, porém, fui surpreendido com uma novidade alarmante: o Partido Situacionista, não sei por que estranhos motivos, resolveu dar mais um golpe de magica na sua vidinha complicada e passou a chamar-se "Partido do Centro".

Ora, um Partido do Centro, como o nome indica, não está, nem á direita, nem á esquerda; está no meio. Discorda dos conservadores, mas tambem discorda dos esquerdistas. E, justamente por não concordar com os conservadores (os vencidos) e por não concordar tambem com os esquerdistas (o governo provisorio) resolveu ficar entre ambos.

Era natural, pois, que eu me alarmasse. Foi o que fiz. Boquiabri-me de espanto, de estupefacção, de assombro, por vêr-me arrancado da companhia gostosa do governo; e eis que, ha pouco, leio uma entrevista concedida a um jornal do Rio, por um dos politicos mineiros do Centro. Foi ahi que eu respirei, alliviado.

Esse notavel procer, explicando os fins do velho partido e de suas novas roupas, houve por bem affirmar que o Partido do Centro não será uma força inutil, estacionaria, collocada no com-

modismo de uma absurda neutralidade. Não, senhores! O Partido do Centro está prompto para a luta. Quer lutar! Foi para isso que nasceu!

Mas lutar contra quem? Contra os da direita, ou contra os da esquerda?

Os da direita, como se sabe, estão veraneando em Lisboa; e alguns, que por aqui ficaram, não querem saber de lutas, por enquanto.

Segue-se que, não tendo contendor á direita, o Partido do Centro lutaria contra a esquerda, que é a Dictadura.

O raciocinio logico seria esse. Seria, mas não é! E não é porque o Partido do Centro declarou estar, incondicionalmente, ao lado da Dictadura.

Com quem, então, lutará elle?

E' o que os proceres estão estudando. Com uma lanterna diogenica, andam á procura de um contendor ..

E eu, que adheri ao negocio, não sei o que fazer...

## BRAZÕES DE ARMAS

**A** REVOLUÇÃO, que surgiu no paiz para destruir uma porção de coisas desagradaveis, precisa lançar as suas vistas, e as suas espadas tambem, para uma coisa que a Republica Velha tolerou por muito tempo, mas que está exigindo uma “regeneração” total: os brazões de armas de varios Estados brasileiros — ou melhor, de quasi todos os Estados brasileiros.

A arte da heraldica está sendo tratada, por esse vastissimo Brasil, como coisa inexistente, e o armorial brasileiro, do Amazonas ao Prata, não passa de uma collecção pitoresca de disparates tão chocantes que, quando se olha para certos brazões de armas, fica-se logo com vontade de chorar.

Ora, a Revolução surgiu, se não me engano, para “endireitar isto”, de “fond en comble”. In-vista, pois, contra os brazões dos Estados. Ha muitos delles que, positivamente, são mais escandalosos que todas as fraudes do P. R. P. reunidas, pois estão fóra de todas as regras da heraldica, da arte, do bom senso e dos bons costumes.

Dessa collecção desnorteante salvam-se apenas uns dois ou tres brazões, toleram-se outros dois ou tres e exige-se o banimento perpetuo do resto para os confins de qualquer lugar distante e inaccessible.

O braço do Amazonas, por exemplo, é uma complicação allucinante de riscos, rabiscos, flores, ornatos, retículas, ancoras, cordas, sol, estrellas, barrete phrygio, aguias, arco, flexas, e onde o estylo rococó se choca com o byzantino e o grego numa trapalhada épica tão impressionante que a gente fica sem saber como o desenhista conseguiu, em tão pequeno espaço, realizar uma salada tão completa.

Santa Catharina apresenta-nos um braço pitoresco, com um barrete phrygio espetado na ponta de uma estrellas, dentro da qual uma aguias, de azas espalmadas, agarra uma chave e uma anchora, por cima de um fitão complicado. É um ottimo trabalho para servir como emblema de maçonaria ou como annuncio de emplasto poroso.

O Piahy surge-nos com um crescente turco dentro de uma estrellas, num braço que parece illustração de cosmographia, e o Maranhão, com toda a solennidade, dá-nos um escudo que parece emblema de clube de futebol do alto da Moóca.

Minas Geraes, agarrou-se no "libertas quae sera tamen" dos Inconfidentes e produziu um braço que serviria, ás mil maravilhas, como tampa de caixinha de pilulas contra indigestão, ou como rotulo de garrafa de Centro espirita.

Alagoas encheu o seu escudo de paizagens bucolicas, com bonitos arvoredos e campinas sentimentaes. O seu braço de armas poderia ser uma illustração do livro famoso de Vergilio, se não tivesse um tremzinho complicado correndo num canto do escudo, "sub termine fagi"...

Sergipe arranjou um indio segurando um balão em que se acha inscripta a palavra "Porvir", sem se lembrar que o balão já passou de moda de-

pois que appareceram o aeroplano e o dirigivel. Melhor seria que esse incola coio vendesse o aerostato e comprasse um terno de "palm beach" ou então mudasse o lemma do seu escudo e puzesse lá: "com que roupa?"

E é só por isso que eu sou contra a reconstitucionalização do paiz neste momento. O governo precisa de amplos poderes para concertar esses disparates, porque um escudo desses, no estrangeiro, causa maior damno á nossa patria do que todas as piratarías dos politicos profissionaes.

A maior parte dos brazões dos Estados tem uma predilecção especial pelas aguias. E, francamente, uma ave dessas, num escudo brasileiro, num tempo deste, tem um symbolismo assustador e descarado...

Vamos acabar com isso!

## “NE, SUTOR, ULTRA CREPIDAM...”

**O** Rio Grande do Sul acaba de fazer a Europa, e mais aldeias circumvizinhas, curvarem-se ante o Brasil.

E' o caso de que, em Porto Alegre, immensamente alegre, ha uma sensacional Escola Medico-Cirurgica que, desde o tempo em que o sr. Oswaldo Aranha era secretario do Interior local, até hoje em que o sr. Flores da Cunha é interventor, diplomou, em medicina cirurgica, duzentos sapateiros.

Não se supponha que esses heroicos bate-sólas houvessem cursado os quatro annos escolares, os seis gymnasiaes e mais os seis superiores para, ao cabo, sahir de esmeralda rutilante no dedo. Não. Elles largaram, apenas por alguns instantes, a sovella e o martello, deram um pulinho até a Escola e, dahi a pouco, sem outra formalidade além do pagamento de uma taxa, investiram-se das complicadas funcções de curar a humanidade soffredora, fazendo a mais descabellada concorrência aos drs. Doyen indigenas e aptos a realizar as mais difficeis laparatomias.

Apenas uma taxa — e eil-os cirurgiões. E, como quem mais de perto lida com “taxas” são os sapateiros, foram estes que, em maior numero acabaram doutores de alto lá com elles, com o direito de metter um anel verde no furabolos, usar “frack” e metter a faca na barriga do proximo,

curando appendicites a golpes de martello, pondo meias-solas nos estomagos ulcerados e fazendo operações de salto alto, com chloroformio de verniz, ou com anesthesicos de cano de camurça.

O caso gaúcho está levantando um clamor de estupezacção por toda parte.

Eu não vejo razão para tanto alarido em torno de coisa tão simples. O Rio Grande do Sul, como o declarou ainda ha pouco o sr. Flores da Cunha, é o Estado onde o ensino está mais diffundido. E vê-se que, com effeito, assim é. Creio mesmo que, em todo o mundo, não ha lugar onde a instrucção tenha attingido tão alto grau. O caso da sapataria cirurgica é um exemplo disso porque, em todo o universo, sapateiro é sapateiro e cirurgião é cirurgião. Para que um remêndão chegue aos pincaros da cirurgia, tem que realizar uma laboriosa e custosissima ascensão intellectual. No Rio Grande, porém, não é isso o que se dá. Ali o sapateiro já nasce com o intellecto tão evoluído que, quando abre uma sapataria, abre tambem, automaticamente, um consultorio cirurgico. E elle está, então, perfeitamente habilitado a exercer as duas funcções, porque com a mesma pericia com que fabrica um "44 bico chato", realiza a mais complicada das operações, costurando um estomago com o mesmo engenho com que costura um borzeguim. E', apenas, questão de mentalidade evoluída. Um sapateiro zulú, ou um sapateiro paulista, só sabem fazer sapatos, porque não possuem "espírito cirurgico". Mas o sapateiro gaúcho tanto faz uma coisa como outra, porque está embuido do tal "espírito".

Cesse, pois, o clamor importuno e inconsequente. O Rio Grande, com a sapatatal cirurgia,



está ponto o mundo num chinello. E' um bem, porque só assim, nós seremos conhecidos na Europa: as Academias de Sciencia dedicar-nos-ão acaloradas sessões e os sapateiros do universo, fascinados pela nova Chanaan, cruzarão os mares, em busca desta terra "dádiosa e bóa", Eden dos poetas, paraíso dos sapateiros.

Já se disse que o "Brasil é um immenso hospital". Enchamol-o, pois, de medicos -- sejam estes cirurgiões, homeopathas ou sapateiros. Deante de um dr. Doyen, ou deante do Michael Scapafuoco, no consultorio de um scientista francez ou na sapataria de um cirurgião gaúcho -- tudo é questão de fé. Quem tiver fé no bate-solas póde curar-se mais depressa do que aquelle que não tem fé no cirurgião famoso...

Porque, no Brasil, tudo repousa na fé. Por exemplo: todos nós temos uma immensa fé em como "isto" vae endireitar. E, apesar de tudo, vão vêr que endireita mesmo.

A fé opera milagres imprevisivéis e tanto póde encher de sabedoria a mioleira bronca de um bate-solas gaúcho, como póde entupir de juizo o cerebro desordenado de um politico nacional...

## UM BRAVO

*Dia 23 de Maio de 1932. Cinco horas da tarde, na  
Praça da Sé. Enthusiasmo, vibração.*

QUANDO aquelle individuo magrella se dirigiu para mim, com seu passo gingado balanceando-lhe o corpo e seu charuto barato pendurado nos beiços, requei um passo, insensivelmente. Elle porém, abrindo na bocarra immensa um immenso sorriso, deu-me uma palmada amigavel nas costas e exclamou, enlevado:

— Então, vencemos, hein?

— E'.

— Sim, senhor! Que movimento! Que vibração! Agora, sim! A coisa custou mas foi, hein? Qual! Braço é braço, meu caro!

Relanceou o olhar em torno. A multidão agitava-se como um oceano arrepelado por vendavaes cyclonicos, enchendo o espaço com o bramido de cem mil boccas entusiastas.

— Sim, senhor! Valeu a pena fazer-se todo esse barulho! Que é que elles estavam pensando, hein? Diga!

— Não sei...

— Pois sei eu! Estavam pensando que nós eramos uns bananas, eis ahi! Estavam pensando que nós haviamos de aguentar a escravidão a vida inteira! E queriam que nós ficassemos quietos, encolhidos como cachorros? Uma óva!

Tirou do bolso uma caixa de phosphoros. Endireitou a palheta no alto da gaforinha e:

— Deixa vér um cigarro.

Dei-lh'ò. Accendeu-o.

— Que será que elles vão fazer agora?

— Elles quem?

— Ora bolas. Os tacs!

— Não posso saber...

— Que diabo! Você não vibra, não se enthusiasma:

Arrancou a palheta esfiapada, ergueu-a bem alto e urrou:

— Viva o 13 de maio da raça augusta dos Bandeirantes!

Estremeci. Pallido e tremulo balbuciei.

— Bem. . . Então... Até logo.

— Não! Espere ahí! Vamos tomar qualquer coisa! Eu já tomei uns goles mas... que diabo! a gente deve commemorar o feito! Porque é preciso que se note: eu não sou bebedo. Lá isso não! Só tomo meus "tragos" nas grandes datas da historia patria: descoberta do Brasil, que foi um acto muito importante; descoberta da America, porque se não fosse isso nós não estaríamos aqui na praça da Sé; proclamação da Republica que tambem tem seu valor; Tiradentes, que soffreu por nós todos, e outras... Fôra disso só bebo aos domingos e á noite dos dias de semana. Isto é, só bebo quando não trabalho, porque acho muito feio um trabalhador bebedo.

— E não foi trabalhar hoje?

— Hoje?! Hoje ninguem trabalha! E' verdade que eu estou desempregado ha quinze annos; mas se estivesse num emprego, o patrão não me veria hoje, nem a pau! Então nós havíamos de

lutar aqui, todos os dias, pela palavra escripta e pela palavra falada, contra a escravidão de S. Paulo e agora, que nós conseguimos a nossa liberdade, haveríamos de ir trabalhar? Sébo!

— E você tem lutado muito?

— Hein? Ora, essa é muito bôa! Se tenho lutado muito! Eu não sou um orador inflammado mas, quando é preciso falar, digo as minhas coisas! Então? Que é que você está pensando? E escrever também! Sim, senhor! Não sou literato, lá isso não, mas sei escrever tão bem como qualquer jornalista de meia pataca desses que andam por ahi com o rei na barriga e uma “media” no estomago. O sr. quer que eu faça um discurso?

— Não, não! Eu acredito.

— Se quer, não custa nada. Eu, até agora, não falei ainda nos comicios. Mas tenho torcido á bessa!

— Tem o que?

— Torcido! Então? E’ uma coisa muito séria! Você entende de psychologia?

— Não.

— E’ pena! Porque, senão, você haveria de comprehender o que seja isso. E’ uma luta medonha em que a gente se mette!

— Com quem?

— Ora ahi está uma pergunta damnada! Com quem? Sei lá com quem? A gente luta com qualquer coisa que está dentro da gente! Por exemplo: ha um tiroteio. A gente não entra nelle.

— Por que?

— Não é por medo, não. E’ por distribuição de actividades. Uns lutam e outros torcem. Sem torcida não ha luta que dê resultados; acaba sempre em nada. Mas quando um dos grupos em luta

tem bons torcedores, pôde estar certo que esse grupo vence.

— Ahn!

— Pois eu sou torcedor. Quando rebenta um “sururu”, eu corro e vou ficar numa outra rua, bein longe do barulho.

— Por causa dos tiros?

— Não, por causa da torcida! E enquanto os contendores brigam, eu torço. E’ uma tensão nervosa dos diabos, o cerebro fica escaldando, o coração batendo, e a gente murmurando: — “Tomara que elles ganhem! Tomara que elles ganhem!” E quando acaba tudo fica-se tão cansado como os que brigaram, com os nervos estalando e o coração aos pinótes! Uma coisa muito séria! Ha tres dias que eu vivo torcendo! Ha tres dias! Em toda parte em que ha barulho! Imagine só meu cansaço!

— Eu imagino!

— Foi por isso que eu bebi uns tragos, para acalmar. E agora vou dormir. E’ uma coisa horrível a gente se metter em politica! Mas valeu a pena!

E lá se foi o heróe anonymo.

## HISTORIA ANTIGA

**J**A' Cicero, nas "Phillipicas"...

Perdão! Não é isso. Não se trata de Antonio, mas apenas de Verres, aquelle refinadissimo pirata que se tornou famoso, não só por suas piratarias, mas tambem pelos sete discursos com que Cicero o arrazou.

Como se sabe, esse questor finorio era, além de valoroso general, um apaixonado das bellas-artes, tendo-se tornado mesmo um dos maiores colleccionadores de obras de arte... dos outros.

Durante a sua pretura na Sicilia, esse rapinante voraz agiu como um tufão na propriedade alheia, despojando não só particulares e monumentos publicos, mas até mesmo os templos, e canalizando tudo para o seu palacio, para gozo exclusivo dos seus olhos de estheta roedor.

Não supponha o leitor que eu esteja aqui "atassalhando a honra alheia" e transformando esta meia columna alegre em "secção livre". E' Cicero quem affirma essas coisas feias.

"Não vejo ninguem — dizia elle — que não esteja convencido de, que Verres se apoderou abertamente de todas as riquezas sagradas e profanas, publicas e particulares da Sicilia; que seus roubos não respeitaram nem a Religião e que a sua audacia não lhe deu, sequer, o trabalho de escondellos".

Era assim, o malandro!

Foi por isso que Cicero, a pedido dos sicilianos espoliados, resolveu chamar o pró-consul a contas. E produziu aquelles sete discursos arrazadores. Verres não chegou a ouvil-os todos. Ao segundo delles, o pirata resolveu devolver os "cobres" e exilar-se.

Antes de o fazer, porém, resolveu, pela bocca de Hortensius, allegar os grandes serviços que prestára ao paiz. E Cicero respondeu com aquella ironia que caracteriza o exordio da "segunda acção".

"Querem-me fazer crer que a sua vigilancia e o seu valor singular, souberam, num tempo in'eliz, preservar a Sicilia das desgraças da guerra! Que direi eu, de que lado me voltarei, se, deante de todos os meus ataques se levantar, como um muro impenetravel, a sua reputação de grande general?"

Comtudo esse "muro" foi derrubado por Cicero.

Apesar dos seus "serviços á Patria", o homenzinho teve que devolver, aos donos, quarenta e cinco milhões de sestercios, além de joias e objectos de arte..

\*  
.

Mas, dirá o leitor, que é que nós temos que vér com esse remotissimo Verres e mais as verriñas de Cicero?

Nada. Apenas me lembrei delles hoje, lendo um telegramma que os jornaes publicaram e que diz assim;

“RIO, 15 (A. B.) — O procurador Themistocles Cavalcanti está empenhando-se junto ao governo, pela feitura de uma lei que permita syndicancias em torno de fortunas illicitas. Deseja o procurador da junta e actual procurador da Republica que o governo fique habilitado a entrar em minucias sobre os bens que certas pessoas possuem e que não explicam ou explicam duvidosamente a sua origem. Como sempre, na maioria, esses bens provêm de sangrias no Thesouro. Desse modo ficaria o Thesouro habilitado a reaver o que lhe havia sido arrancado por meios criminosos?”

Como se vê, os Verres existem, mesmo em plena Republica Nova!

Com uma differença apenas, uma insignificante differença: o Verres do anno 70 devolveu o dinheiro. .



“NESTE MOMENTO SOLENNE. ”

**N**OS ominosos tempos da Monarchia — tempos que voltarão brevemente segundo a auspiciosa prophesia de um boi pernambucano — naquelles tempos amaveis e faceis, quando se queria manifestar aos senhores governantes toda a estima e consideração do povo, a primeira coisa que se fazia era um retrato a oleo do “grande homem”.

Manifestação politica sem retrato a oleo não era coisa que cerebro algum fosse capaz de imaginar. Retrato a oleo e “copo d’agua”. Este “copo d’agua” era, evidentemente, um euphemismo, porque sob essa designação simplista se occultavam barris de chopps, garrafas de cerveja, sanduiches e doces. E, assim como o retrato não dispensava o “copo d’agua”, este não podia passar sem discurso. A hora do chopp, feito o classico “momento de attenção”, o orador official pigarreava, empunhava o copo de cerveja, erguia a frente inspirada, espichava o “braço varonil” e orava:

— Meus senhores! Neste momento solenne, em que a commoção me embarga a voz, eu faltaria ao mais sagrado dos deveres se deixasse de pronunciar as palavras descoloridas...

— Não apoiado!

— as palavras descoloridas de orador humilde...

— Não apoiado!

—... para enaltecer a figura conspícua, os dotes adamantinos, o talento crystallino e o patriotismo acrysolado do homenageado presente.

E por ahí fóra.

França Junior e Martins Penna, os grandes chronistas do tempo, narram-nos essas scenas patheticas em paginas que são verdadeiras photographias de uma época e de uma raça. Ou, melhor, apenas de uma raça. O retrato a oleo e o “copo d’agua” não são productos de determinado cyclo social, nem mesmo característicos de um regime. Elles estão na massa do nosso sangue, como os phagocytos ou os leucocytos. Os tempos rolam, regimes se esboroam, instituições nascem, costumes se alteram, os povos progridem, os homens evoluem, os thronos desabam — mas o retrato a oleo e o “copo d’agua” continúam, firmes, massiços, inabalaveis! A gratidão brasileira não conhece outros vehiculos de extravasamento sentimental senão esses. De cem annos a esta parte inventou-se o automovel, o aeroplano, o dirigivel, o submarino, a radiotelephonia, a radiotelegraphia, o cinema, o telephone, a televisão... Monarchias ruíram, surgiram regimes novos e veio o fascismo, e o socialismo, e o communismo, e o nacionalismo... Os costumes se alteraram, modificou-se a moral, destruiu-se o preconceito social, libertou-se o amor, codificou-se o sexualismo, enfim, tudo se alterou, marchou, evoluiu — só o retrato a oleo e o “copo d’agua” continuaram representando, na vida politica brasileira, a expressão mais lidima da gratidão dos povos pará com os governantes.

Ainda agora, nesta época de intensa renovação, neste periodo tumultuario em que a Republica Nova se revolve a revolver o Brasil “de fond en

comble", um dos mais altos expoentes dessa "politica renovadora" vae receber uma festiva manifestação de seus subalternos. E, segundo leio nos jornaes, a grande manifestação que os trabalhadores da Limpeza Publica vão promover ao sr. Pedro Ernesto constará do seguinte programma que copio "ipsis literis" do órgão da Revolução":

1.<sup>a</sup> parte -- As 5 horas, alvorada;

2.<sup>a</sup> parte -- As 20 horas inauguração do retrato, discurso e "lunch";

3.<sup>a</sup> parte (final) -- Fogos de artificios, destacando-se entre estes uma peça photo-pyro, com a ephygie do sr. Pedro Ernesto e uma linda cascata".

Como vêem, não faltaram nem a alvorada ás cinco horas da manhã, nem os rojões de lagrimas. Neste particular a Republica Nova passou a perna na Velha, porque vae realizar, em pleno seculo XX, um espectaculo verdadeiramente monarchico. A unica novidade da manifestação revolucionaria é o "photo-pyro com a effigie do dr. Pedro Ernesto e uma linda cascata". Isto é, além do retrato a oleo inaugurado num salão, vão inaugurar tambem um retrato a fogo no espaço, por cima de uma cascata. Por cima ou por baixo?

Não se sabe. O que é certo, porém, é que, em plena Republica novissima, vae haver retrato a oleo, discurso e copo d'agua!

Vamos fazer outra revolução?

## O "DIREITO DE INSULTAR"...

**N**A reunião da sub-commissão do ante-projecto da Constituição (que complicação!) realzada hontem, deram-se, como de costume, episodios dignos de serem registados nesta columna séria.

Um delles: quando se discutia o grave problema da inviolabilidade dos deputados, o sr. Oswaldo Aranha, respondendo a um aparte do sr. Antonio Carlos, affirmou que "os deputados não deverão ter o direito de insultar" e acha que, se tal acontecer, dever-se-á cassar o seu mandato.

Como se vê, o assumpto reveste-se da maior importancia. Elle vem pôr em fôco um problema que não é apenas politico, mas tambem social; e eu imagino a angustiosa situação em que se encontram os notaveis paes da futura Constituição para solucionar o estuporante caso de saber se um deputado tem ou não o direito de insultar.

Preliminarmente, deve a sub-commissão tratar de saber o que é um insulto. Isso é muito importante. Um deputado que, em plena sessão berre ao seu adversario de outra bancada: "V. exa. é um burro!" — está ou não insultando?

O parlamentar attingido pela apostrophe, póde opinar pela affirmativa. Mas um juiz imparcial não veria na phrase o mais leve laivo de insulto. Chamando o collega de burro, em sentido figurado

e pejorativo, o deputado estaria insultando-o. Mas chamando-o de burro, em sentido directo, não haveria nada de mal, porque o burro é um animal honrado, trabalhador e intelligente.

A phrase poderia até ser um elogio. A questão ali seria apenas saber se o deputado pronunciou a expressão em sentido figurado ou não. Nesse caso, a Camara só teria o recurso de appellar para as luzes de um occultista. Dahi, a idéa que tenho a honra de offerecer, graciosamente, á sub-commissão do ante-projecto, afim de resolver, em definitivo, a grave questão de saber se um deputado póde ou não insultar. E essa idéa, que reputo luminosa, apesar de ser minha, consiste em se dirigir um respeitoso convite ao dr. Tabra Bey, afim de que o desabusado occultista, occupe, no futuro Congresso, o cargo de "consultor psychologo", cargo que consistiria em esclarecer a egregia Camara a proposito das intenções occultas que teriam animado o deputado X a chamar o seu collega de "burro", ou o deputado Y a xingar o seu presidente de "cavallo".

De minha parte, acho que os srs. deputados têm o direito de dizer tudo o que quizerem. Mais: têm o dever. E' para isso, aliás, que o povo os subsidia fartamente. Uma sessão legislativa, em que os srs. congressistas se tratam mutuamente como damas de alta estirpe, é uma das mais perfectas sensaborias deste mundo. Não ha cidadão, por mais patriota, capaz de supportar discussões assim:

— V. exa. está faltando, inconscientemente, com a verdade. Peço venia para chamal-o "esquecido".

— Esquecido, não! Repillo a insinuação certo que v. exa. a proferiu sem “animus insultandi”. Conheço o nobre character de v. exa. e sei que.

— Obrigado a v. exa.

E por ahí afóra.

E’ desolador! Gastar-se tanta verba para isso não é negocio. Nós pagamos para irmos nos aboletar na galeria e assistirmos sessões deste naipe:

— V. exa. é uma cavalgada!

— Cavalgada é a sua avó!

— Não insulte minha avó porque a sua é muito mais besta do que a minha!

— Não repita porque eu parto-“lhe” a cara!

— Pule na rua, se fôr homem! Hei de esfregar “teu” focinho no chão!

— Não precisa rua, seu cavallo! Pise aqui neste cuspo! Pise, seu pixóte!

Isso, sim, é uma sessão agradável e recreativa.

Por que, pois, não manter esses costumes, que são tradicionaes e não fazem mal a ninguem?

## AS GRAVES QUESTÕES MUNICIPAES

**E**STÁ se fazendo por ali uma barulhada infernal a proposito das prefeituras municipaes do interior. Confesso que não vejo razões para essa bulha intempestiva, que já começou a tirar o somno aos cidadãos pacatos que, como eu, não comprehendem as leis kabalisticas da politica brasileira.

Dizem os entendidos nesses graves assumptos que as prefeituras do interior são “a chave da politica paulista” e que é por intermedio dellas que os governos conseguem o prestigio necessario para se manterem nos Campos Elyseos.

E’ possivel que isso seja a expressão da verdade e, nesse caso, a expressão “politicagem de aldeia” não seria apenas uma figura de rhetorica, muito do gosto dos jornalistas da opposição e dos “tenentes” da situação.

Ora, ha certos lugares do interior em que todo o idealismo politico está synthetizado no coronel local, veneranda figura de patriarcha que exerce, entre os seus conterraneos, um papel de suzerano medieval. Quando esse preclaro cidadão é apenas um veneravel patriarcha, uma especie de pae da cidade, as coisas correm muito bem. Acontece, porém, que nem sempre o coronel é um ancião respeitavel, possuidor de largas tradições de lealdade. Muitas vezes elle é apenas um refinadissimo ma-

landro, que não faz outra coisa senão administrar em proveito da prole — quando é pae — e em proveito dos amigos — quando, além de pae, é camarada. O unico remedio seria mandal-o passear. Mas semelhante aventura nem sempre é facil de realizar. Então o delegado arregimenta a opposição. O delegado ou o pharmaceutico. Ou até mesmo o vigario. O certo é que a opposição se levanta e lá começam as lutas que têm sempre este resultado: o coronel continúa mandando e o pharmaceutico, ou o vigario, continúa estrillando.

Antigamente, pelo menos, era assim. E continuam a ser, porque isso é coisa que faz parte do programma da vida.

E ainda ha um outro aspecto curiosissimo: as brigas de familia. Este aspecto, aliás, é o principal. Percorram-se certas cidades do interior e pergunte-se aos chefes locais “como vão as coisas”. E constatar-se-á que tudo vae mal, porque o dr. Zico, que estava indicado para um cargo na Camara, não pôde ser nomeado! E’ que veio a saber-se que o supra-citado dr. Zico, que fôra namorado da sobrinha do prefeito, desmanchára o quasi noivado para casar-se com a filha do Chico Venancio que, nas ultimas eleições, deixára de votar no governo para votar no Indalecio.

— E que é que tem isso de grave?

— Hom’essa! Pois o dr. Zico, com raiva do major, uniu-se ao Juca pharmaceutico, formaram uma legião e lançaram um manifesto a favor do racial-socialismo.

— E então?

— Então. O major jurou que havia de acabar com isso e mandou a Florinda Greta Garbo falar com elle



— Greta Garbo? Quem é essa Florinda famosa?

— E' uma "tal" que anda por ahi... A Florinda foi, mas o dr. Zico percebeu o plano e botou a mulher pela porta fóra!

— Que horror!

— Pois bem. Ahi então, só de raiva, o dr. Zico convocou a "Legião 7 de Abril" para uma reunião secreta.

— E não se sabe o que houve...

— Sabe-se. O Ditinho, na hora da reunião espiou pela janella que dá p'r'o largo da Matriz e viu tudo. Os homens estavam tratando de transformar a Legião em.

Aqui o informante olha em torno cautelosa-mente, aproxima-se do nosso ouvido e exclama:

... estava tratando de transformar a Legião em Partido Communista!

— E depois?

— Fundaram. Mas para não dar muito na vista disseram que era um Partido Stalinista Democrata.

— Ahn!. E então?

— Então o major ficou de orelha em pé e armou uma capangada braba para empastelarem o partido! E veio tudo p'ra rua, armado de carabina, facão... Diz, que até metralhadora elles tinham. Quando o dr. Zico soube da coisa correu á casa do major e entregou os pontos. Disse que estava prompto a casar-se com a sobrinha delle. E vae casar mesmo.

— Então acabou tudo?

— Qual o quê! O delegado tomou conta do Partido e está disposto a proclamar o fascismo.

— Hom'essa! Porque?

— Porque elle quer casar-se com a filha do major.

— Que tem isso de mais? Elle que se case com ella e prompto!

— Mas ahi é que está toda a difficuldade da politica! Não ha meio de conciliar os ideaes!

— Por que?

— Porque a filha do major é casada. Não sei como está p'ra ser!

O informante considera longamente o caso. E remata, convicto:

— P'ra mim isso inda vae acabar em revolução communista!

## NÃO HA TEMPO A PERDER!

**C**OMO eu já tive a honra de dizer algumas centenas de vezes, e faço questão de repetir-o ainda, o Brasil está padecendo, antes de tudo, da epidemia de salvadores. O paiz é um pobre enfermo, em estado pré-agonico, que tem em volta do seu leito — ou, melhor, do seu "berço esplendido", como diz o hymno — uma copiosa junta medica, onde se encontram allopathas, homeopathas, pediatras, psychiatras, clirurgiões, oculistas, veterinarios e, até, curandeleros. Cada um desses abnegados traça um diagnostico, de accordo com a sua especialidade, e pretende impingir no miserando enfermo aquillo que julga a unica medicação capaz de realizar um milagre.

E' evidente que dessa original salada pharmaceutica só pôde resultar um cadaver, porque não ha meio do cirurgião concordar com o veterinario, nem ha possibilidade do pediatra achar boa e certa a receita do oculista. E, emquanto os galenos discutem, o doente vae caminhando para os sete palmos.

Num ponto, apenas, quasi todos estão de accordo: socialismo. Ha apenas divergencias doutrinaarias, puramente metaphysicas, quanto á fórma de se applicar esse remedio. Mas isso não tem importancia. Seja por meio do xarope demo-

cratico ou da injeção fascista, o certo é que o socialismo é que vai salvar o doente.

Dahi, o interesse dos pediatras, psychiatras, veterinarios e curandeiros, em estudar o socialismo, para saber qual a maneira mais pratica de introduzil-o no organismo do enfermo.

E, com essa socialistophagia, os livreiros estão realizando magnificos negocios, esvaziando as prateleiras de socialismo, alugando socialismo, vendendo socialismo, estupindo a cidade de socialismo, porque não ha quem não queira saber socialismo, falar de socialismo, escrever sobre socialismo.

Uma verdadeira nuvem de gafanhotos!

Um livreiro contou-me, ha dias, um factio que illustra o caso. Um desses bem intencionados curandeiros entrou, afobado, pela livraria a dentro e, limpando o suor da testa, perguntou:

— Você tem ahi alguma coisa sobre socialismo ?

— Hein ?

— Sim. Um livro bom sobre socialismo.

— Um? Mas para que diabo quer você “um” livro sobre socialismo? Qual delles? Eu tenho centenas.

— O melhor.

— Mas não ha melhores. Todos são diferentes.

— Como, diferentes? Eu quero um que tenha uma synthese geral do assumpto. O mais moderno. E’ isso: o mais moderno.

— Mas você já leu os outros? Já leu Blanc ? Já leu Proudhon ? Fourier? Renouvier ? Reclus? Collins ? Engel? Brentano ? Kropotkine? Bakounine? Marx ?

REALIDADES BRASILEIRAS



Jeca: — Virgem Mãe! Desta vez eu morro com o tratamento...

— Mas eu não pretendo ser um cathedratico. Eu preciso ter uma idéa geral das ultimas doutrinas, porque a Constituinte não vae ficar esperando que eu leia tudo isso! E para que iria eu ler essa bibliotheca toda ?

— Para compreender, meu amigo. Você quer começar pelo fim, isto é, quer ingressar na Faculdade de Medicina sem ter cursado o grupo escolar e o gymnasio.

— Mas o socialismo é coisa nova. Surgiu depois da Conflagração. E' uma conquista deste seculo.

— Hein? Você já leu a Biblia ?

— Não.

— Pois começe a estudar socialismo com Christo. Depois suba até Platão. Alcance Fenelon. E venha por ahi acima, até o ultimo, até esse “mais moderno” que você quer.

— Você está louco! Eu iria gastar uns dez annos.

— Pois é isso! Você se atrazou dez annos.

— Deixe de brincadeiras. Veja ahi um livro dos ultimos. Não ha tempo a perder.

O livreiro entregou-lhe um volume qualquer, de capa vermelha. O “curandeiro” pagou e sahi, apressado como entrára, devorando já a primeira paginá.

Ia salvar a patria...

## A CHEGADA DO HERÓE

**O** NAVIO vae atracar. No céas, fremindo, vibrando, herrando de entusiasmo, a multidão se comprime. Erguem-se vivas, estouram foguetes, guincham cornetas, uivam apitos, o delirio cresce, a onda tumultuaria augmenta, na ansia incoercivel de glorificar o grande personagem que vae chegar.

Agora, eis que o navio atraca. Commissões colendas, em trajes de grande gala, adeantam-se para a recepção. Salvas de vinte e um tiros reboam dentro da noite clara, clarins festivos estridulam e bandas patrioticas enchem o espaço de hymnos esfuziantes.

O grande personagem surge. Eil-o que desce a escada, majestoso, imponente, magnifico, arrancando á multidão oceanica um clamor cycloptico de "nós queremos" insopitaveis.

E o grande personagem segue pela avenida babelica, precedido de uma comissão de honra, em "grand tenue", de cavalheiros imponentes, de estandartes, de bandeiras, e seguido pelo poviléo fremente que o acclama em uivos delirantes, ao som das bandas e dos clarins, enquanto foguetes polychromaticos enchem o espaço negro de lanhos de fogo, que sangram cataractas de estrellas multicores.

E o cortejo faustoso segue. E' a "manifestação popular" em toda a sua plenitude. Aqui se detem um pouco para recomposição do prestito ligeiramente desorganizado pela massa humana delirante; ali, pára um momento para ouvir um orador vibrante que, em palavras frementes de commoção, enaltece as virtudes immarcessiveis do grande personagem. Este não responde. Como convém a um grande personagem, agradece ligeiramente, com movimentos de cabeça. E seguem novamente.

O percurso torna-se, minuto a minuto, cada vez mais aspero. Da cidade toda descem cidadãos para aclamar o recém-vindo que, na sua carruagem, sorri magnificamente.

Os "nós queremos" reboam pelo espaço. Os tambores e os clarins não interrompem as suas fanfarras festivas e a noite pavida enche-se de risos de fogo dos rojões espoucantes.

Agora, o cortejo pára em frente de um edificio enorme. E o grande personagem desce da carruagem, sob uma chuva de flores despetaladas que se despenham do arranha-céu bracejante. A multidão avança, comprime-se, na ansia de vêr bem o personagem que chega, de falar-lhe, de tocá-lo... E elle entra, sob um temporal de petalas multicores, entre um clamor tumultuario, numa aclamação fantástica que enche os espaços e reboá nas montanhas longinquas...

\*  
\* \* \*

Que será tudo isso?

E' a chegada do Momo ao Rio de Janeiro. A vinda do grande personagem mythologico.



REALIDADES BRASILEIRAS



O banquete.

Todavia, esse Momo lendario que a multidão delirante aclama, entre fanfarras e hymnos, entre foguetes e palmas, é apenas uma figura de papelão. E' um homem vistoso, magnifico, farfallante, movente — mas ôco, sustendô-se de pé graças a um esqueleto de pau. Dentro do seu corpo não ha órgãos, nem vísceras: dentro de sua cabeça não ha cerebro. Elle move-se, resmoneia, ás vezes tartamudeia vagos sons inintelligiveis, mas não tem idéas, não pensa, não raciocina. E' apenas um vistoso, magnifico, fascinador manipanço. E' um deus de mentira, um heróe de papelão.

Entretanto, vêde como o povo segue, e o viva, e o aclama. E vêde como elle, sendo de papelão move-se, agradece..

\*  
\* \* \*

O Brasil é assim mesmo..

## CARTA A S. PAULO DE PIRATJINGA

25-1-1932

**M**EU caro São Paulo. Completas, hoje, 378 annos de idade e eu, neste dia festivo, não posso furtar-me ao dever prosaico de dar-te os parabens e desejar, segundo as boas regras sociaes, que a data de hoje se reproduza por muitos e muitos annos.

Parece que foi hontem, hein? Não sei se ainda te embras da aurora da tua vida, da tua infancia querida que os annos não trazem mais... Tu eras "assimzinho", deste tamanho...

Nasceste ai no Largo do Paacio, sim, no Largo do Paacio que, naquelle tempo, ainda era mais largo embora não tivesse nenhum palacio. Tinha apenas uma casucha colmada onde se aninhavam sotainas e onde, á tardinha, os incolas de Anchieta recitavam ladainhas mysticas. Nasceste ali, assistido pelo jesuita e por João Ramalho.

Depois, como era natural, foste crescendo, assistindo aos "sururús" tremendos em que se empenhavam jesuitas e colonizadores, ambos a se engalfinharem com bravura por quererem, cada qual a seu modo, cuidar da tua educação. Tanta solícitude acabou por ter exasperar. Cresceste a teu

modo, tutelado mas não escravizado, até que te fizeste homem e resolveste, por tua conta e risco, te embrenhares por esse mundo a dentro, esse mundo verde e mysterioso que te desafiava por detraz das serranias.

E o que se viu, então, foi uma arrancada de cyclope para os confins das brenhas mysteriosas, desvirginando selvas indomadas, conduzindo na frente um mundo de esperanças e deixando, atraz, sementes de cidades. Nada te deteve! Fascinado pelo "sonho verde", a tua audacia não se temeu ante as brenhas hispidas, não vacillou ante as lezirias lethaes, não titubeou ante os tremendaes traiçoeiros.

As trilhas fragosas e os sólos lutulentos sentiram, por igual, a marcha firme de tuas botas rudes. Teu machado mordeu e aluiu troncos brutaes, teu arcabuz encheu de rebôos a selva pávida e, deante de ti, fêras e incolas, espavoridos, recuavam cada vez mais, embrenhando-se nos labyrintho sverdes ou assolapando-se nas furnas negras. Às vezes, dessedentando-te em tábidos lamarões, tombavas em plena matta, entre os uivos e urros de fêras, arquejando sob o céu impassivel. Quanto tempo? Dias, semanas, mezes... Não importava! Erguias-te, de novo e, estorricasse-te o sol ou te vergastasse a invernia, recomeçavas a façanha homérica de conquistar — para o teu orgulho, um punhado de pedras verdes — e para o Brasil, um mundo de terras novas.

Depois conspiraste. A' luz dos lampeões de azeite que debuxavam laivos lividos nos paredões sombrios, passavas embiocado num capuz de feltro, a concertares planos mysteriosos para a liberdade da patria. E foste tu que armastes de animo

um príncipe romântico para que este, um dia, numa collina histórica, annunciasse ao mundo o advento de uma pátria livre.

E cresceste mais. Veio a Republica.

Estendeste, então, oceanos de cafézaes pelas campinas onde, pouco antes, se erguiam florestas. E avançaste mais para as selvas, enfrentando-as de novo, vencendo-as, enchendo de cidades o deserto immenso, inundando de luz as noites dos sertões, destruindo, creando, saneando, levando a Civilização aos mais reconditos recessos do territorio virgem. E, enquanto os campos se alarmavam com ranger de ferragens, apitos de machinas, ruidos de tractores, roncos de usinas, a urbe de Piratininga, se agigantava, fazendo flammular na ponta das chaminés e no topo dos arranlia-céos, a bandeira gloriosa do teu genio e da tua audacia.

E nunca te esqueceste de teu sirmãos. Não só os recebeste de braços abertos e coração em festa. Fazias transbordar, para além de tuas fronteiras, os frutos opimos do teu labor.

E assim vinhas, meu São Paulo, nessa marcha firme, decidida, sem titubeios, quando te fizeram pararl

Paraste. Para que?

Ainda não o sabes. Não importa saber. Querem que não prosigas? Querem que te sentes, que te acocóres, e que fiques banzando ao sol, modorando em silencio, enquanto elles discutem?

Mas o teu destino, São Paulo, é seguir para a frente!



## **ASPECTO DA CONFUSÃO MUNDIAL**





## INVENTOS BELLICOS

**L**EITOR amigo. A guisa de introito vamos lêr esta noticia que os jornaes de sabbado publicaram:

“Foi offerecido ao governo norte-americano um novo engenho de guerra. Seu inventor é o sr. Lenor Barrow, autor de uma das mais terriveis machinas de destruição do seculo: a “bomba de profundidade”. O novo engenho, porém, excede em muito o poder destruidor da “bomba de profundidade”, pois é capaz de reduzir a pó, num raio de seis milhas, cidades e fortificações de qualquer especie”.

Antes, porém, dos Estados Unidos haverem feito essa prodigiosa descoberta, outros paizes lhe tinham tomado a dianteira e inventado coisas igualmente arripiantes. Quem iniciou a nova era de invenções bellicas mysteriosas foi a Russia. Lá tambem um famoso chimico descobrira qualquer coisa medonha capaz de reduzir a esqueletos os maiores exercitos do mundo. Depois veio a Allemanha e annunciou que o dr. Von “Não sei qué” inventára um raio ultra-violeta, com acção ultra-violenta, capaz de derrubar os mais longinquos aeroplanos em vôo, paralyssando-lhes o motor. Dahi a pouco surgiu a França e participou aos povos que ella tambem tinha descoberto uma combinação chimica de effeitos apavorantes, pois,

lançada por meio de bombas, podia asphyxiar uma cidade inteira em cinco minutos. A seguir appareceu a Inglaterra creando tambem qualquer complicação bellica assustadora...

O que, porém, causa comprehensivel estranheza, é o facto do Brasil, até este momento, não ter descoberto tambem alguma dessas coisas exterminadoras.

Diz-se-á que o Brasil não possúe grandes usinas, grandes laboratorios e grandes chimicos. Estou de accôrdo. Mas, para que se inventem essas coisas prodigiosas, não ha necessidade de usinas, nem de um laboratorio, nem sequer de um chimico. Basta, apenas um homem imaginoso e uma agencia telegraphica.

Por que? A Europa está, como se diz em linguagem metaphórica "sobre um vulcão". Os paises armam-se até os dentes, á espera "de qualquer coisa" e mettidos na tarefa de se assustarem uns aos outros, com seus apavorantes aparelhos bellicos. Como porém, todos elles se armam ao mesmo tempo, publicamente, acontece que cada um sabe muito bem com que forças os outros podem contar. E isso não traz vantagens para ninguém porque nenhum delles pôde contar com excessos bellicos que consigam assustar os outros. Nem mesmo a Allemanha se alarma com o armamentismo que a rodeia porque, não podendo fabricar armamentos em sua propria casa, por força de tratados, montou usinas na Russia e, placidamente, vae "*acompanhando o terço*".

Que fazer, então?

Apenas isso que elles estão fazendo agora, isto é, annunciar inventos arripiantes, engenhos de guerra de effeitos inconcebiveis, bombas que,

com um estouro, destroem vinte ou trinta cidades, gazes que asphyxiam paizes inteiros, raios luminosos que paralyzam motores, chispas electricas que incendeiam submarinos immersos. Quando um paiz annuncia um invento desses, os vizinhos recuam apavorados, emquanto o dono do prodigio satanico começa a dar ordens...

Mas, como se vê, parece que o exemplo da Russia frutificou e as grandes potencias seguiram-lhe o rasto, "inventando" tambem suas mysteriosas novidades porque, na guerra como no commercio, o segredo é a alma do negocio.

Conheci um caboclo, no interior do Estado, que começou a espalhar o boato de que elle fizera um pacto com o diabo, por intermedio do sacy e que, por essa alta razão, "tinha o corpo fechado" Espalhou o boato e virou valente. Virou valente e começou a dar pancada em todo o mundo porque, por sugestão, receio ou temor supersticioso, os valentões da zona tremiam deante d'elle e do seu "corpo fechado" e, subjugados moralmente, não tinham outro remedio senão apanhar surras tremendas. Um dia, porém um cafuso materialista resolveu "tirar a scisma" e experimentar o poder sobrenatural da "mandinga" do outro. Provocou-o sem susto, sem temor, e foi p'ra cima d'elle. O caboclo levou a sua primeira surra. E, quebrado o encanto, não houve na cidade quem não quizesse espancar o pobre diabo...

Assim estão as potencias do mundo, hoje tentando "fechar o corpo" com essas mirificas e apavorantes invenções.

Agora só está faltando um cafuso para "tirar a scisma" e vêr se isso tudo é verdade...

## GRANADAS E MICROBIOS

**V**EM-NOS de Genebra uma noticia interessante: reuniu-se hontem, pela primeira vez, o “comité” especial instituido para exame das “armas chímicas e bacteriologicas”.

Muito bem. Isso quer dizer que a Sociedade das Nações, agindo sempre de accôrdo com as suas altas finalidades jurídicas e fraternaes, está estudando os meios pelos quaes se permittirá á Humanidade o direito de destroçar-se.

Sim, meus amigos, o direito de destroçar-se.

Porque esse direito existe, outorgado ao homem não sei por quem, se por circumstancias do momento, por fatalismos historicos, por instincto de defesa, por necessidades sociaes, por accessos patrioticos, o facto é que a Sociedade lhe reconhece a existencia... jurídica e lhe regulamenta as actividades na face da terra.

Dahi os estudos em que anda empenhada a Sociedade das Nações a proposito das “armas chímicas e bacteriologicas” empregadas pelas nações que, por qualquer motivo, resolvem se liquidar summariamente. Não é preciso esperarem-se os resultados desses estudos, pois sabe-se, de antemão, que os “povos civilizados” condemnam esses processos de guerra, processos que elles mesmos crearam e deante dos quaes, agora, se mostram tão arripiados.

Os "povos civilizados" como se diz nos discursos de Genebra, têm uma concepção absolutamente extravagante do que seja pacifismo pois, quando mandam seus representantes a Haya ou a Genebra, para entoarem psalms á Fraternidade, não se esquecem de mandar seus couraçados espiar as costas vizinhas para vêr "o que é que ha".

Geralmente não ha nada, porque as nações modernas não se armam mais nos quartéis, nem nas usinas bellicas: fecham-se em laboratorios chimicos. Isso, como é natural, não deixa de impressionar os vizinhos, porque ninguem sabe que pavorosas combinações chimicas estarão preparando lá dentro. Sabe-se apenas que elles fabricam armas invisiveis, imponderaveis, contra as quaes seria inutil qualquer movimento de reacção. E' como se uma nação atirasse contra o exercito inimigo um exercito de almas do outro mundo.

Então os diplomatas se assustam e correm a Genebra para falar em nome da Humanidade e da Fraternidade, e condemnar, em discursos muito bonitos, o emprego dessas armas deshumanas.

Deshumanas porque? Não sei. Esses homens notaveis acham muito natural, muito humano, que um pobre diabo, passe dois dias numa trincheira com o estomago estraçalhado por uma granada, mas ficam arripiados de pavor com a perspectiva de um homem morrer asphyxiado pelo gaz phosgenio.

Eu acho ambas as mortes perfeitamente estupidas. Entretanto, considero muito interessantes as "armas bacteriologicas". Uma vez que a guerra existe para liquidação de povos, as bactérias pathogenicas podem prestar serviços sem conta, rea-

lizando um trabalho notavel de exterminio geral. Bacillos de tuberculose, de typho, de cholera, de pneumonia, atirados de exercito para exercito, não fariam outra coisa senão apressar a obra da natureza no seu trabalho biologico de extinguir a especie. Todos nós morreremos assim, mais cedo ou mais tarde. Por innoculação, por infecção ou por contagio, grande parte da humanidade se vae desta para melhor, por effeito dos microbios. Os proprios positivistas, que não acreditam nelles, não escapam á sua acção mysteriosa e fatal e, se não morrem de nó na tripa, acabam victimados por uma bacillose qualquer.

Ora, se está provado que são os microbios os causadores das endemias, epidemias e pandemias que assolam a humanidade, eu acho muito mais racional, mais fraternal e mais philantropico, matar-se um semelhante com um bacillo, do que matar-o com um tiro. Esse processo possui, alem de outras, a vantagem de não encher o mundo de cégos, manetas e pernetas. Os microbios, os bacillos e as bactérias agem ás direitas: ou o sujeito fica bom e conserva intacta a sua integridade physica, ou morre naturalmente, de tuberculose, de cholera ou de typho, como teria morrido o mais santo dos homens, em plena paz.

E' por isso que eu applaudo a Conferencia do Desarmamento. Acabem-se com as esquadras e com os exercitos, transformem-se os canhões, as metralhadoras e o fuzis em instrumentos agricolas, e incremente-se a cultura dos vibriões, spirochetas, stroptococcus e outros prestimosos auxiliares do Homem na sua grande obra de auto-destruição.

Depois que o homem inventou a guerra de trincheiras para se esconder das balas e obuzes, só mesmo se appellando para as nuvens de chlorocarbonos, vapores nitrosos, gazes phosgenios, manobras envolventes de bacillos, avançadas de microbios e investidas de bactérias, que não respeitam fortalezas nem buracos.

Matar por matar, mate-se logo de uma vez !  
Para que tanta cerimonia ?

## GANDHI E KRISHNAMURTI

**A** FINAL Gandhi está de volta á sua patria, sem nada ter conseguido da Inglaterra, além de uma hospedagem excessivamente protocolar que metteu em sérias complicações o pacatissimo rebelde.

Irá o "mahatma" agora reiniciar o seu apostolado politico na sua velha patria?

Talvez. Mas creio que não avançarei nenhuma previsão arriscada, se disser que essa campanha, na sua nova phase, não dará nenhum resultado pratico, se ella, com effeito, fôr levada avante.

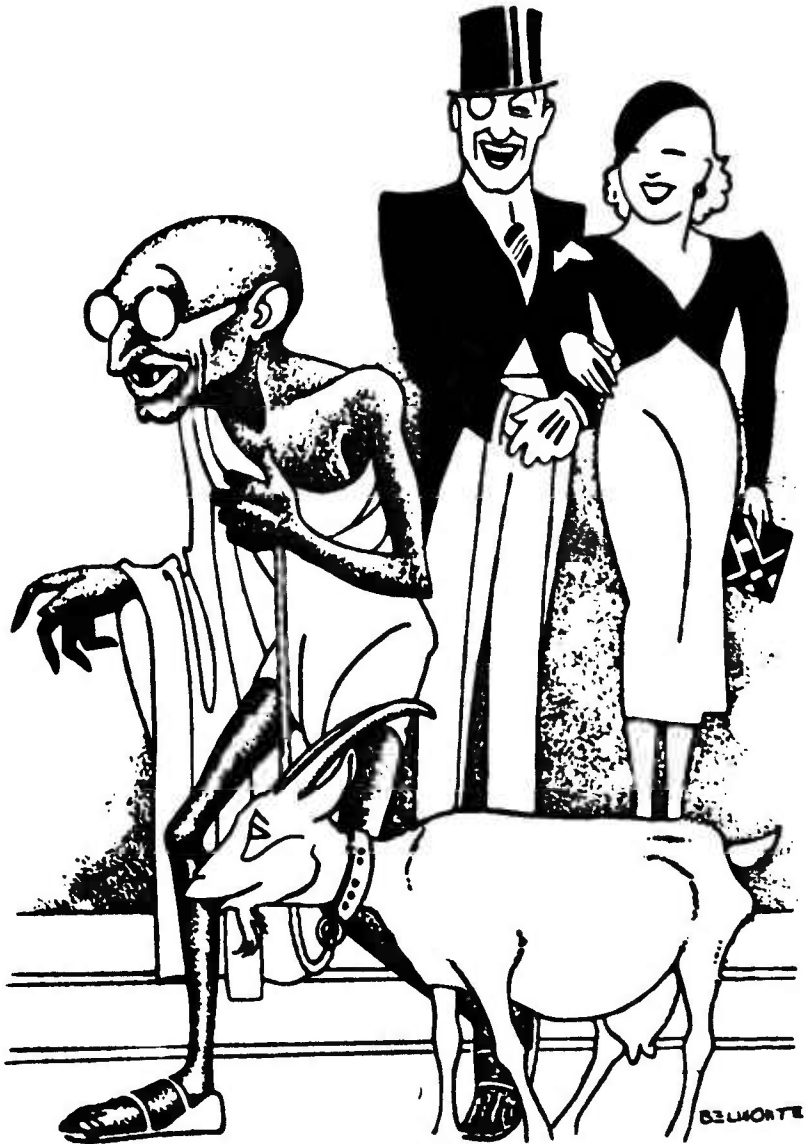
O escanifrado apostolo do "nú artistico" masculino, que lá andou assustando as londrinas com os seus pernis de gallo velho, vae acábar no esquecimento em que costumam jazer todos os thaumaturgos que, um dia, serviram de riso e de galhófa aos seus semelhantes.

A India, naturalmente, não se surpreenderá com isso, porque Gandhi não é o primeiro hindú que avassala a Europa e empolga o mundo para, depois, acabar esquecido.

Esse complicadissimo paiz, ninho de religiões que se multiplicam em dogmas e de dogmas que se subdividem em crenças; que começam como philosophias e acabam em superstições; onde tan-



## O GANDHISMO



“Não cooperação”... com as casimiras inglesas.

to se cultúa um Budha chinez como se adora uma vacca amarella, e onde, de repente, um pastor póde ser um sacerdote ou um boiadeiro póde ser um deus, tem sido tambem um fóco de reformadores e de Messias. De Nanak e Krishnamurti!

E. “ecce homo”!

Que fixo levou Krishnamurti?

Elle tambem, neste seculo scientifico de gente hereje, conseguiu, num dado momento, ser o “Kharma” da humanidade. Era, assim, infinitamente maior que Gandhi porque se este se propoz a salvar um povo, aquelle se dispuzera a salvar o mundo.

Entretanto — tão ignotos são os designios do Grande Desconhecido — Krishnamurti, agigantando-se dentro da India, e impressionando o mundo, foi acabar em Paris, prosaico e inoffensivo, como acabaria um cantor de tangos ou um poeta futurista.

As mulheres acharam-no bello. Além disso, era um messias; por conseguinte, um puro. Estudar theosophia, então, tornou-se um habito elegante, como jogar “bridge” ou tomar cocaina. Fazer divagações sobre a philosophia esoterica era tão chic como discutir um perfume de Bichara ou uma “toilette” de Redfern. Contar “potins” a Krishnamurti era tão “distingué” como flirter com um secretario de embaixada. Não sei se o thaumaturgo chegou a dansar um fox. Sei, contudo, que, candidatando-se a Divindade, quasi acabou como um “numero” de salão, correndo a Europa pelos braços de uma empresaria, divertindo os homens e impressionando as mulheres!

E, talvez por isso, Krishnamurti, descrente dos homens e descrente dos deuses, foi constrangido a refugiar-se na Hollanda, para esquecer, nesse exílio amavel, os "potins" da sociedade e os dogmas da religião.

Lá está elle, agora, obscuro e ignorado, fazendo não se sabe o que, á espera não se sabe de quem, no mais prosaico dos ostracismos que um thaumaturgo poderia merecer na face da terra.

Tal é o destino dos Deuses ingenuos nessa incompreensivel Europa que atira para o olvido e para a desillusão os Messias que vêm de longe: um, por ser muito bello; outro, por ser muito feio.

## CHINEZES E JAPONEZES

**A** CHINA ha de ser sempre o paiz das surpresas! Cremos não haver no mundo povo mais bellicoso, mais amigo da luta, seja lá como fôr, em quaesquer circumstancias.

Esse paiz cáotico vivia, annos a fio, empenhado em sanguinolentas guerras civis; norte contra sul, leste contra oeste e, ás vezes, para variar, norte contra norte e sul contra sul. Era difficil, senão impossivel, um observador longinquo saber ao certo por que motivo os chins se empenhavam constantemente, em tão arrazadoras guerras. Ora por questões politicas, ora por questões religiosas, o certo é que a China viveu assim, annos e annos, destruindo-se, com um furor digno de melhor sorte.

Um chinez qualquer, em dado momento, lembrava-se de que o seu territorio continuava occupado pelas potencias européas e dava um grito. Immediatamente, atraz desse chim se alinhavam multidões ululantes, a bramir, com desespero, que era preciso expulsar o invasor.

Era a conta! No outro extremo da rua surgia um outro chim, dava tambem um outro grito, e berrava que não era preciso expulsar o estrangeiro. E atraz desse outro chim se amontoava outra multidão. Marchavam ambas, uma contra a outra.

Sahia paulada, tiro, o diabo! A policia intervi-nha. Não para “apaziguar os animos”, mas para tomar partido. O sarilho augmentava. E dahi a dois dias, por causa desses dois chins, o paiz inteiro estava empenhado numa guerra medonha!

Até ha pouco tempo, a China andou assim, dividida em partidos, facções, legiões, grupos, grupelhos, grupinhos, ajuntamentos, cada qual defendendo furiosamente uma idéa, e cada qual mais convicto de que, para fazer essa idéa vencedora, nada melhor que uma conflagração geral, com os devidos fuzilamentos. Nacionalistas, republicanos, imperialistas, soviéticos, — esse des-norteante “cock-tail” de ideologias as mais disparres, as mais confusas, as mais contradictorias, sacudido violentamente dentro do vasto territorio asiatico, resultava sempre em explosões violentas que levavam o paiz a um perfeito estado de anarchia.

De repente, surge o Japão. Levanta-se a questão mandchú. Protestos! Disturbios! Reacção! E, como epilogo natural, a guerra.

A China esqueceu-se de seus casos domesticos e, como já estava de armas na mão, não lhe foi difficil oppôr uma resistencia heroica ao invasor. Nacionalistas, communistas, fascistas, monarchistas e republicanos uniram-se numa apavorante “frente-unica” e, esquecidos completamente das suas complicadissimas questões internas, metteram-se na nova guerra com o mesmo furor e o mesmo entusiasmo. Até que...

Até que, segundo nos relatam os jornaes de hoje, a tragedia acabou em armisticio. Cessaram as hostilidades. Assignou-se um accôrdo, com to-

das as formalidades do estylo, no consulado britannico em Changai.

E a paz voltou a reinar na terra de Confucio.

Isto é, voltaria a reinar se o chinez fosse capaz de se conservar cinco minutos sem brigar.

Mas não é. Os mesmos jornaes que nos relatam a assignatura do armisticio, contam-nos tambem na mesma pagina, na mesma columna, que “correm insistentes rumores de uma nova guerra civil na China, entre Cantão e Nankin onde a influencia de Sun-Fo está eliminando a acção do Partido Hun-Hon-Min”.

Eu não sei quem será esse senhor Sun-Fo, nem sei o que pretende o partido Hun-Hon-Min. Mas não é preciso saber. E' mesmo possivel que ninguem o saiba, nem mesmo o snhor Sun-Fo, nem o tal partido Hun-Hon. Isso, comtudo, não tem importancia. Mesmo sem Sun-Fo e sem Hun-Hon, a China acabaria mesmo como aquelle sujeito da anecdotas que, vendo dois cidadãos atacados em luta corporal, indagou:

— Essa briguinha é publica ou particular?

— E' publica.

— Então, com licença.

Tirou o paletó, arregaçou as mangas da camisa e entrou no sarilho.

Um gosto como outro qualquer...

## HINDÚS E MUSSULMANOS

**A** INDIA anda ás voltas, novamente, com inquietantes convulsões internas e, desta vez, entre mussulmanos e hindús.

Por que? Questões religiosas? Alguns jornaes, noticiando os factos, declaram nos seus titulos que se tratam de lutas religiosas. Mas, pôde-se lá saber ao certo o que é que constitue, na India, uma questão religiosa ou uma questão politica? Essas duas coisas tão contradictorias, tão antagonicas e, aparentemente tão inconciliaveis, vivem na India numa xipophagia tão antiga que, quando duas facções hindús começam a brigar, é difficil a gente saber com certeza se a briga é publica ou particular, isto é, se se briga por causa de Vishnu ou por causa de Gandhi.

Quer os mussulmanos, quer os néo-brahmanistas, que se acham agora excessivamente atarefados com suas brigas assustadoras, todos elles ainda bebem os seus ensinamentos religiosos nos velhos livros sagrados da velha India do tempo da zaragaia. Acontece, porém, que os livros sagrados dos hindús não são só religiosos; como a Biblia, elles servem de base para a organização social, além de servir de conforto á vida espiritual. As tres producções principaes da literatura sanskrita — o “Mahabharatta”, os “Vedas” e o “Ramayana” — são confusas miscellaneas de versos,

invocações, historias, maximas, preceitos, conselhos, sendo que, do primeiro delles, que é o mais importante, Gustavo Le Bon dizia que se tratava de “uma narrativa entremeada de infindaveis digressões, amplificações e repetições, de uma leitura horrivelmente pesada para um europeu”.

Ora, se os hindús néo-brahmanistas se orientam, na vida, por semelhantes calhamaços, e se os hindús islamistas entendem de impôr-lhes o Korão, é perfeitamente explicavel que, de tempos a tempos, esses santos homens, na firme decisão em que se encontram de ensinar aos seus semelhantes o caminho do céu, saham a rua e se esfaqueiem mutuamente. Isso tem se realizado varias vezes e, até mesmo na China, os mussulmanos realizaram façanhas semelhantes.

Acontece, porém, que, desta feita, a carnificina coincidiu com a inauguração da campanha do Congresso Nacional contra o monopolio do sal. Eu não sei que relação poderá existir entre Brahma, Mahomet e o monopolio do sal. Os mussulmanos, espiritualmente, parece que só se preocupam com Allah, no seu monotheismo secular; os hinduistas, que são fetichistas e idolatras, adeptos de um polytheismo pantheista, não reservaram, que se saiba, nenhum culto especial ao chloreto de sodio. O que, visto e conferido, faz suppôr que não se tratem de lutas religiosas, mas de authenticos “charivaris” politicos, instigados “por quem de direito”, através das famosas theocracias mussulmanas. Nestas sociedades secretas é que reside ainda toda a força politica do islamismo na India, e é para ellas que se appella, agora, no sentido de crear um “caso” entre os hindús, um “caso” equalzinho a um outro que nós conhecemos



muito bem. Nestes ultimos dias, mussulmanos e hinduistas têm se engalinhado com heroismo, havendo até agora mais de cem mortos e de mil feridos. E, enquanto acontecem esses factos, enquanto hindús se estraçalham com furor, o governo britannico vae protelando a questão da autonomia absoluta e tentando impôr á India uma Constituição de cabo de esquadra, contando para isso com o apoio dos "tenentes" -- perdão! -- dos mussulmanos, que não são mais do que a quinta parte da população hindú. E o mais curioso é que o governo britannico (não ha duvida que a Europa anda curvada ante o Brasil!) está disposto a conceder á India a autonomia provincial, deixando para o fim a criação da autoridade central. Isso é o que nós poderíamos chamar uma autonomia "por etapas", com a qual, aliás, não concordaram os chefes nacionalistas. Contudo, nós todos sabemos muito bem que essa discordancia não tem o menor valor para o governo britannico, pois ha varios seculos que os hindús se dão o trabalho de não concordar com os inglezes, sem que, com isso, consigam sua independencia. O maximo que conseguem, depois de sanguinolentas rebelliões, são pequenos obsequios no terreno juridico e social; o governo inglez não quer largar a India á sua sorte porque os afghans, vendo-a sozinha, são capazes de comel-a. E o espirito de rebeldia que, ha seculos, levantou os "mairattes", os "sikks" e os "cipayos", arrefeceu de uma vez e veio acabar na pasmaceira "no cooperating" de Gandhi.

Entretanto, prova-se agora que a pasmaceira tambem atrapalha. O governo inglez viu-se sé-

riamente embaraçado com os braços-cruzados dos hindús e...

Lá surgiu a luta entre hinduistas e mussulmanos. "Frente-unica", de brahmanes contra islamistas; hindús contra hindús, sob as vistas discrecionarias do governo inglez.

Os senhores já viram caso mais parecido com o nosso "caso"?

E' a India em pleno regime do "despistamento" ..

## O "CRACK"

**A** ANARCHIA economica e o caos monetario crearam no mundo uma situação de absoluto e universal descontentamento. Não ha ninguém, neste seculo complicado, que esteja contente com a propria sorte, porque ninguém sabe onde está o dinheiro.

Se é facto incontestado que os productos industriaes augmentaram na proporção de 3 por cento, as populações subiram na proporção de 20 por cento, e o ouro augmentou apenas em 2 por cento, ninguém sabe como arranjar uma saída para essa complicação inesperada. Sociologos e economistas, debruçados dia e noite sobre estatisticas e planos reformadores, vivem como poetas de um novo genero, escrevendo lyrismo com ares de soluções, na esperança de, ao menos por bamba, espicharem as reservas de ouro do mundo na mesma proporção da multiplicação industrial e da proliferação humana.

E' evidente que o trabalho intellectual desses pobres homens tem sido da mais desoladora inutilidade. O ouro não augmenta, pela mesma razão porque as populações não diminuem. Então pensa-se no malthusianismo — não para equilibrar a população da terra com os productos alimenticios existentes — mas para equilibrar-a com o dinheiro. Problema atrapalhante como vêem, e no qual Malthus, com toda a certeza, não pensou. Poderia elle suppôr, acaso, que entre os productos da terra, necessarios á manutenção da humanidade, estivesse o ouro? Entretanto, é isso o que se

vê: o ouro erigido em genero de primeirissima necessidade, de muito maior necessidade do que o trigo, o feijão e a banana "italiana".

Generos alimenticios, em verdade, ainda não faltam. O mundo os produz em tão grande escala que, em muitos lugares, se considera medida de alta sabedoria lançal-os ao mar ou ao fogo. O que falta é ouro para compral-os. E este a terra produz com desesperante avareza.

Dizem os livros que a gente lê na escola que o Brasil está entupidinho de ouro. Este ouro, comtudo, está sabiamente escondido no bojo de abundantes montanhas. O unico problema seria o de se ir até essas montanhas, aluil-as, e encher os bolsos. Acontece, porém, que, para desmontar esses montes são necessarias machinas custosas. O Brasil não as possui. Precisaria compral-as. Mas, para compral-as, necessitaria de ouro. Entretanto, o ouro está enterrado. Como sahir desse circulo vicioso?

Eis o que ninguem sabe. Asseguram, todavia, que bastaria apenas nós abandonarmos a politicagem e atirarmo-nos ao trabalho. Mas quem é que vae trocar as delicias da politicagem pelas agruras do trabalho?

E o mundo, desnortado, vê desmoronar a sua civilização. Bancos até hontem solidissimos vão ao "crack". Industrias paralyam-se.

Ainda hontem, um telegramma de Roma nos annunciou que a famosa fabrica de chapéos "Borsalino", uma das mais acreditadas do mundo, requereu e obteve uma concordata.

Esse desastre, porém, se justifica: se os homens perderam a cabeça para que hão de querer chapéos?

## O DRAMA DO MUNDO

**V**EJO, afinal, que não estou só nas observações que venho fazendo em torno do período anarchico, por que o mundo, atribuladamente, está passando neste momento.

José Caillaux, ex-presidente do Conselho de Ministros da França, publicou um substancioso artigo, ha pouco, em diversos jornaes europeus. O titulo desse artigo vem mostrar que eu não andava errado quando, ha cinco mezes, escrevinhei aqui que o mundo estava literalmente perdido, por ter falhado por completo a intelligencia do homem. Assegurei, abundando em ponderosas considerações de alta sociologia, que o governo do mundo devia ser entregue aos animaes, uma vez que o homem acabara da provar a sua indiscutivel incapacidade para pôr o mundo no eixo.

Caillaux, intitulado o seu artigo "O fracasso da intelligencia humana", pinta um quadro negro da actual sociedade, levada a um abysmo pela incompetencia do homem, e chega a temer as predicções de Spencer e Renan que asseguravam, ha alguns annos, estar a civilização ameaçada de fundir-se numa éra de "rebarbarismo".

Ao mais superficial dos observadores do actual panorama politico e social do mundo, não terá passado despercebida, com effeito, a pressão que a barbarie exerce contra a Civilização e, o

que é peor, com formidaveis desvantagens para esta. O homem civilizado, o homem intelligente, o homem culto, apavora-se com o phenomeno anarchico que convulsiona o mundo e, impotente para enfrontal-o e exterminal-o, pende os braços inuteis na mais aparvalhada das attitudes.

O proprio Caillaux, que é um dos expoentes dessa civilização e dessa cultura, anda apavorado com a complicadissima situação creada no mundo pela guerra européa e pelo regime capitalista e preconisa, como remedio miraculoso, a extincção do regime do padrão-ouro e a instituição da moeda-prata.

O negocio não seria mau. Segundo affirmação do regime do padrão-ouro é a instituição da gmentou numa proporção de 3 por cento, emquanto o ouro cresceu apenas na proporção de 2 por cento, com o que as transacções internacionaes acabaram por asphyxiar-se na camisa de força da moeda". E, em verdade, o "pivot" da anarchia universal está ahi, no drama economico e na tragedia financeira. Tudo quanto é ideologia maluca sáe do problema do ouro que ninguem sabe por onde anda. Os extremistas da esquerda affirmam que elle está nos bolsos dos capitalistas e querem ir buscal-o a todo custo. Mas os capitalistas affirmam que o dinheiro não está com elles; deve andar por ali, naturalmente com os vizinhos. Então as nações se entreolham, desconfiadas. Onde estará o ouro? Aqui ou alli? Os vizinhos, temendo um assalto, armam-se. Os outros promovem desarmamentos, mas ninguem vae nisso. Então levantam-se barreiras alfandegarias. Pingam umas moedinhas, que não che-

O CONFLICTO PERU'-COLOMBIA



Maxima moderna: "Se queres o respeito, faze uma guerra"

gam.. Os que estão com fome, gritam. Fundam partidos, protestam, ameaçam, dão tiros...

É o dinheiro não aparece. O Canadá, não encontrando quem lhe compre o trigo e a madeira, joga tudo ao mar. A Inglaterra inutiliza toneladas de carvão. O Brasil queima café. Os "chomeurs" entopem as ruas da Europa. Chineses morrem de fome.

Onde está o dinheiro ?

Estará em Marte? Em Jupiter? Na Lua? Ninguém o sabe. A unica coisa que se sabe é que tudo está errado.

Pede-se, pois, a Jehovah o obsequio de passar uma esponja nisto e fazer tudo de novo.



## ESTHETICA FASCISTA

**E**NTRE a enxurrada de telegrammas chegados do exterior nestes ultimos dias, houve um que mereceu destaque e está pedindo comentarios.

E' aquelle que nos põe ao par destas coisas absolutamente imprevistas:

"Roma — O "Duce" reuniu hontem em seu gabinete a commissão de medicos que nomeou para estudar a moda feminina, de modo a tornal-a mais adequada ao bem estar e á saude. E' intenção de Mussolini, tambem, combater a excessiva magreza das mulheres, bem como as gorduras exageradas".

Se o fascismo fosse um regime puramente italiano, nós nada teriamos que vêr com essa gravissima questão de esthetica e eugenia. Mas, como nós por aqui estamos arriscados a cahir nesse regime por sermos terrivelmente nacionalistas (isto parece paradoxo mas não é, porque na Republica Nova não ha mais paradoxos) vale a pena demorarmos a atenção nesse assumpto que, por aquelle motivo, deve merecer de nós um carinho especialissimo.

Sabe-se, pois, pelo original communicado de Roma, que o "Duce" exige, para as mulheres, "toilettes" adequadas ao bem estar e á saude. E

sabe-se, tambem, que o super-ditador não quer vêr mais, na Italia, mulheres muito gordas, nem muito magras.

Vamos, pois por partes.

1.º) — Todos os hygienistas do mundo são accordes num ponto, a respeito de roupas: quanto menos melhor. Foi desse ponto de vista que surgiu o nudismo, a “Nackt-Kultur” na Allemanha e, dahi, se espalhou pela Escandinavia e pela França, com fortes probabilidades de se alastrar pelo resto do mundo. Quem percorrer as paginas pagãs da “Lachendes Leben” e vir aquellas multidões de homens, mulheres e crianças absolutamente em pêllo, ao sol e á chuva, sobre a relva ou sobre a neve, grimpadas em arvores ou immersas em lagos, numa vida sadia de ingenuo primitivismo que faz escancarar de assombro os nossos canalhissimos olhos tropicaes, ha de concordar em que, com effeito, o nudismo integral é a melhor therapeutica para todas as complicações organicas que affligem a humanidade. Se os medicos do “fascio” quizerem mesmo produzir uma raça forte, aproveitem os poderes discricionarios de que dispõem e resolvam o problema do “com que roupa?” despindo as mulheres e os homens e acabando de vez com a “rachitis” — molestia caracteristica da civilização, isto é, do uso de roupas. Não sei se os latinos seriam capazes de praticar esse novô culto de hygiene e de belleza moral, com a mesma frieza com que a pratica a gente algida das margens do Baltico. Mas, se os medicos aconselharem e o ditador quizer — ah! meus amigos! — os alfaiates e as modistas que se arranjem como puderem.

# O DESASTROSO PROGRAMO HITLERISTA



*Salomão:* — Meu caro! Eu tenho oito seculos  
de resistencia...

2.º) — A segunda parte do telegramma é uma sequencia da primeira. O fascismo não quer ver mais, em toda a península, mulheres muito gordas, nem muito magras. O bello paiz da Arte vae, pois, transformar-se numa succursal de Hollywood, com Lubitchs e Murnaus draconianos impondo terrificantes jejuns ou arrazadoras gymnasticas ás “estrellas” enxundiosas ou escanifradas. Os homens que gostam de mulheres magras, e aquelles que só se apaixonam por mulheres gordas, estão passando momentos de verdadeira angustia com a standardização da plastica feminina num meio termo exasperante. Mas isso é, apenas, uma pifia razão sentimental ou uma freudiana aberração do instincto, de que a Esthetica fascista não toma conhecimento. E’ urgente abolir (porque a moda o quer e o Ditador o exige) as rotundidades e angulosidades excessivas. E tudo o mundo cantará:

“Gosto de mulher magra mas não é muito. . . ”

Ora, sendo assim, vê-se que o fascismo não é tão feio como o pintam. Com nudismo integral, ou com semi-nudismo, o facto é que as mulheres vão acabar, no futuro, perfeitamente eguaes na sua contextura physica, como aquellas uniformes e desnorteantes bailarinas de Flo Ziegfeld ou de Larry Ceballos!

Que venha, pois, o fascismo! Não pela metade, como o querem alguns, nipponicamente, mas o fascismo inteiro, completo, absoluto!

Vamos acabar todos nós com a mão no bolso!

## “CHOMAGE”

**O** “HERALD TRIBUNE” noticiou, ha dias, que, nos Estados Unidos existem, este anno, vinte e um millionarios mais que em 1931. De quinhentos e quarenta que havia no anno passado, esse numero de bemaventurados elevou-se a quinhentos e sessenta e um.

Em compensação — neste mundo ha compensações para tudo! — o numero dos “sem trabalho” augmentou em alguns milhares nos Estados Unidos dentro daquelle espaço de tempo.

Isso, comtudo, é apenas um indice da situação geral do mundo, porque os “sem-trabalho” estão se multiplicando por toda parte, sem que os governos encontrem um meio de dar uma solução a esse problema cabuloso. O homem, que creou a Machina para que esta fosse sua escrava, acabou se escravizando a ella, irremediavelmente. Foi a Machina que, substituindo o homem no trabalho, atirou o seu creador para as sargetas, sem um pedaço de pão, obrigando-o a represalias violentas que têm enchido de sangue as ultimas paginas da historia do Mundo. E, de todos os lados surgem alvitres. Sociologos e economistas, debruçados sobre livros poeirentos, procuram soluções. Em cada cerebro surge uma idéa, de cada labio brota um conselho, de cada assembléa consulta um plano. As idéas são bôas; os conselhos

são optimos; os planos são magnificos. Todavia, os "sem-trabalho" vão se multiplicando por toda a parte.

Ha governos que os auxiliam com donativos, outros com refeições, alguns com roupas e todos com esperanças. Fé e esperança, comtudo, não resolvem problemas immediatos e nem substituem um prato de sopa e um pedaço de pão. E os "chomeurs" uivam, protestam, reagem, aggridem, destróem e, muitas vezes, matam.

E onde succedem essas coisas?

Nos paizés industriaes. Entretanto, o "chômage" parece ser um problema interessante; constantemente se ouve dizer que os paizes devem marchar para o industrialismo porque a época agraria já passou. O "rumo aos campos" transformou-se em "rumo ás fabricas" que, por sua vez, com o andar do tempo, se transmutará em "rumo ao olho da rua". Vamos desertar os campos, superlotar as fabricas e multiplicar as legiões de "parados".

Mas, dir-se-á, tudo tem remedio porque "Deus é grande". E, com effeito, os remedios existem e, de vez em quando apparecem.

Ainda agora a Allemanha apparece com um dos mais efficazes. Presume-se que seja de uma infallivel efficacia porque já o estão pondo em pratica.

Em Berlim, segundo noticia o "New York Herald", num de seus ultimos numeros, a alta sociedade está se organizando num intenso "movimento asceta" que consiste em renunciar ao uso do vinho, da cerveja e do fumo para applicar o dinheiro gasto nesses pequenos vicios, no soccorro aos milhões de patricios sem trabalho.

Isso quer dizer que se pretende resolver o complicado problema, realizando uma especie de "changez de place", dando-se dinheiro a uma legião de "sem-trabalho" e augmentando, ao mesmo tempo, essa legião, com milhares de "sem-trabalho" novos. E' o que se póde chamar, com toda justiça, uma emenda peor do que o soneto: os "sem-trabalho", apesar de terem mais um pedaço de pão por dia, continuarão sem trabalho; a alta sociedade continuará a gastar seu dinheiro sem o prazer de toniar um piléquezinho de vez em quando; e todos aquelles que trabalham nas fabricas de cerveja, de vinho e de cigarros serão, devido ao decrescimo de consumo, postos no olho da rua, sem appello nem aggravol! Como se vê, todos sáem perdendo.

O unico que ganha, nesta éra de confusão e de incompreensão geral, sou eu, que vou arranjando um solido material para a minha collecção de disparates...

## A "LEI SECCA"

**A** FORMIDAVEL campanha que ora se desenvolve nos Estados Unidos contra a "lei secca" está assumindo proporções épicas.

A ultima adhesão que os "humidos" acabam de receber é a de Rockefeller, que declarou, contrariando a opinião de Gandhi, que a lei de prohibição é hoje, o maior factor da criminalidade no paiz dos dollares. Em parte o velho millionario tem razão, pois a proliferação dos "boothleggers" e "gangsters" tem sido arripicante; e os dramas com que o contrabando de alcool está enchendo os annaes da policia, tem enchido de susto mesmo as pessoas mais insensíveis a emoções semelhantes.

Afinal, pensando-se um pouco na questão, vê-se logo que o prohibicionismo não beneficia a ninguém, porque os paus-d'agua continuam tomando seus pifões habituaes e, o que é peor, com bebidas feitas clandestinamente, em que o alcool, a mór parte das vezes, não passa de um elegante pseudonimo do veneno. Cidadãos pacientes chegaram a organizar trabalhosissimas estatisticas para mostrar que, sob o regime da lei Volsteahd, se bebe tanto na Norte America como se bebia antes. A unica vantagem da "lei secca" foi enriquecer uma legião de cavalheiros espertos e intoxicar outra legião de cavalheiros ingenuos, aquelles fa-



bricando bebidas e estes comprando-as, os primeiros caminhando para a fortuna e os segundos marchando para os hospitaes.

Isso, comtudo, não impede que os “irmãos da ópa” prosigam no seu culto a Baccho. Continuam bebendo, com grande desespero do governo que, escravo da lei, se vê na dolorosa contingencia de dispender milhões de dollares para obrigar contrabandistas e beberrões a trilhar o caminho santificador da abstinencia. Todavia, nem todo o mundo, mesmo na puritana America, alimenta ambições acerca do reino dos céos; emquanto se viver na terra é preciso aproveitar o que ella nos dá de bom. E depois — argumenta-se — a propria Biblia aconselha o uso do alcool, pois Christo, offerecendo vinho aos seus discipulos, exclamava: “Bebei! Este é meu sangue”.

E, com isso, as legiões de “hemóphilos” multiplicam-se, porque ficou estabelecido que a palavra “vinho”, como aliás milhares de outras se empregava no Novo Testamento em sentido figurado. Vinho e alcool, é tudo a mesma coisa. E, assim sendo, a carraspana era um acto perfeitamente legal, aconselhado até pela Biblia, que é a Lei das leis. E se Jehovah não castigou Noé, porque motivo se castigariam os seus discipulos “yankees”?

Começaram as contravenções. E surgiram os ardis e os “trucs” para conseguir-se o alcool que, tinidamente, se escondera em porões sombrios ou em inaccessiveis prateleiras de pharmacias. Um desses ardis deu motivo ao seguinte episodio relatado por um jornal da Hespanha:

Um infeliz cidadão decide-se a tomar um píleque. Para conseguir o alcool dirige-se a uma pharmacia.

— Não posso servir-o, exclama o droguista. Estou autorizado a vender alcool unicamente ás pessoas que tenham sido mordidas por cobras.

— E o sr. poderia informar-me onde se encontra a cobra mais próxima?

Em troca de um dollar o desesperado cidadão obtem o endereço da serpente. Dirige-se para lá. E fala ao dono da "preciosidade":

— Disseram-se que o sr. possui uma cobra. Seria possível que ella me mordesse?

— Perfeitamente! Com todo o prazer. Mas só se o sr. voltar daqui a quinze dias.

— Quinze dias?! Que horror! Não poderia ser antes?

— Sinto muito, cavalheiro. Mas a minha pobre serpente está compromettida até o dia 20.

## O ALCOOL E O CRIME

**Q**UANDO eu digo que o mundo, hoje, está completamente virado pelo avesso, ainda ha pessoas que duvidam da integridade das minhas faculdades mentaes!

Entretanto, tenho desfiado aqui, neste canto de pagina, ha alguns mezes, um verdadeiro rosario de maluquices que passam ali por fóra como coisas absolutamente certas e normaes. Abstenho-me de recapitulal-as, pois não me sobraria espaço para tão cyclopica façanha. Todos sabem, porém, que o mundo deve andar com um parafuso de menos, ou com milhões de parafusos a menos, rolando pelo vacuo, não mais com aquella regularidade e precisão astronomicas de outros tempos, mas aos pulos e solavancos, ameaçando collisões tremendas com os astros mais proximos e pondo as regiões sideraes em franca polvorosa.

Ha, por toda parte, uma incompreensão absoluta, um malestar indisfarçavel, uma desconfiança geral e, enquanto os povos se olham com animosidade, os individuos se entreolham com desconfiança. Ninguem acredita em ninguem. As palavras, dia a dia, perdem o seu sentido natural, etymologico, e as proprias acções humanas vão indo pela mesma trilha. O que era bom hontem, hoje não o é mais; o que era mal passou a ser bom. A virtude ingressou no ról das coisas

imprestaveis e a honestidade é attributo dos “trouxas”.

— Aquelle sujeito, outro dia, achou vinte mil réis num bonde e entregou-o ao dono!

— Mas que trouxa!

E tudo vae indo assim, destrambelhadamente, fóra dos eixos, fóra do senso commum, fóra da logica!... Todos estão de accôrdo em que tudo isso está errado. Quanto a esse ponto não póde haver duvida nenhuma. Nós somos uns malucos mais ou menos lucidos, porque temos consciencia da nossa maluquice. O diabo é que, apesar disso, não sabemos refreial-a — ou por não podermos fazel-o ou então porque somos os primeiros a achar graça nos nossos disparates.

Antigamente não era assim. Em outros tempos, por exemplo, todos os criminologistas eram accordes em que o alcool era o principal factor da criminalidade. Ninguem discutia mais esse principio que, por força de successivas confirmações praticas, acabou tendo a infallibilidade de um dogma. Todo o “pau d’agua” era, por via de regra, um predisposto ao crime ou ao manicomio. Descobriu-se mesmo que, entre cem criminosos, noventa eram alcoolatras. Essa porcentagem alarmou a sociedade que se via, assim, exposta ás possiveis delinquencias dos “irmãos da ópa”. E fundaram-se Ligas Anti-Alcoolicas, Sociedades de Temperança, desenvolvendo-se campanhas contra o uso e o abuso do alcool, mostraram-se, em cartazes polychromaticos, os horrores do alcoolismo, enfim, a campanha foi tão intensa em todo o mundo, que levou os Estados Unidos a um gesto decisivo, absolutamente louco: a creação da Lei Secca.

Morte ao alcool! Mas morte de verdade, sem rhetoricas nem euphemismos!

O alcool extinguiu-se nos Estados Unidos.

Logicamente, num sylogismo natural e consequente, se acabaria nesse instante a criminalidade.

Isso, todavia, se no mundo houvesse lugar para a logica. Mas não ha. Tanto que Rockefeller, falando a um jornalista, a proposito da campanha norte-americana pró-alcool, exclamou:

— A Lei Secca na Norte America, só tem servido para uma coisa: augmentar a criminalidade!

E “voilà”!

O alcool augmenta a criminalidade, mas a falta de alcool tambem a augmenta.

A verdade, porém, é que mesmo antes de Noé ter inventado o pileque, Caim já havia inventado o crime...

## COISAS DA U. R. S. S.

**T**UDO quanto se escreve sobre a Russia bolchevista é lido, devorado com avidez. E, como eu preciso de leitores para este canto de pagina, tambem vou tratar do caso. Apenas, como eu nunca estive na terra de Lenin, não vou contar o que vi no eternamente mysterioso paiz. Limitar-me-ei a contar o que os outros viram — o que aliás já não é pouco. Entre esses depoimentos ha um que merece divulgação neste cantinho essencialmente sério. Ou, melhor, o que se vae divulgar aqui é apenas um pedacinho desse depoimento, o pedacinho mais humorístico e, por isso mesmo, o mais doloroso. E' um trecho da grande reportagem levada a effeito na U. R. S. S. pelo jornalista polaco A. Malewsky e publicada nos principaes periodicos europeus por intermedio da Agencia Central, de Berlim.

A. Malewsky esteve dois annos na Russia e conseguiu viver, como operario, dentro da aristocracia russa, a famosa "aristocracia operaria", que é, aliás, a unica nobreza existente naquellas terras complicadas.

Depois de narrar como conseguiu arranjar uma residencia em Moscou — esta "residencia" era apenas o banheiro de uma casa de commodos onde se amontoavam familias sobre familias — Malewsky nos narra a estranha aventura que lhe

sucedeu logo que pôde arranjar um quarto espaçoso. Ahi lhe appareceu uma rapariga, á qual o jornalista havia dirigido uns olhares ternos e, com a sua trouxinha de roupas sob os braços, installou-se no seu quarto. Ali ficou com elle e, quatro dias depois, avisou-lhe que acabava de requerer o divorcio.

— Hein? Que divorcio, se nós não somos casados?!

— Como não? atalhou a garota.

E explicou que, na nova Russia, era bastante duas pessoas de sexos differentes viverem juntas alguns dias sob o mesmo tecto, para que se considerassem casadas.

— E estamos agora divorciados?

— Exactamente. Fui á officina e consegui o divorcio.

E explicou que, em vista disso, a residencia, desd'ahi, pertenceria aos dois. Elle, se quizesse continuar na casa, poderia fazel-o. Ella porém, continuaria ali, como co-proprietaria da habitação.

Malewsky narrou o estranho caso a um compauheiro de officina e este, para consolal-o, contou-lhe a sua historia sentimental, ao mesmo tempo dolorosa e picaresca. Traduzo aqui esse trecho:

“Parece que Nicolaiev se casou ha um anno justo, como Deus manda, isto é, na igreja de sua aldeia natal no Caucaso, e foi com sua esposa trabalhar em Moscou. Tiveram sorte porque encontraram logo uma pequena habitação de oito metros quadrados. Ao fim de um mez, porém, a mulher, influenciada pelo ambiente da cidade, communicou ao marido que ia divorciar-se, porque se

apaixonára por outro homem. Confessou-me Nicolaiev que chorou quando soube disso, porque não conseguiu ainda arrancar de seu peito a inutilidade burgueza de amar a sua mulher. Divorciaram-se; mas tanto ella, como elle, tinham direito ao quarto em que viviam, pois, não se encontrando outro para nenhum dos dois, continuaram vivendo ali mesmo. E chegou o dia das bodas com o outro... O outro veio, installou-se com a mulher... do ex-marido, enquanto este continuou no mesmo quarto, installado atraz de um biombol!

— E continuas vivendo ali? perguntei, consternado.

— Que fazer? respondeu-me elle, quasi com lagrimas nòs olhos. Mas tive que renunciar ao somno. Agora, saio do trabalho, vou para casa e deito-me. Mas quando os ouço chegar, ás onze ou á meia noite, visto-me e vou para a rua.

De outra forma, eu acabaria louco!

E' esse o trecho melhor da reportagem de Malewsky a proposito do problema de habitações na Russia. Um trecho tragi-comico, ao mesmo tempo grotesco e doloroso, capaz de inspirar um livro a um literato imaginoso.

Não sei se o episodio é veridico, principalmente por ter sahido da penna suspeita de um polonez. Fio-me, comtudo, na idoneidade da agencia que distribuiu a reportagem aos principaes periodicos europeus.

Quanto a você, leitor amigo... "acredite se quiser"...



## O CASO DO SIÃO

**O** VELHO reino do Sião, vinha, ha varios seculos, trilhando o seu regime monarchico absoluto e hereditario, com soberanos discricionarios fazendo o que bem entendiam, sem prestar contas a ninguem, a não ser a um inocuo Conselho de Gabinete chamado "Sanabodi" que, aliás, não aconselhava nada desta vida. De repente, porém, o velho reino percebeu que, enquanto o mundo todo marchava, elle, apathico e modorrento, conservava-se parado num recanto da Asia, insensivel ao rythmo que vem accelerando a marcha do mundo para a Chanaan social que os reformadores vivem nos promettendo ha muito tempo. E resolveu adherir á bagunça. E' evidente, porém, que, para fazel-o, precisava justificar a sua attitude, exigindo alguma coisa. E que é que o Sião podia exigir?

Laxianos, cambodgianos, hindús, malaios, emfim, toda aquella babel racial que constitúe o millenario paiz dos "Khmers", fez um longo exame da situação politica e social do paiz.

E constatou que havia, no throno, um rei integral, governando discricionariamente, com poderes illimitados.

Olhou-se em torno. E viu-se que as potencias mundiaes, cansadas de democracia e fartas de liberalismo, se atiravam todas aos braços do absolutismo, com a implantação de dictaduras, civis ou militares.

O povo siamez voltou a examinar a sua situa-

ção interna, comparando-a com as situações das grandes potencias. E houve dialogos assim:

— Afinal, que é que nos falta?

— Sim. Nós precisamos acompanhar o mundo, neste momento de renovações, mas..

— O mundo marcha para o absolutismo, para os regimes extra-constitucionaes...

— Mas nós nos achamos dentro do absolutismo, fóra das constituições...

— Isso quer dizer que elles procuram aquillo que nós já temos. E se todos acham que o absolutismo é o regime ideal, nós estamos num paraíso politico.

— Logo.. não ha motivo para fazermos revolução.

— Sim, com effeito... Mas tambem não podemos ficar quietos, disciplinados, dentro da ordem, quando o mundo inteiro cahiu nas farras da indisciplina e da desordem! Seria uma demonstração de atrazo!

— Muito bem. E' preciso agitar o paiz! Vejam o exemplo da Allemanha, da França, da Hespanha, da Russia, de Portugal, do Brasil, da Italia, da Inglaterra, do Chile, do Perú, do Equador, da Bolivia, da Nicaragua, de Cuba, do Mexico, da Guatemala, das Philippinas, da Irlanda, de todo o mundo enfim! E' a subversão da ordem, é a annullação do principio da autoridade, é a indisciplina militar e social, é a substituição de regimes, é a desordem, a confusão, o cáos! E se o mundo civilizado entende que é preciso agitar, convulsionar, virar tudo pelo avesso, não vejo razão para continuarmos aqui como os "thaii", ou como as velhas tribus que para aqui vieram no tempo da zaragaia. Se a época é de bagunças, promovamos uma! E' preciso assustar o rei!

## A REVOLUÇÃO SIAMEZA



O Sião fez, brincando, o que nós só conseguimos fazer brigando...

— Bravos! E' preciso assustal-o para nos vermos livres delle logo depois.

— E que vamos fazer, então?

— Exigir uma Constituição! O rei não ha de acceital-a. Será obrigado a abdicar e nós tomaremos conta do poder!

Acertado tudo, enviou-se um "ultimatum" ao rei, exigindo a limitação dos poderes do throno por meio de um regime constitucional e ficou-se o pé atrás, dedo no gatilho, á espera da "tempestade".

Aconteceu, porém, aquillo que os senhores sabem: o rei, muito cordato, muito camarada, achou interessante a idéa dos rapazes:

— Muito bem. Monarchia constitucional... Interessante! Estou de pleno accôrdo.

— E agora?

— Vamos ficar com o regime constitucional.

— Mas isso é um anachronismo! Nós vamos retrogradar! Precisamos urgentemente, proclamar a Republica!

— A Republica, não!

— Por que? Precisamos proclamar qualquer outra coisa! Assim é que não podemos ficar! A nossa situação politica no mundo moderno é um verdadeiro paradoxo! Então?

— Vamos pensar.

\* E lá estão os siamezes pensando, para vêr se descobrem uma solução para o seu caso estranho e com as portas do paiz escancaradas todos os "ismos" sociológicos com que a infinita parvoice humana está entulhando o mundo e complicando a vida dos povos...

## “MONEY BUYS MORE.. ”

**A** COISA mais que sabida que, sob o regime do livre cambio, o dinheiro se valoriza.

E' esse, aliás, um dos quatro axiomas dos livres cambistas, axiomas que condensam em linhas rapidas e incisivas, um verdadeiro tratado de economia politica e domestica.

Uma das muitas razões por que o povo brasileiro se debate, hoje, nesta penuria franciscana, tambem é super-sabido, provém das barreiras alfandegarias que estão asphyxiando o nosso commercio externo e reduzindo o dinheiro do povo á expressão mais simples.

Não é disso, porém, que se vae tratar aqui. Essas idéas me acudiram á memoria, quando vi numa revista alguns cartazes de propaganda das ultimas eleições realizadas na Inglaterra. Entre esses cartazes, um se destaca pela concepção interessante e inédita.

Representa elle varias senhoras, numa rua commercial, carregadas de embrulhos, e no alto estes dizeres: “Money buys more under free trade” — “Women should vote Liberal”.

A originalidade não está na phrase “o dinheiro compra mais sob o commercio livre” que, como se disse atraz, é uma verdade que todo o mundo conhece, menos os estadistas brasileiros, A

originalidade está em que as phrases desse cartaz se dirigem ás mulheres.

Por que ás mulheres e não aos homens? Por que se dirigem os inglezes ás eleitoras e não aos eleitores, quando se trata de avisar que, sob tal regime, o dinheiro vale mais?

Apenas por uma razão facil e natural, que os inglezes, magnificos psychologos, apprehenderam num apice: a mulher mais do que o homem, está em condições de dar valor ao dinheiro, não por tel-o ganho, mas por ter de gastal-o.

Parece paradoxal? Não é. Uma dona de casa que, no fim do mez tem que se haver com o vendeiro, o leiteiro, o açougueiro, o padeiro, o doceiro, o russo das prestações, o italiano dos ovos, o caipira das gallinhas, o syrio dos alfinetes, o portuguez das rosquinhas e outros cavalheiros de dia 31, a dona de casa, nessa complicadissima conjunctura, é a unica pessoa da familia autorizada a opinar sobre o valor do ordenado que o marido ganha. Ella é que sabe até que ponto os quinhentos mil réis mensaes que o marido lhe deixa no fim do mez podem valer quinhentos mil réis, ou menos. E, quando ás contas daquelles cavalheiros, vêm juntar-se as contas de remedios e livros para os garotos, ou as facturas das modistas e chapeleiras, ellas, embora não saibam o que seja cambio, nem tarifas alfandegarias, nem impostos de importação, nem livre cambismo, nem nada deste mundo, sabem que a vida está ruim porque “no mez passado o dinheiro chegou” e “neste mez o dinheiro não chega”.

E' um thermometro economico que não falla nunca, porque é instinctivo. O marido póde conhecer essas coisas todas, mas não toma conhe-

cimento dellas por falta de tempo; precisa trabalhar, cuidar de seus negocios, do seu escriptorio, dos seus clientes — ou dos negocios dos seus patrões. A mulher, porém, embora não as conheça technicamente, é obrigada a conhecel-as praticamente, porque toda a sua occupação, como dona de casa, consiste simplesmente naquillo.

Ora, o inglez, appellando para a mulher, em vez de appellar para o marido, age como um sabio, porque, na Inglaterra, a mulher faz as compras, paga-as mas não discute preços com o vendedor; vae votar no candidato que lhe promette vida barata e lhe assegura que “money buys more under free trade”.

Uns bichos na valsa, esses inglezes!

## SAUDOSISMO

**D**E ha uns dias para cá, a confusão mundial tomou um aspecto tão impressionante, que ninguem poderá prevêr em que becco sem sahida nós vamos nos metter.

E' verdade que o mundo era um becco sem sahida. Em todo o caso tinha uma entrada. E, agora, nem isso. E' um authenticico buraco — sem euphemismo nem metaphora.

O “crack” bancario norte americano veio comprovar umas considerações pyramidaes que teçi neste canto grave em torno desta these furi-bunda: ou o mundo mata o ouro, ou o ouro mata o mundo.

O raio do “vil metal”, nas suas incriveis acrobacias de sóbe e desce, e no seu esconde-esconde dentro dos bancos, está pondo a humanidade num corropio dramatico e levando-a aos ultimos limites do paradoxo economico e financeiro. Uns povos soffrem porque têm ouro de mais e outros padecem porque têm ouro de menos. Os economistas e financistas mais sabidos escancaram os olhos pavidos deante de tão desnorteante contradicção e, como se suppõe que o padrão ouro é e a base da civilização, appella-se para a força, no sentido de mantel-o a qualquer custo.

A humanidade reedita, neste seculo materialista, o episodio biblico do “bezerro de ouro”. E



## A RESTAURAÇÃO MONÁRCHICA



**“A esperança é a última coisa que se perde...”**

Jeovah, indignado com os Moysés da Wall Street e da City, lança a confusão no mundo, divertindo-se immensamente com os tremendos apuros do “homo sapiens” que, deante de tão complexos e confusos problemas, está agindo como um verdadeiro “pithecantropus” das cavernas.

O governo norte americano, deante da catastrophe, investiu-se de “poderes discricionarios” para reorganizar o systema bancario e vêr se ainda é possível arrancar o padrão ouro do abysmo em que elle rolou. O mundo, hoje, está se embandando na doce illusão de que apenas os regimes de força poderão salvar-o, quando a verdade é que não ha mais força humana capaz de deter a derrocada da civilização.

Enquanto uns avançam, outros retrocedem; á medida que uns se iludem, outros se desilludem. A unica realidade visivel, nitida, palpavel, audivel, insophismavel, indiscutivel é essa que está ahi deante dos nossos olhos escancarados de asombro: confusão!

Democracia, liberalismo, fascismo, communismo, presidencialismo, parlamentarismo, monarchismo — tudo isso não passa de brincadeiras de mau gosto com que os homens, inmensamente atrapalhados, vão augmentando a propria atrapalhação. Das cinco dynastias europeas que dominavam a Europa antes da guerra, só uma se acha de pé, fazendo prodigios de equilibrio para não acompanhar as outras em situação precaria, é um dos poucos lugares onde ainda ha ordem e disciplina. E, vae dahi, á Allemanha, atolada num fascismo super-absolutista, está sonhando com uma restauração... Tendo dado uma porção de passos á frente, está firmemente disposta a dar

um pulo para traz — o que prova que o homem é o eterno insatisfeito. Após ter applicado uma sensacional rasteira na monarchia, está tentando erguel-a do chão, pedindo-lhe desculpas pelo mau geito.

Saudosismo... Além da confusão, a realidade universal é isto: saudades. Todos nós temos saudades dos bons tempos que já se foram, quando não se falava em “realidades” dramaticas, mas apenas em utopias inocuas e em “idealismos organicos”.

Nós ainda viveremos para vêr as dynastias dos Hoenzollerns, dos Bourbons, dos Habsburgs e dos Romanoff restauradas e a de Windsor consolidada. Uma angustiosa experiencia nos provou que essa historia de dar “um passo á frente” é muito interessante nos tropos oratorios dos discursadores de “meetings”. Na realidade, esse “passo á frente” não passa de uma formidavel estopada. A Europa, sob o dominio socialista, só conseguiu um resultado visivel: crear e desenvolver o problema dos desoccupados.

Ora, para conseguir-se isso não era preciso tanto barulho...

E— pergunta-se — ás restaurações resolve-rão o problema?

“Hoc opus...”

Talvez não resolvam nada. Nesse caso, meus senhores, que cada um cumpra o seu dever: um tiro na cabeça.

## HITLER CHANCELLER

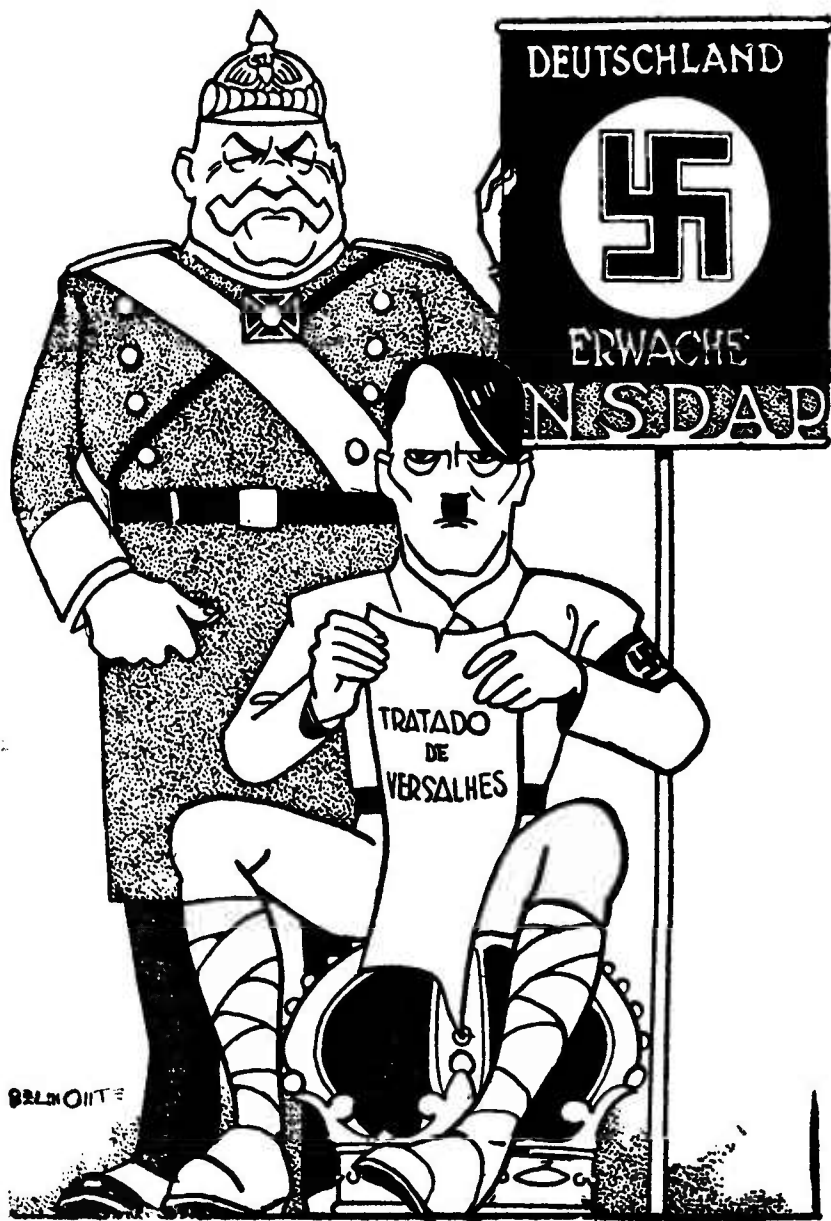
**N**ÃO sei se Hitler, além de suas idéas políticas, cultivava também as deliciosas artimanhas do humour. Comtudo, o golpe que, silenciosamente, acaba de vibrar no conservadorismo allemão e no artificialismo da politica internacional, reveste-se de um sentido profundamente humorístico.

Já estou vendo daqui, nitidamente, o leitor gravebundo arregalar uns olhos pavidos, escancarar uma bocca cheia de assombro e balbuciar aos seus botões: — Mas como? Então um dos mais graves acontecimentos politicos destes ultimos trinta annos surge ante os olhos desse chronista futil como um episodio revestido de humorismo?

Peço ao leitor impressionavel o obsequio extremo de não avançar juizos apressados e faceis. Analyseemos o caso sensacional, com a superficialidade que este espaço exige — se é que uma analyse póde ser superficial.

Passemos por alto sobre os problemas de ordem interna que os racistas terão de enfrentar. Nesse ponto o caso se apresenta tão profundamente dramatico que só em pensar nelle dá vontade de chorar. Ha na Allemanha, actualmente, perto de seis milhões de desoccupados. São seis milhões de descontentes que não se preocupam absolutamente com fascismo ou communismo, mas

UM GESTO DRAMATICO...



— Rasgo ou não rasgo?

que, todos os dias, desde manhã, se enfrentam com este problema eternamente insolúvel: comer. Elles gritaram contra o centrismo, e serviram Hitler; agora, porém, gritarão contra o hitlerismo e servirão os communistas. O estomago não conhece partidos; entre um ideal e um pedaço de pão, não ha hesitação possível. Esses seis milhões de "chomeurs" actuaes, só foram felizes no tempo do grande Imperio.

Então, esses homens fizeram-se saudosistas e exigem uma restauração. E Hitler não teve outro remedio senão prometter-lhes o 3.º Reich. Ha, todavia, que vencer obstaculos apavorantes para chegar até ahi. Entre elles, as questões de ordem religiosa, infinitamente mais cabulosas que as de ordem politica. Os nazistas são lutheranos; os centristas são catholicos; os socialistas são calvinistas e anabaptistas; os communistas são atheus... E, como se tudo isso fosse pouco, ha ainda o estuporante anti-semitismo dos "nazis". O que, tudo somnado, produz uma dessas coisas abracadabrantes que deixam o observador em estado completamente juquery.

Mas o lado humoristico da ascensão de Hitler ao poder está no seu aspecto internacional. Desenham-se ahi, innegavelmente, perspectivas sombrias, nas fronteiras allemãs com a França, a Polonia e a Tcheco-Slovania; a primeira temendo uma "revanche", a segunda apavorada com a possibilidade de um golpe no famoso "corredor" ou na Alta Silesia, e a terceira receiosa de uma nova complicação em Anschluss. Isso, comtudo não chega a obumbrar a face divertida que se apresenta ao mundo na atrapalhação incrível em que se encontram as potencias européas deante

da Allemanha fascista. Hitler prometteu, com efeito, rasgar o tratado de Versalhes; rasgar moralmente, bem entendido. Se o fizer acontecerá o que predisse um jornalista europeu: a Allemanha ver-se-á rodeada de baionetas.

Mas — e é aqui que está o caso “sui generis” — se a Allemanha se vir rodeada de baionetas, Hitler cahirá e o poder irá parar, suavemente nas mãos dos communistas. E a Allemanha nas mãos dos communistas é uma dessas coisas em que as potencias européas não querem pensar, nem sonhando. Seria uma tragedia do outro mundo!

Que fazer, então? Se concordarem com Hitler a Allemanha passar-lhe-ás um fabuloso calote e tornar-se-á uma potencia inegualavel. Se não concordarem, ali está o communismo, como um espantalho tremendo, prenunciando derrocadas francezas, inglezas, americanas. .

Não sei se as potencias, deante de tão estuporante e cabuloso problema, estão estudando um meio elegante de safar-se desse becco sem sahida.

O que posso garantir é que Hitler, a esta hora, está gosando essa épica atrapalhação...

## AS PHILLIPPINAS

**C**ADA vez que os Estados Unidos percebem movimentozinhos de mau humor nas bandas orientaes, a sua esquadra do Pacifico recebe ordens de realizar assustadores combates simulados nas proximidades da Asia, de modo a deixar bem claro, áquellas gentes impressionaveis, que, “com quem póde não se brinca”.

Ainda agora o caso se repetiu.

Cento e quarenta navios de guerra empenharam-se ha pouco, em pavorosos combates de brincadeira, combates que, apesar do oceano ser pacifico, atingiram o alvo, isto é, conseguiram arrefecer um pouco o entusiasmo de certos orientaes de animo bellicoso.

Pergunta-se, todavia, a quem pretendia a Norte America assustar, uma vez que as suas relações diplomaticas são as melhores possiveis. A pergunta poderia parecer ociosa, se não tivessem acontecido, faz pouco, dois factos que, possivelmente, se relacionem com as taes manobras.

O primeiro facto foi o termino da guerra sino-japoneza, com a assignatura de um accôrdo em que o Japão não conseguiu integralmente o que queria. Teve que contentar-se com o pouco que lhe deram, mesmo porque, lá diz um dictado portuguez que os nipponicos devem conhecer muito bem: “mais vale um passaro na mão, do que dois no



ar". O Japão agarrou no que lhe estava á mão, mas, com uma ambição muito natural, muito humana, ficou namorando os que voavam. E' claro que estes desapareceram logo. Isso, comtudo, não impediu que apparecessem outros, uns voando baixo, outros mais alto, havendo mesmo um que estava ao alcance de um sinples levantar de braço.

E assim era. Ha, muito tempo que o Japão namora as Phillipinas. O archipelago malaio constitue um magnífico ponto de apoio para qualquer politica de expansão no Oriente e seria para o Japão, não só uma inexgotavel fonte de rendas, mas tambem — e principalmente — um ponto estrategico de primeira ordem contra os imperialismos norte-americano e inglez. A principio, o Japão, usando de um velho processo seu, tentou levar a effeito a "conquista branca" por meio da emigração. Os phillipinos, porém, descobriram o plano e trancaram suas portas á invasão pacifica dos nippões. Isso não quer dizer, porém, que elles estejam satisfeitos com o jugo americano. Neste ponto, se elles pudessem, fariam com a Norte America o mesmo que fizeram com a Hespanha. Mas é evidente que isso não passa de uma fantasia absolutamente louca, porque os Estados Unidos são "um pouquinho" mais forte do que o paiz de Cid.

Só haveria, portanto, um remedio: as Phillipinas appellarem para uma potencia e pedir-lhe o auxilio para se livrarem do dominio americano. Livrar-se-iam, assim, de um jugo que as humilha, mas, por uma lei biologica, que é tambem uma lei sociologica, iriam cahir sob outro jugo — exactamente como aconteceu ha trinta annos, quando o complicado archipelago se livrou da

Hespanha... mas não se livrou do “alliado” americano. Foi essa a primeira derrota de Priino de Rivera.

O segundo caso vem a ser o projecto que appareceu no parlamento americano, pedindo a independencia das Phillipinas, devido áquelle sensacional negocio do assucar...

Os Estados Unidos, com effeito, estariam dispostos a libertar o archipelago malaio, se o diabo do Japão não estivesse lá adiante, prompto para empolgal-o quando o visse sozinho. Ora, se o destino das Phillipinas é esse, se ellas têm mesmo que viver sob o jugo de qualquer potencia, é natural que os americanos prefiram continuar a “protegel-as”, a deixal-as sob a “protecção” de outrem, principalmente quando o outro é o Japão, cujas tendências imperialistas são notorias e cujo velho odio a Tio Sam é dos mais terriveis. Perca-se o assucar, mas não se perca o assucareiro...

Os phillipinos, de vez em quando dão-se ao luxo de promover umas manifestações mais ou menos ruidosas, a que dão, com muito enthusiasmo, o nome de “rebelliões nacionalistas”. E’ claro que, a não ser elles proprios, ninguem se assusta com isso. Elles não têm uma directriz, nem uma organização, nem nada. Tanto que um publicista americano, Adams Gibbons, escrevendo para o “New York Times”, disse: “Elles reclamam a independencia “immediata e absoluta”, mas não têm a menor idéa do uso que farão de tal independencia”.

Tudo isso, afinal, parece não ter, para nós, a minima importancia. E não tem mesmo. Mas eu preciso escrever. E, quando se precisa escrever

qualquer assumpto serve, mesmo os assumptos sem importancia nenhuma para nós.

Todavia, já que eu vim até aqui, não quero terminar sem recordar uma scena do filme "A' leste de Bornéo": aquella em que Rose Hobart liberta um macaquinho das mãos de um nativo, para vel-o, quando se embrenhava nas mattas ébrio de liberdade, cahir nas garras de um tigre que o devora...

Assim é a liberdade! Quem não sabe ser forte, não póde ser livre!

Ou, em linguagem mais classica: quem não tem competencia não se estabelece.

## A IRLANDA

**C**OMO nós iamos dizendo, os Estados Unidos querem conceder a independencia ás Phillipinas, mas o parlamento phillippíno achou de bom aviso regeitar essa dadiva generosa. Preferem continuar como empregados e não como patrões.

Numa época desnorteante como a actual, os phillippinos não deixam de ter sua dose de razão, principalmente sabendo-se, como se sabe, que o momento é das ambições e que os povos mais ou menos armados andam por ahí, atraz de pretextos para conflictos rendosos.

Esse negocio de “conflictos rendosos” parece invenção minha, mas não é. As pessoas quando brigam, particularmente, de homem para homem, fazem-no por motivos geralmente sentimentaes — isto é, acabada a briga, dadas as cacetadas, disparados os tiros e derrubado o inimigo, não se procura allivial-o da carteira e do relógio. Ou se espera a policia ou se foge. Ninguém lucra nada com o “sururu”, a não ser o “prazer” de livrar-se de um inimigo, pois não se conhece ninguem que, após um “charivari”, se lembre de requerer uma acção indemnizatoria para exigir do seu contendor alguns contos de réis em troca de um olho esmurado ou de um dente feito em cacos.

Já com as nações o caso muda de figura.

Quando dois paizes lutam, o que perde, perde tudo, porque o vencedor, a titulo de indemnisação, despoja o vencido de tudo quanto póde, e mesmo do que não póde, deixando-o, após a assignatura de alguns pactos e tratados, na mais dramatica nudez. Hoje, então, mais do que nunca, com o sempre louvado progresso da Justiça e do Direito das Gentes, povo fraco que se empenhe em luta armada, acaba nú com a mão no bolso, porque o mais forte tem o direito (o direito da força, é claro) de exigir-lhe até a camisa — se é que o vencido, na hora do ajuste de contas, ainda tem camisa para despir...

Ora, sendo assim, é natural que os povos desarmados não desejem ficar sozinhos no meio de um mundo super-armadissimo. Um cordeiro entre lobos é coisa muito interessante para os lobos, não para os cordeiros. Estes têm por si, geralmente, o direito de viver — direito romantico, sentimental, fóra de moda, portanto. Os lobos, por sua vez, tambem têm o direito de viver. Os cordeiros podem viver de hervas e de brisas, mas os lobos só podem viver comendo cordeiros. E, como elles têm o “direito da força” e os cordeiros têm a “força do direito”, o resultado é acabarem os ultimos nas garras do primeiro. Nas garras e no estomago, onde se transformam em vitaminas A, B, C e D, muito do agrado dos lobos e bichos adjacentes.

E vae dahi, as Philippinas não querem saber de independencia...

A Irlanda, porém, quer a independencia. A “verde Erin”, todavia, é muito mais pratica e mais intelligente. De Valera não exige apenas a inde-

pendência politica de sua terra. Quer tambem uma indemnisação de quarenta milhões de francos porque — allega elle — o tratado de 1801, que annexou sua terra á Grã Bretanha, foi arrancado aos irlandezes pela força. E, num gesto de sensacional intelligencia, exige a independencia politica e economica. Só.

Independencia militar, não, porque, nesse ponto, De Valera deseja que a Irlanda continue sob a protecção da Inglaterra.

Como se vê, basta que a Inlandia (deixem passar o neologismo que vem de England) não concorde com esse esdruxulo protectorado para que os irlandezes acompanhem os philippinos... Ser livre é muito bom quando se é forte bastante para manter integra essa liberdade. Nesta época, porém, o negocio não é dos mais tentadores para os povos desarmados que vivem cercados de gente que tem muitas armas e muito appetite.

Se a Irlanda, como as Philippinas, não têm inimigos hoje, tel-os-á amanhã, porque estes, como a justiça divina, tardam mas não faltam..

## DESARMAMENTO

**A** FINAL, não se sabe em que dará a Conferencia do Desarmamento. Iniciada e realizada no momento em que quatro nações se degladiavam, e sem forças nem meios para impedir a carnificina asiatica e o morticínio sul-americano, a Conferencia, tropega e desmoralizada, foi marchando sem rumo nem finalidade é, já agora, na imminencia de acabar em estrondoso fracasso.

Sentem essa necessidade, não por questões sentimentaes e philanthropicas, mas apenas por que tudo isso custa caro, e nem todas as nações podem dar-se ao luxo de se encherem de armas para assustar os outros. Foram estas nações que inventaram o Desarmamentismo. As outras, não querendo passar por desmancha-prazeres, acceitaram o alvitre, mas, realizada a Conferencia, não fizeram outra coisa senão falar na "futura guerra" com uma convicção tão convincente que deixaram o mundo de cabelo em pé, na mais arripiada das attitudes.

Depois surgiram outros "casos". A Russia negava-se a satisfazer os seus compromissos com a França e a Inglaterra. Logo... a França e a Inglaterra precisavam se armar... As nações europeas, por sua vez desapertando elegantemente para a esquerda, tratavam de violar os compromissos assumidos com a Norte America. Logo... a Norte America precisava armar-se. A Allemanha compromettera-se, pelo tratado de Versalhes, a desarmar-se até onde lhe fosse possivel, desde que os seus vizinhos fizessem o mesmo. Estes não fizeram nada. Logo. a Allemanha tambem

precisava armar-se, embora o fizesse às occultas. Havia ainda o enigma russo. A republica sovietica, vivendo mysteriosamente dentro de seus muros, annunciando ao mundo coisas sensacionaes, conseguiu impressionar a Europa inteira que, ainda uma vez, achou que não poderia ficar exposta ás "intenções" da Russia... A Polonia anda impressionada com a Allemanha porque esta não concorda com o facto de subditos germanicos estarem sendo governados por polonezes que lhe carregaram um bom pedaço do seu territorio. Logo... a Allemanha precisa de armas e a Polonia tambem... A Italia quer voltar ao aureo tempo dos Cezares quando Roma dominava o mundo. Mussolini sonha uma Italia maior do que uma Europa. Logo. . a Italia não póde desarmar-se.

O Brasil tambem compareceu. Quando o Brasil chegou á Conferencia era um dos paizes mais desarmados do mundo. Mas, por um desses desnorteantes caprichos do destino, quando o Brasil deixou a Conferencia do Desarmamento era, e é agora, um dos paizes mais armados do mundo. O caso do Brasil, porém, não é um caso unico. Varias outras nações compareceram á Conferencia em petição de miseria bellica mas, deante das coisas sensacionaes que ouviram, foram tratando de pôr as barbas de molho e armarem-se tambem.

Assim, pois, quando a Conferencia do Desarmamento terminar o mundo estará super-armado!

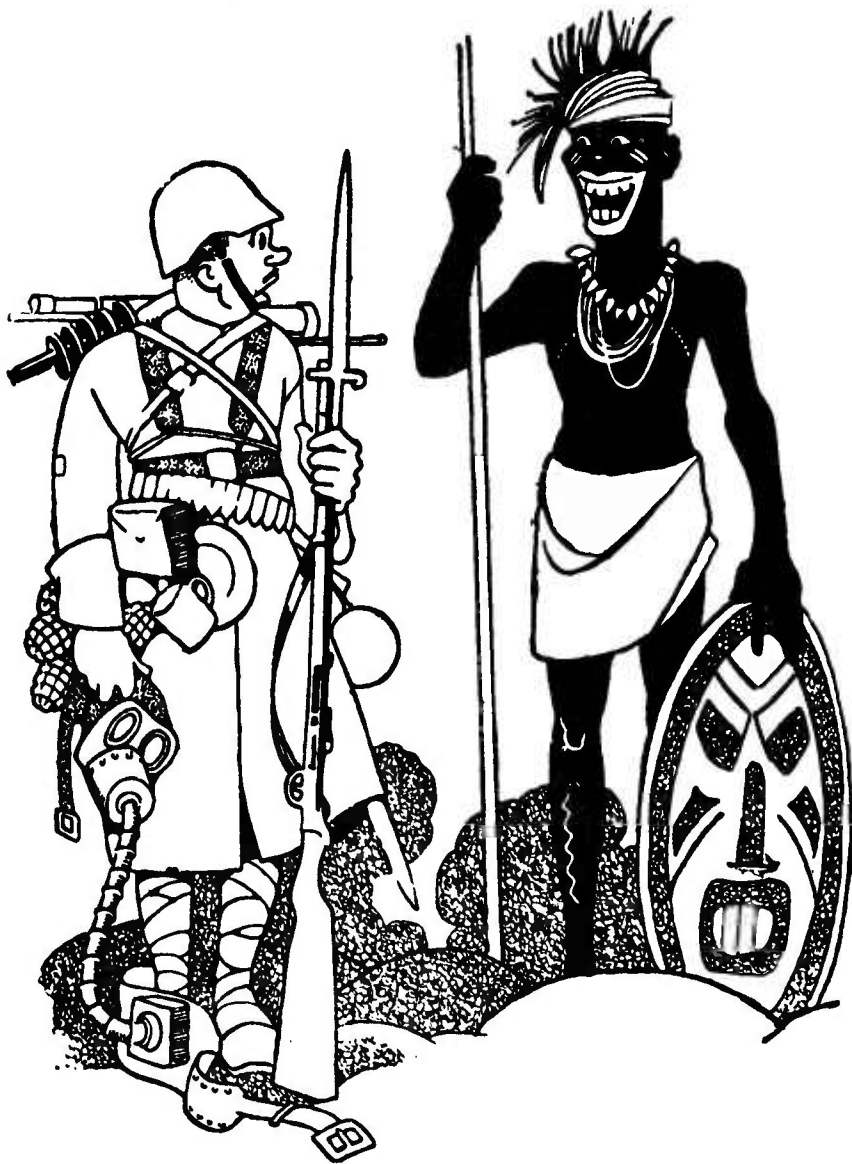
Ora, as armas foram feitas para matar e não para se enferrujarem. Que fazer, pois, com tanto armamento?

Uma nova guerra. Morram os homens, que não custam nada, mas aproveitem-se as armas, que custaram um dinheirão.

E digam que este mundo não é uma pandega!



A "PROXIMA" GUERRA...



O Zulu — Nesse andar, meu caro civilisado, nós ainda nos encontraremos...

## SUPER-MALTHUSIANISMO

**A** FRANÇA, na fôrma do costume, anda alarmada com o decrescimo da natalidade. E, desta vez, ella não se alarma apenas com a grêve dos pães em França, mas lamenta, com lagrimas nos olhos, que os belgas, os inglezes, os escocezes, os russos, os techeco-slovenos e até os italianos estejam seguindo o “mau exemplo” gaullez e oppondo barreiras scientificas á reproducção biologica da especie humana.

Eu não compreendo esses lamentos, nem encontro razões que os justifiquem. Qual é a necessidade dos nascimentos? Por que estranhas razões havemos de nos obrigar a encher o mundo de gente?

Dir-me-ão as pessoas ponderadas que isso é necessario para que o mundo não se despovoe.

Mas, meus amigos, é justamente para que o mundo se despovoe, que eu achó justa, logica e humana essa grêve geral contra a producção de crianças. Não se pense, porém, que eu seja malthusianista.

Não. Malthus foi muito interessante ha cincoenta, ou ha vinte annos atraz. Hoje o malthusianismo não passa de uma lei obsoleta e anachronica, incapaz, como certas doutrinas politicas, de “consultar ás nossas realidades”. A minha doutrina é mais avançada pois não se funda, como

aquella, em principios economicos, e não tem nada que vêr com o problema da subsistencia das populações.

No tempo em que Malthus viveu, as populações cresciam segundo os termos de uma "progressão geometrica", enquanto os productos de alimentação tendiam a crescer segundo os termos de uma "progressão arithmetica". Essa disparidade alarmava o cauteloso "clergyman" anglicano que, temeroso pela sorte das populações futuras ameaçadas de morrer de fome, propoz a limitação racional da natalidade.

Ora, até hoje, um seculo depois, os productos de subsistencia não faltam, mas, pelo contrario, abundam. O que tem havido é, apenas isto: enquanto as subsistencias crescem, numa progressão geometrica, a intelligencia humana cresce em progressão arithmetica. Isto é, a producção de generos augmenta na mesma proporção em que a solidariedade humana diminue. Os Estados Unidos arrojam ao mar toneladas de trigo, enquanto na China, milhares de individuos morrem de fome. Ha governos que protegem a industria de colchetes ou de sedas e guerreiam a agricultura. No Brasil, a lavoura encontra-se desamparada, enquanto se protege, com tarifas camaradas, a fabricaçção de gravatas e de soutien-gorges! As nações fecham-se num circulo de ferro, num super-nacionalismo feroz que as colloca frente a frente, como inimigos irreconciliaveis, e que dá em resultado revoluções internas que se estendem por toda a parte e que parece não terem fim.

E o mundo todo, alarmado comsigo proprio, arma-se cada vez mais. A solidariedade humana fugiu da face da terra. Os estadistas falam, amea-

cando. Os diplomatas encolhem-se, assustados. Em cada face humana ha dois olhos escancarados, esperando. Em cada cerebro, desenha-se uma interrogação apavorada. O futuro é uma porta aberta sobre um abysmo. E, de Paris ao Thibet, de Londres a Mombassa, de Nova York á Patagonia, de extremo a extremo, de Polo a Polo, em todas as linguas murmura-se esta interrogação angustiada:

— Qual será o fim disto tudo ?

E ninguem sabe responder...

Ora, como viver assim, num mundo assim, de gente assim? Nós, que já estamos aqui, e que somos os causadores dessa épica bagunça, não temos outro remedio senão aguentar firmes. Mas é innegavel que isso tudo está errado e que esta geração levou o mundo a uma fallencia fraudulenta e irremediavel.

Cesse-se, pois, a procreação. Extingamos o homem. Façamos esforços para que, dentro de oitenta annos, não haja um "homo sapiens" sobre a face da terra.

O mundo que fique entregue aos animaes. Talvez elles, com seu instincto, consigam endireitar esta bola que nós, com a nossa intelligencia, levamos oitenta seculos para destruir...

## DE ONDE VIEMOS?

**O**S paleontólogos e antropologistas da Inglaterra, na falta de outra coisa em que se occupar, resolveram reiniciar discussões acerca da origem do homem. Ha quem considere o estudo desse problema muito util á humanidade, mesmo numa época destas em que mil outros problemas atormentadores estão ahi desafiando a lamentavel intelligencia humana e exigindo soluções urgentes.

De onde viemos ?

Assegura-nos o Velho Testamento que somos uma criação divina. E' claro, porém, que ninguem acredita nisso, pois não seria concebivel que Deus, tendo creado coisas tão bellas e tão boas, fosse perder tempo produzindo essa coisa chimfrim e pifia que se chama, soleunemente, o Homem. Não. Eu sou dos que não acreditam no mau gosto de Jehovah e prefiro, nesse assumpto, a companhia de Darwin, Haeckel, Buchner e outros preclaros sabios que têm creado, em torno desse problema, as mais interessantes confusões.

Darwin, apresentando ao mundo, a sua famosa "origem das especies" lançou as bases da theoria evolucionista, segundo a qual o homem seria apenas un macaco "evoluído". Mas, como essa "evolução" parecesse, aos scepticos, ter se proces-

sado com muita rapidez, allegaram os evolucionistas que, entre o homem e o macaco, havia um typo intermediario, já desaparecido da terra, o "Pithecantropus". Essa especie de solução pareceu bôa a muitos estudiosos do assumpto, principalmente depois que se descobriram ossadas mysteriosas, entre as quaes as de Heideiberg, reconhecidas por Dubois como pertencendo ao fallecido "anthropithecus". Mas o que ninguem soube explicar claramente foi o desaparecimento mysterioso do tal typo intermediario. Limitaram-se a chamal-o, gravemente, de "elo perdido" e ficaram muito satisfeitos com isso.

Houve muitos sabios, porém, que não concordaram com essa solução commoda. Enquanto Moleschott assegurava que a "Darwin foram mais favoraveis os homens que os factos" e Lecomte affirmava com infinito desdem que o systema de Darwin não passava de "um romance scientifico", outros pendiam os braços, num incommensuravel desanimo. E' claro porém, que ninguem desistiu de procurar o alpha da progenie humana e toda essa gente começou a escrever livros sobre livros, uns agarrados á theoria do transformismo de Lamarck, outros ao evolucionismo de Darwin, outros ainda á geração espontanea, todos elles expondo com muita sinceridade, concatenando idéas com muita clareza, estribados em hypotheses scientificas muito respeitaveis e realizando, assim, uma admiravel trapalhada.

Que o grave problema não está satisfatoriamente resolvido, prova-o o facto de não haverem esses sabios todos chegado a uma conclusão definida e definitiva, não se sabendo pois, com a "certeza positiva" que Haeckel exigia, de onde foi que

nós viemos e como viemos. Mesmo na hypothese da geração espontanea — “ultima ratio” dos que se desilludiram do transformismo e do evolucionismo — fica a gente sem saber como veio a este valle de lagrimas; garantem-nos que viemos de um minusculo protoplasma, de uma bactéria, de um átomo, de qualquer coisinha organica, informa, difusa, imponderavel. . Mas ninguem nos explica de onde veio esse microorganismo e onde foi elle adquirir essa coisa atrpalhante que se chama Vida.

E as pesquisas continuam. Neste momento solenne, legiões de cientistas hão de estar debruçadas sobre “infolios” graves nas suas bibliothecas, ou sobre combinações chimicas mysteriosas nos seus laboratorios, procurando enxergar, daqui, um mysterioso microorganismo que se occulta lá longe, a seis mil annos de distancia, através de trevas impenetraveis — enquanto sob as suas janellas passam legiões de homens em desespero, ululando por um pedaço de pão e, em torno, os governos, apavorados, interrogam os céos á espera de uma solução para o grande drama.

Não ouvem os gemidos dos que não têm pão, os soluços dos que não têm lar, as imprecações dos afflictos, os uivos dos revoltados, as blasphemias, as apóstrophes, as ameaças que estrondejam nos ares pavidos e rebôam pelos quatro cantos do mundo...

Os sabios não ouvem o clamor tumultuario. Encerrados nos seus gabinetes, estudam e se esforçam para responder a esta pergunta:

— De onde viemos ?

Quando seria mais racional que, acordando desse sonho inutil, nos respondessem a esta outra:

— Para onde vamos ?





## INDICE

Prefacio.	3
-----------	---

### ASSIM FALOU...

Literatura	11
Engordar	14
A bondade.	17
A cidade e os campos	20
Os nossos amigos	22
Cartas de amor	26
Os cães que uivam.	30
Os loucos	33
Ladrões...	36
A astronautica	38
Magras e gordas.	42
Requerimento.	46
O nosso hymno.	50
O samba	53
Loiras ou morenas?	56
Do Ministerio á Academia	60
Um homem sensacional	64
O Povo . .	68
Os civilizados. .	71
O chapéo na cabeça	74
O "snr. redactor"	77

### ASPECTOS DA CONFUSÃO NACIONAL

O novo tribunal (1931)	83
Um entendido. .	86
Cinema e censura	90
Livre-cambio e etc. .	93
"Deserto de idéas..."	98
Nacionalismo	101
A vez das mulheres	104

Theoria e prática	108
Programmas	111
Ainda os programmas.	114
Os "ismos" nacionaes.	117
"Verba, non res..."	120
Minha plataforma	123
Subsidios para a historia	128
Um grande partido .	132
O centro . . . . .	135
Brazões de armas	138
"Ne, sutor, ultra crepidam..."	141
Um bravo . . . . .	144
Historia antiga . . . . .	148
"Neste momento solenne..."	151
O "direito de insultar"	154
As graves questões municipaes	157
Não ha tempo a perder!	161
A chegada do heróe . . . . .	165
Carta a S. Paulo de Piratininga (25-1-1932) . . . . .	169

## ASPECTO DA CONFUSAO MUNDIAL

Inventos bellicos.	175
Granadas e microbios .	178
Gandhi e Krishnamurti	182
Chinezes e japonezes	186
Hindús e muçsulmanos	189
O "crack" . . . . .	193
O drama do mundo	195
Esthetica fascista	199
"Chomage" . . . . .	203
A "lei secca" . . . . .	206
O alcool e o crime	209
Coisas da U. R. S. S.	212
O caso do Sião . . . . .	215
"Money buys more..."	219
Saudosismo . . . . .	222
Hitler chancellor	226
As Phillippinas	230
A Irlanda . . . . .	234
Desarmamento . . . . .	237
Super-malthusianismo	240
De onde viemos?	243



# COLLECCAO TERRAMAREAR

Não basta aprender a ler. É preciso que se aprenda a ler! Mas ler que lição! Ler os livros da COLLECCAO TERRAMAREAR, livros especialmente feitos para crianças. Os pais não devem deixar de dar aos seus filhos todos os livros desta preciosa coleção.

AVENTURAS - VIAGENS  
HISTORIA - HEROISMOS

A VENDA EM TODAS  
AS LIVRARIAS

## VOLUMES PUBLICADOS:

**RUDYARD KIPPLING**  
I - O Rei do Monte Lindo

**ERLINDO SALGADO**  
II - O Rei do Monte Lindo  
III - O Rei do Monte Lindo

**HAYNE REID**  
IV - Os Naufragos de Bornéu  
V - Os Negreiros da Jamaica

**ERLINDO SALGADO**  
VI - Taitan, o Filho do Sol  
VII - A Vaga de Taitan

**ROBERT LARUS STEVENSON**  
VIII - O Rei do Monte Lindo

**J. TENNISON**  
IX - O Rei do Monte Lindo

**H. M. HALLANTINE**  
X - A Vila de Canto

**W. H. G. WILKINSON**  
XI - A Vila de Canto



## Cia. Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 26-28 - SÃO PAULO